



INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
CAMPUS BLUMENAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

GABRIELA BOEMER AMARAL MORETTO

A PERSPECTIVA ESTUDANTIL SOBRE A AFILIAÇÃO NO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO COM ESTUDANTES
DO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE (IFC) CAMPUS BLUMENAU

Blumenau
2025

GABRIELA BOEMER AMARAL MORETTO

**A PERSPECTIVA ESTUDANTIL SOBRE A AFILIAÇÃO NO ENSINO MÉDIO
INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO COM ESTUDANTES
DO INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE (IFC) CAMPUS BLUMENAU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Blumenau do Instituto Federal Catarinense, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Dra. Viviane Grimm.

Blumenau

2025

Moretto, Gabriela Boemer Amaral.

M845p A perspectiva estudantil sobre a afiliação no ensino médio integrado à educação profissional: um estudo com estudantes do Instituto Federal Catarinense (IFC) Campus Blumenau / Gabriela Boemer Amaral Moretto ; orientadora: Viviane Grimm. -- Blumenau, 2025.
191 p.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal Catarinense, campus Blumenau, Mestrado Profissional em Educação Profissional Tecnológica (PROFEPT), Blumenau, 2025.

Inclui referências.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Ensino Médio. 3. Juventude.
4. Estudantes – Acolhimento. I. Grimm, Viviane. II. Instituto Federal Catarinense.
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. III. Título

CDD: 374.013

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária

Shyrlei K. Jagielski Benkendorf - CRB 14/662



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
BLUMENAU - C.C. P.G. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 10910/2025 - CCPGEPT (11.01.09.31)

Nº do Protocolo: 23473.001554/2025-20

Blumenau-SC, 03 de julho de 2025.

GABRIELA BOEMER AMARAL MORETTO

**A PERSPECTIVA ESTUDANTIL SOBRE A AFILIAÇÃO NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO COM ESTUDANTES DO INSTITUTO FEDERAL
CATARINENSE (IFC) CAMPUS BLUMENAU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Catarinense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 12 de junho de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Viviane Grimm

Instituto Federal Catarinense

Orientadora

Documento assinado digitalmente



JOSIMAR DE APARECIDO VIEIRA

Data: 08/07/2025 18:46:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Josimar de Aparecido Vieira

Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Documento assinado digitalmente



STELA MARIA MENEGHEL

Data: 09/07/2025 09:18:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Stela Maria Meneghel

Fundação Universidade Regional de Blumenau

Prof^a. Dr^a. Zenira Maria Malacarne Signori
Universidade Federal de Santa Catarina

(Assinado digitalmente em 03/07/2025 14:40)

VIVIANE GRIMM

PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO

CGE/BLU (11.01.09.01.03.07)

Matricula: ###133#8

Visualize o documento original em <https://sig.ifsc.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **10910**, ano: **2025**,
tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **03/07/2025** e o código de verificação: **c52303a2ef**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
BLUMENAU - C.C. P.G. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA**

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS Nº 10907/2025 - CCPGEPT (11.01.09.31)

Nº do Protocolo: 23473.001553/2025-85

Blumenau-SC, 03 de julho de 2025.

GABRIELA BOEMER AMARAL MORETTO

**ACOLHE IFC: UM GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA ESTUDANTES INGRESSANTES NO
ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Catarinense, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 12 de junho de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Viviane Grimm

Instituto Federal Catarinense

Orientadora

Documento assinado digitalmente



JOSIMAR DE APARECIDO VIEIRA

Data: 08/07/2025 18:46:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Josimar de Aparecido Vieira

Instituto Federal do Rio Grande do Sul

Documento assinado digitalmente



STELA MARIA MENEGHEL

Data: 09/07/2025 09:18:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Stela Maria Meneghel

Fundação Universidade Regional de Blumenau

Prof^a. Dr^a. Zenira Maria Malacarne Signori
Universidade Federal de Santa Catarina

(Assinado digitalmente em 03/07/2025 14:40)

VIVIANE GRIMM

PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO

CGE/BLU (11.01.09.01.03.07)

Matrícula: ###133#8

Visualize o documento original em <https://sig.ifc.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **10907**, ano: **2025**, tipo: **DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS**, data de emissão: **03/07/2025** e o código de verificação: **1cfe145fe0**

Ao Conrado, meu filho,
presença doce que ilumina meus dias
e me inspira a acreditar em caminhos mais gentis.
Que esta jornada também semeie coragem
e amor nos teus passos futuros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a mim mesma. Pela coragem de começar, pela insistência em continuar e pela confiança silenciosa de que este caminho, embora árduo, fazia sentido. Por ter atravessado os dias difíceis sem perder de vista a luz que me guiava.

Aos meus pais, pelas raízes que me formaram e pela trajetória que, direta ou indiretamente, me trouxe até aqui.

Ao Ricardo, meu companheiro de vida, pela presença firme, pelo apoio e pelo amor que me sustentou em cada etapa desta caminhada.

Ao Conrado, meu filho, razão maior dos meus passos, por me ensinar diariamente sobre leveza, força e sentido.

Ao Instituto Federal Catarinense (IFC) Campus Blumenau, por ter sido campo fértil de pesquisa, formação e transformação.

À minha orientadora, Profa. Dra. Viviane Grimm, obrigada pela escuta, pelo rigor cuidadoso e pela confiança depositada em meu trabalho. Obrigada por ter me guiado com sensibilidade e clareza mesmo nos momentos de maior incerteza.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Campus Blumenau, pela concessão do afastamento integral, que tornou possível a dedicação a esta jornada.

Aos colegas do NuPe, minha gratidão pela compreensão e apoio durante todo o percurso.

Agradeço especialmente ao Josimar de Aparecido Vieira, a Stela Maria Meneghel e a Zenira Maria Malacarne Signori, pela participação na banca, pelas contribuições valiosas e pelo olhar atencioso à minha pesquisa.

A todos os docentes do ProfEPT, meu reconhecimento por cada aula que ampliou minha visão de mundo, por cada provocação que me fez crescer.

Aos amigos da turma ProfEPT 2023, que foram abrigo, companhia e impulso — minha gratidão pelo apoio e solidariedade em cada etapa desta travessia.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada: cada gesto, cada palavra e cada silêncio contribuíram para que este trabalho se tornasse possível.

RESUMO

Esta pesquisa está vinculada à linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica e ao Macroprojeto 3 – Práticas Educativas no Currículo Integrado do ProfEPT. Parte da concepção de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) como uma proposta formativa que integra trabalho, ciência, cultura e tecnologia, e do currículo integrado como princípio educativo orientado à formação omnilateral dos sujeitos. Nessa perspectiva, considera-se que a construção de vínculos institucionais e intelectuais — isto é, a afiliação estudantil — é elemento central para a permanência e o êxito dos estudantes no Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica (EMIEP). O objetivo da pesquisa foi analisar o processo de afiliação estudantil de estudantes do Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campus Blumenau, considerando os desafios enfrentados na transição escolar e as estratégias utilizadas por eles durante o processo de adaptação e integração institucional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada e caráter descritivo. Participaram 27 estudantes dos cursos técnicos integrados em Eletromecânica e Informática, além de dois ex-coordenadores de curso e três servidores do Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional (SISAE). A geração de dados ocorreu por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas, organizadas em eixos temáticos. A análise, com base na Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), considerou categorias *a priori*, fundamentadas no referencial teórico “tempo de estranhamento”, “tempo de aprendizagem” e “tempo de afiliação”, e *a posteriori*, como a categoria emergente “tempo de hesitação”. Os resultados evidenciaram que a transição para o EMIEP representa uma travessia complexa, marcada por exigências pedagógicas e pelos desafios próprios da juventude. As narrativas dos estudantes revelaram sentimentos ambivalentes e destacaram tanto o reconhecimento do IFC como espaço de desenvolvimento quanto as fragilidades institucionais no acolhimento. A afiliação estudantil mostrou-se como um processo contínuo que depende do engajamento dos estudantes e do suporte institucional, sendo influenciado por fatores como organização curricular, práticas pedagógicas e atuação dos setores de apoio. Ressalta-se, ainda, a necessidade de políticas permanentes de acolhimento que reconheçam os estudantes em sua integralidade. A partir da análise foi elaborado o guia “Acolhe IFC: um guia de orientação para ingressantes do Ensino Médio Integrado”, com o intuito de apoiar a transição escolar, promover o acolhimento e fortalecer a identificação dos estudantes com a instituição. O guia foi aplicado em oficinas presenciais com estudantes ingressantes em 2025 dos cursos de Informática, Eletromecânica e Mecatrônica. A avaliação do produto educacional foi realizada: pelos estudantes participantes da pesquisa e os ingressantes de 2025, por meio de formulário eletrônico, apontando a utilidade, clareza e pertinência do material como instrumento de acolhimento, orientação e integração institucional. Os resultados indicam que o guia atende sua finalidade e também pode ser útil a familiares e pessoas interessadas em conhecer os cursos e a estrutura do IFC - Campus Blumenau.

Palavras-Chave: Ensino médio integrado à educação profissional. Educação Profissional e Tecnológica. Transição escolar. Juventude. Afiliação estudantil.

ABSTRACT

This research is part of the research line *Educational Practices in Professional and Technological Education* and is linked to Macroproject 3 – *Educational Practices in the Integrated Curriculum* of the ProfEPT program. It is grounded in the conception of Professional and Technological Education (PTE) as a formative proposal that integrates work, science, culture, and technology, and views the integrated curriculum as an educational principle oriented toward the comprehensive development of individuals in all human dimensions. From this perspective, the construction of institutional and intellectual bonds — that is, student affiliation — is considered a central element for student retention and success in Integrated Secondary Education with Professional and Technological Education (EMIEP). The objective of this study was to analyze the student affiliation process among students at the *Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campus Blumenau*, taking into account the challenges faced during the school transition and the strategies they employed throughout their process of adaptation and institutional integration. This is a qualitative, applied research study with a descriptive character. Participants included 27 students enrolled in the integrated technical courses in Electromechanics and Informatics, as well as two former course coordinators and three staff members from the *Integrated Educational Support and Guidance Service (SISAE)*. Data collection was carried out through questionnaires and semi-structured interviews, organized by thematic axes. The analysis, based on Bardin's (1977) Content Analysis, considered both *a priori* categories — drawn from the theoretical framework, such as “time of estrangement,” “time of learning,” and “time of affiliation” — and *a posteriori* categories, including the emergent category “time of hesitation.” The results indicate that the transition into EMIEP represents a complex passage, marked by pedagogical demands and the inherent challenges of youth. Student narratives revealed ambivalent feelings and emphasized both the recognition of the IFC as a space for personal and academic development, as well as institutional shortcomings in the welcoming process. Student affiliation proved to be a continuous process that depends not only on student engagement but also on institutional support. It is influenced by factors such as curricular organization, pedagogical practices, and the performance of student support services. The findings also highlight the need for permanent institutional policies focused on welcoming students in a holistic manner — acknowledging their needs, experiences, and identities. Based on the analysis, the guide *"Acolhe IFC: An Orientation Guide for New Students in Integrated Secondary Education"* was developed to support school transition, promote a welcoming environment, and strengthen students' sense of belonging to the institution. The guide was implemented through in-person workshops with 2025 first-year students from the Informatics, Electromechanics, and Mechatronics programs. The educational product was evaluated by the initial study participants as well as the 2025 incoming students, using an online form. The evaluation pointed to the guide's usefulness, clarity, and relevance as a tool for student reception, orientation, and institutional integration. The results indicate that the guide effectively fulfills its purpose and may also be of value to families and individuals interested in learning more about the courses and structure of IFC – Campus Blumenau.

Keywords: Integrated High School. Vocational Education. School Transition. Youth. Student Affiliation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição anual do número de disciplinas por curso e ano no EMIEP do IFC Campus Blumenau.....	59
Quadro 2 - Distribuição dos estudantes participantes por curso e série do EMIEP..	68
Quadro 3 – Codificações da categoria “Tempo de hesitação” com base nas percepções dos estudantes.....	71
Quadro 4 - Codificações da categoria “Tempo de estranhamento” com base nas percepções dos estudantes.....	73
Quadro 5 - Codificações da categoria “Tempo de aprendizagem” com base nas percepções dos estudantes.....	89
Quadro 6 - Codificações da categoria “Tempo de afiliação” com base nas percepções dos estudantes.....	99
Quadro 7 - Distribuição dos estudantes participantes da avaliação do PE por curso do EMIEP.....	107
Quadro 8 – Distribuição das respostas por questão do formulário de avaliação do guia “Acolhe IFC”.....	108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

AC – Análise de Conteúdo

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola

CNE – Conselho Nacional de Educação

CONSUPER – Conselho Superior

CRA – Coordenação de Registro Acadêmico e Cadastro Institucional

CRAS – Centro de Referência de Assistência Social

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

DEPE – Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão

EF – Ensino Fundamental

EJA-EPT – Educação de Jovens e Adultos Integrada à Educação Profissional e Tecnológica

EMIEP – Ensino Médio Integrado à Educação Profissional

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

EPCT – Ensino Profissional, Científico e Tecnológico

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IF – Instituto Federal

IFAM – Instituto Federal do Amazonas

IFC – Instituto Federal Catarinense

JIFC – Jogos Internos do Instituto Federal Catarinense

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LGPD – Lei Geral de Proteção de Dados

MEPEC – Mostra de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cidadania do Instituto Federal Catarinense (IFC)

NEABI – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas

NUPE – Núcleo Pedagógico

OMS – Organização Mundial da Saúde

PAE – Programa de Auxílio Estudantil

PCD – Pessoa com Deficiência

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

PE – Produto Educacional

PIAPE – Programa Institucional de Apoio Pedagógico aos Estudantes

PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil

PNE – Plano Nacional de Educação

PPC – Projeto Pedagógico de Curso

PPI – Projeto Político Institucional

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

REUNI – Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SCFV – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SINAJUVE – Sistema Nacional de Juventude

SISAE – Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional

SISU – Sistema de Seleção Unificada

TAE – Técnico-Administrativo em Educação

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNIASSELVI – Centro Universitário Leonardo da Vinci

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1 INTRODUÇÃO.....	19
2 PERCURSO TEÓRICO.....	28
2.1 Juventudes e Afiliação Estudantil.....	28
2.1.1 Dimensões da afiliação estudantil.....	37
2.2 Ensino Médio Integrado e Formação Integral.....	41
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	50
3.1 Procedimento de Geração e Análise dos Dados.....	52
3.2 <i>Lócus</i> da Pesquisa: caracterização do IFC Campus Blumenau e dos cursos do EMIEP em Informática e Eletromecânica.....	56
3.3 Perfil dos Estudantes do EMIEP em Informática e Eletromecânica.....	61
3.4 As Coordenações de Curso do EMIEP e o Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional (SISAE).....	62
3.5 Desenvolvimento, Aplicação e Validação do Produto Educacional (PE).....	65
4 NA TRILHA DO QUE OS DADOS NOS DIZEM SOBRE AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.....	67
4.1 O Perfil dos Participantes.....	67
4.2 Análise Qualitativa dos Dados Gerados.....	68
4.2.1 Sobre o tempo de hesitação.....	70
4.2.2 Sobre o tempo de estranhamento.....	73
4.2.2.1 – Mudança de rotina.....	74
4.2.2.2. - Currículo integrado.....	75
4.2.2.3 - Aspectos socioemocionais.....	79
4.2.2.4 – Localização do IFC.....	81
4.2.2.5 – Mercado de trabalho.....	83
4.2.2.6 – Perfil docente e didática.....	85

4.2.2.7 – Acolhimento e integração estudantil.....	86
4.2.3 Sobre o tempo de aprendizagem.....	89
4.2.3.1 – Gerenciamento do tempo.....	90
4.2.3.2 – Apoio familiar e amizades.....	92
4.2.3.3 – Autocuidado.....	93
4.2.3.4 – Atendimento e acompanhamento acadêmico.....	95
4.2.3.5 – Estratégias de aprendizagem e estudo.....	97
4.2.4 Sobre o tempo de afiliação.....	99
5 PRODUTO EDUCACIONAL: “ACOLHE IFC: UM GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA ESTUDANTES INGRESSANTES NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.....	103
5.1 Apresentação.....	103
5.2 Os desafios das transições educativas para a afiliação estudantil.....	104
5.3 A construção do guia: percurso teórico – metodológico do produto educacional	105
5.4 Avaliação do produto educacional.....	107
5.4.1 – Análise quantitativa.....	109
5.4.2 - Análise qualitativa.....	111
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	117
APÊNDICE A – Produto Educacional.....	125
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Entrevista SISAE.....	162
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Entrevista Coordenação de Curso.....	166
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Pais e/ou Responsáveis Questionário.....	170
APÊNDICE E – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE): Adolescentes menores de idade - Questionário.....	173
APÊNDICE F – Roteiro de Entrevista para Servidor(A) Técnico - Administrativo em	

Educação Membro da Equipe Técnica do Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional (SISAE).....	176
APÊNDICE G – Roteiro de Entrevista para Coordenador(a) de Curso.....	177
APÊNDICE H – Questionário para Estudantes.....	178
APÊNDICE I – Roteiro da Oficina: “Cheguei no IFC. E agora?”.....	181
APÊNDICE J – Parecer Consubstanciado do CEP (Nº 6.939.665).....	183
APÊNDICE K – Formulário de Avaliação do Produto Educacional.....	189

APRESENTAÇÃO

Christine Delory-Momberger (2003) enfatiza que a narrativa autobiográfica se torna uma “hermenêutica da experiência”¹, pois estabelece interfaces entre biografia, educação e trajetória formativa dos indivíduos. A educação biográfica, portanto, se concentra em como as experiências de vida influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal. Diante disso, analisar os processos de origem e devir dos seres humanos no contexto social é uma oportunidade de evidenciar como suas vivências produzem e reproduzem a realidade social (Delory-Momberger, 2003). Ainda, essas conexões e interfaces entre o indivíduo e o ambiente social, segundo Delory-Momberger (2012, p. 524), “consistiriam então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência.” É a partir dessas compreensões que apresento uma breve autobiografia, com o objetivo de iniciar uma relação mais próxima e íntima, leitor. Desejo que compreenda as motivações pessoais, sociais, históricas e relacionais que me impulsionaram a imergir e tecer esta dissertação.

Sou Gabriela Boemer Amaral Moretto, nascida em 14 de dezembro de 1988, na cidade de Blumenau. Sou filha de Annemari Boemer, manicure, e Valdecir Alves do Amaral, trabalhador da indústria têxtil. Cresci aos cuidados da minha falecida avó materna, Angela Boemer, que se dedicou a zelar por mim com profundo cuidado e carinho durante minha infância. Aos 6 anos, fui matriculada em uma instituição privada de ensino na cidade, onde permaneci até a conclusão do ensino médio. Fui bolsista por muito tempo e formei laços que cultivo até hoje. Minha formação básica foi de excelente qualidade, e tenho grande admiração e gratidão por todos os professores que contribuíram imensamente para minha trajetória escolar, possibilitando o acesso ao conhecimento.

¹ Refere-se a uma abordagem que busca compreender a educação como um processo de transformação da experiência humana. Baseia-se na ideia de que a educação não se limita apenas à transmissão de conhecimento, mas também envolve uma reflexão profunda sobre como as experiências vividas pelos indivíduos podem ser interpretadas e transformadas em aprendizado significativo. Nesse contexto, a filosofia e a educação são vistas como interligadas, pois a filosofia fornece as ferramentas conceituais para refletir sobre a natureza da experiência educacional e seu potencial transformador na vida das pessoas (Silva Junior, 2023).

No entanto, subsistir em um ambiente educacional onde o grupo sociocultural predominante não era o meu foi desafiador, especialmente sendo uma criança e, posteriormente, uma adolescente de “classe social inferior”. Muitos dos sonhos e expectativas que havia construído sobre ser estudante naquele colégio se desmancharam no momento em que iniciei minhas atividades como estudante. Aqueles muros escondiam um lugar hostil para aqueles que não se enquadravam no status da maioria. Para persistir e, de certo modo, sobreviver àquela experiência, foquei no meu desejo de ter acesso a uma educação de qualidade, cursar uma graduação e conseguir um emprego para complementar a renda familiar. Pela forte influência da mentalidade meritocrática entre os bolsistas, me dediquei ainda mais aos estudos. Essa foi uma das primeiras estratégias para minha inserção social na escola, melhorando minha relação com os professores e colegas de classe e atenuando os conflitos.

Com a chegada da adolescência, os dilemas mudaram. Fazia parte dos jovens das classes trabalhadoras, e as dificuldades econômicas na minha família ficaram ainda mais aparentes. Iniciei minhas atividades laborais aos 15 anos de idade, cursando o ensino médio pela manhã e, concomitantemente, como menor aprendiz em um curso técnico em vestuário em uma parceria entre uma indústria têxtil local e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), que durou 12 meses.

Após o curso, fui contratada como estagiária em uma clínica médica através do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). Mantive a mesma rotina diária de estudante e trabalhadora, cursando o ensino médio regular pela manhã e trabalhando das 14h às 20h como auxiliar em terapias médicas no tratamento de dores crônicas. Nesse período, minhas relações sociais foram afetadas, interagiu pouco com amigos e raramente fazia atividades típicas dos adolescentes. Estava constantemente cansada, preocupada com as questões financeiras da família e com as atividades escolares acumuladas, em contraste com as vivências dos meus pares, que discutiam moda, cinema, boliche, músicas, festas e relacionamentos.

Ao término do ensino médio, prestei vestibular para o curso de medicina em algumas instituições públicas, mas não consegui ingressar na graduação que desejava. Na época, me culpava pelo resultado. Hoje, com maturidade, compreendo que foi reflexo do contexto social, econômico, histórico, político e cultural em que estava inserida. Diante desse cenário, assumi diversas posições no mercado de

trabalho: fui recepcionista do Teatro Carlos Gomes, atendente de uma lavanderia, auxiliar administrativo em um consultório médico e, posteriormente, em um laboratório de análises clínicas.

Em 2008, chegou a Blumenau o primeiro curso de bacharelado em Biomedicina, uma área relativamente nova que se alinhava com meu desejo profissional naquele momento. Ingressei na 2ª turma em 2009 e me formei em 2013 pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), tornando-me bacharela em biomedicina com ênfase em análises clínicas. Durante a graduação, trabalhei em um laboratório de análises clínicas e estagiei, aos finais de semana, em hospitais da cidade. Foi uma experiência marcante, exaustiva, repleta de conhecimento, descobertas e aprendizado.

Em 2011, realizei um concurso público para o município de Indaial para o cargo de monitora social. Nesse mesmo ano, me desliguei da iniciativa privada e assumi o cargo na Secretaria Municipal de Assistência Social, atuando nos Centros de Referência de Proteção Social Básica (CRAS). Desenvolvi ações alinhadas à educação não formal de crianças e adolescentes através de grupos semanais do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), abordando temáticas como proteção contra violências, garantia de direitos, cultura e lazer infanto-juvenil. A partir dessa experiência e aproximação com a área educacional, em 2014 ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia no polo de educação à distância da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), vinculado à Universidade Aberta do Brasil (UAB) em Blumenau. A graduação ampliou meus horizontes em relação ao saber, à arte de ensinar e inspirar e à possibilidade de transformação social que a educação pode proporcionar.

O ano de 2018 trouxe notícias e acontecimentos únicos. Em janeiro, fui abençoada com a gestação do meu pequeno príncipe, Conrado Amaral Moretto, que diariamente torna meus dias mais coloridos, alegres e cheios de sorrisos. Em fevereiro, prestei concurso público para a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Campus Blumenau para o cargo de técnica em assuntos educacionais. Em agosto de 2018, concluí minha licenciatura em Pedagogia e, em outubro do mesmo ano, fui convocada para assumir o concurso na UFSC Campus Blumenau, especificamente no Núcleo Pedagógico (NuPe), onde estou vinculada desde então. O NuPe é um espaço institucional da UFSC Campus Blumenau, cujo objetivo é fomentar a cooperação entre os diversos segmentos acadêmicos. Ele oferece

consultoria e desenvolve ações voltadas para a melhoria das políticas, processos e trajetórias de ensino e aprendizagem (Nupe Blumenau, s.d.).

No período de 2020 a 2023, coordenei as ações e atividades promovidas pelo Programa Institucional de Apoio Pedagógico aos Estudantes (Piape) local. Criado em 2013 com base no Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), regulamentado pela Resolução Normativa 133/2019CUn, o Piape é um programa institucional, e propõe apoio e orientação pedagógica aos estudantes da graduação dos cinco *campi* da UFSC, ofertando atividades que favoreçam a permanência e a qualidade dos processos formativos nos cursos de graduação, atendendo as necessidades de aprendizagem e oferecendo condições para um melhor desempenho acadêmico.

A experiência de gerenciamento e supervisão do programa me permitiu acompanhar o início do percurso acadêmico de diversos ingressantes nos cursos de graduação e entender como lidavam com as mudanças exigidas ao ingressar na universidade. Os dilemas e demandas enfrentados pelos jovens são diversos, incluindo dificuldades de adaptação, organização e planejamento dos estudos, gestão do tempo, socialização, senso de pertencimento, identificação com o curso e compreensão das normativas acadêmicas.

Também em 2023, ingressei no curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) no IFC Campus Blumenau. Foi um momento de muita alegria e uma valiosa oportunidade para ampliar meus conhecimentos e refletir sobre novas estratégias educacionais e pedagógicas para o fortalecimento da educação profissional e do meu contexto de trabalho. A partir daí, surgiu a possibilidade de investigar a experiência dos estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado à Educação Profissional a fim de compreender, através da perspectiva estudantil, quais os dilemas, desafios e experiências que esse público atravessa nessa jornada, partindo da minha experiência profissional e do conceito de afiliação estudantil proposto por Alain Coulon (2008).

Nas próximas páginas apresento os desdobramentos desse percurso, os caminhos que me guiaram, o que os dados revelaram e como pude contribuir com esse momento tão especial na vida dos estudantes que é ingressar e trilhar uma trajetória formativa no EMIEP do IFC Campus Blumenau.

1 INTRODUÇÃO

A etapa do ensino médio desempenha um papel crucial na formação cidadã e na preparação para o mundo do trabalho dos jovens brasileiros. Nessa fase, a relação entre educação e trabalho se torna mais explícita e direta, promovendo a interação entre teoria e prática de maneira concreta, como destacado por Saviani (1989). A grande diversidade de jovens neste nível de ensino, com origens sócio-histórico-culturais e econômicas diversas e perspectivas de futuro variadas, proporciona desafios importantes para o ambiente educacional. Nesse contexto, tanto os estudantes quanto às instituições escolares lidam com obstáculos relacionados ao desenvolvimento do senso de pertencimento, à identificação com a comunidade escolar e à inclusão dos jovens.

A transição do ensino fundamental para o médio é um período importante e de mudança na vida dos adolescentes e influencia diretamente em sua formação identitária e perspectivas futuras, especialmente no contexto do mundo do trabalho. Nesta etapa de transição é necessário destacar o processo de afiliação estudantil, o qual os estudantes experienciam. Esse conceito, elaborado pelo sociólogo francês, Alain Coulon (2008) a partir de estudos das vivências de ingressantes universitários parisienses, refere-se ao desenvolvimento do “ofício de estudante”, ou seja, se tornar membro efetivo da comunidade acadêmica. Isto é, afiliação é o modo pelo qual os estudantes adquirem um novo *status* social (Sampaio; Santos, 2015; Figueiredo, 2018; Novicki, 2019).

Para que isso ocorra é necessária uma ruptura com o “ofício de aluno”, que segundo Philippe Perrenoud (1995), relaciona-se com a assimilação das regras explícitas e implícitas da instituição escolar. É uma condição mutável, desse modo, capaz de transformar-se no tempo e no espaço. Logo, diferentes ambientes escolares e níveis de ensino propõem diferentes ofícios de aluno. Por fim, podemos refletir a ideia de afiliação como sendo um processo contínuo, variável, que se repete ao longo da vida do indivíduo, cada vez que está diante de tornar-se membro de um novo grupo, compreender e apreender novas atividades e desenvolver habilidades ainda não conhecidas (Sampaio; Santos, 2015; Novicki, 2019; Mendes, 2020; Dantas et al, 2021; Senkevics; Carvalho, 2023).

Apesar de o conceito de afiliação estudantil ter sido inicialmente concebido no âmbito da educação superior, ele tem sido adaptado em diferentes níveis e

modalidades de ensino. Senkevics e Carvalho (2023) utilizaram o conceito para abordar o "ofício de vestibulando". Os autores afirmam que os jovens identificam uma ruptura relacionada à discrepância entre o comportamento do estudante durante o ensino médio e a conduta esperada de um jovem durante a preparação para o vestibular, ou seja, "antes de aprender a ser estudante, o jovem brasileiro deve aprender a passar no vestibular" (Senkevics; Carvalho, 2023, p. 03). As pesquisas de Dantas et al. (2021) examinam o fenômeno da afiliação estudantil a partir da perspectiva do aluno durante o ingresso no sexto ano do ensino fundamental, pois consideram importante analisar esse contexto educacional devido aos altos índices de reprovação e abandono escolar.

Nesse sentido, esta pesquisa adaptou o conceito de afiliação estudantil ao contexto do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica (EMIEP). É importante ressaltar que esse conceito é uma "ferramenta de potencial explicativo" (Mendes, 2020, p. 01), capturando parcialmente as dinâmicas sociais, históricas, políticas e econômicas do contexto educacional brasileiro. No entanto, ele possibilita uma compreensão abrangente deste processo quando associado à dinâmica relacional do espaço escolar investigado (Mendes, 2020; Dantas et al., 2021).

Dificuldades com o processo de afiliação estudantil, com o desenvolvimento de uma nova forma de ser estudante, em meio ao estranhamento que a transição para o ensino médio proporciona, a falta de compreensão do processo de aprendizagem podem levar ao fracasso e à evasão escolar, como apontado por Coulon (2008), Sampaio e Santos (2015) e Rosário (2017). Somado a isso, por vezes, as instituições escolares não se organizam para o acolhimento e reconhecimento dos estudantes ingressantes e não se planejam para essa transição entre os níveis de ensino. Nesses casos, durante esse processo, muitos estudantes, sozinhos, necessitam desenvolver habilidades que lhes permitam se inserirem ao novo ambiente escolar, às regras institucionais e sociais, assim como ao desenvolvimento de habilidades de comunicação e interação (Dantas et al, 2021).

Os dilemas mencionados acima se tornam mais evidentes quando comparamos a inserção dos estudantes no ensino médio tradicional e no integrado à educação profissional. O ensino médio tradicional é oferecido em escolas regulares, geralmente sucede o ensino fundamental na mesma instituição, com foco nas disciplinas gerais como matemática e língua portuguesa. Enquanto o EMIEP requer

processo seletivo para ingresso e, obrigatoriamente, a mudança de escola, integrando disciplinas técnicas com as do ensino médio regular. Ou seja, em tese o objetivo do EMIEP é preparar os estudantes para o mundo do trabalho, fornecendo habilidades práticas e teóricas simultaneamente (Kuenzer, 2000). Logo, essa integração busca romper o caráter meramente profissionalizante nessas práticas, propondo processos relacionais que resultam das formações identitárias que vão ocorrendo no decorrer desse processo, ou seja, há uma afiliação, como aponta Coulon (2008).

Desse modo, observa-se que os estudantes do EMIEP se deparam com desafios adicionais em relação aos do ensino médio tradicional. Uma vez que devem lidar não apenas com a transição para uma nova escola, mas também com carga horária e grade curricular ampliadas e novas dinâmicas e rotinas pessoais e organizacionais (Vechietti, 2019; Cunha, 2022). Apesar dessas adversidades, a conclusão dessa etapa da educação básica representa um marco significativo na trajetória de vida dos estudantes. No contexto brasileiro, finalizar o ensino médio — especialmente em sua forma integrada à educação profissional — amplia as possibilidades de inserção no mundo do trabalho, de continuidade dos estudos e de construção de projetos de vida mais autônomos, revelando-se como uma conquista que pode transformar realidades e abrir novos horizontes (Kuenzer, 2000; Rosa, 2022).

Iniciada em 2003, a expansão da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica (EPCT) foi responsável por ampliar o acesso à educação pública federal de jovens no Brasil. Foi então, no final de 2008, que a lei número 11.892 criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) oferecendo uma educação profissional e tecnológica integrada contribuindo tanto para a formação cidadã quanto para o desenvolvimento econômico regional e nacional (Araújo; Frigotto, 2015; Cichaczewski, 2023; Daros, 2023).

Em Blumenau, o campus do Instituto Federal Catarinense (IFC) foi estabelecido como parte desse plano e sua inauguração ocorreu em julho de 2014. Desde então, anualmente tem oferecido uma variedade de cursos à comunidade da região do Vale do Itajaí. Destacam-se entre esses cursos os de EMIEP, que incluem técnicos em eletromecânica, em informática e em mecatrônica (IFC Campus Blumenau, s.d.).

Em relação à educação profissional Pacheco (2012, p. 67) explicita

[...] a educação profissional não é meramente ensinar a fazer e preparar para o mercado de trabalho, mas é proporcionar a compreensão das dinâmicas sócio-produtivas das sociedades modernas, com as suas conquistas e os seus revezes, e também habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem nunca se esgotar a elas.

Dentro desse contexto educacional, em tese, os IFs buscam uma abordagem integral e humanizadora, preparando os estudantes para a autonomia e criticidade, capacitando-os a se reconhecerem como agentes de transformação social e profissionais qualificados. Sob essa perspectiva, entendemos que o IF, da forma como se apresenta atualmente — ainda que cercado de questionamentos quanto à sua base legal e às condições concretas de sua implantação — não pode ser plenamente caracterizado como uma proposta de formação humana integral (Moura, 2011). No entanto, diante da realidade da sociedade brasileira contemporânea, ele representa uma das principais ferramentas de enfrentamento às desigualdades sociais, à lógica do capital e à histórica dualidade que marca a educação nacional. Como aponta Moura (2011, p. 70), é “[...] o germe da formação humana integral, omnilateral ou politécnica”.

Para isso, o princípio educativo do trabalho é fundamental nesse processo, fornecendo um contexto tanto para a formação específica para o mundo do trabalho quanto para o desenvolvimento do estudante. O conceito de "mundo do trabalho" está relacionado à compreensão do trabalho em sua dimensão ontológica, ou seja, como parte essencial da construção do ser humano (Kuenzer, 2000; Frigotto, 2001; Frigotto, Ciavatta, 2005; Ramos, 2011).

Os cursos de EMIEP possui limites e desafios em relação a sua organização curricular, processo de ensino e aprendizagem, , a carga horária mais densa, conteúdos mais complexos dentre outros aspectos. Soma-se a isso, os obstáculos enfrentados pelas instituições escolares, que vão desde o acolhimento e a inclusão dos estudantes no ambiente escolar até o apoio na construção do senso de pertencimento e a promoção de uma identificação com a escola (Vechietti, 2019; Rosa; Zucolotto, 2021; Rosa, 2022).

Nesse cenário, o que tem se observado nos últimos anos, é um aumento significativo em estudos que exploram as complexidades associadas à transição para o ensino superior no Brasil. Essas pesquisas abordam uma variedade de aspectos, desde os relacionados às dinâmicas e procedimentos institucionais, como

cultura organizacional, público-alvo, currículo e recursos humanos, até questões diretamente ligadas aos jovens ingressantes, como mudança de localidade, escolha de instituição e curso, ajuste entre vida profissional e pessoal, entre outros temas correlatos (Saviani, 1989; Sampaio; Santos; 2015; Figueiredo, 2018; Donida; Santana, 2019; Dias, 2021).

O movimento de expansão do ensino superior no Brasil teve início com a criação e o fortalecimento das universidades federais entre as décadas de 1950 e 1970, impulsionado pela descentralização prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 4.024/1961. Esse crescimento se intensificou nos anos 1970, em meio à redemocratização do país e ao aumento da demanda por mão de obra qualificada, resultante do êxodo rural e da industrialização (Saviani, 1989; Souza; Miranda; Souza, 2019).

Nas décadas seguintes, o Conselho Nacional de Educação teve papel central na ampliação de cursos e vagas, culminando em iniciativas como o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), lançado em 2003, que promoveu o aumento de vagas e a criação de novos cursos. Simultaneamente, o Sistema de Seleção Unificada (SISU) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) simplificaram o acesso às universidades, enquanto políticas de ações afirmativas ampliaram a inclusão de grupos historicamente excluídos (Saviani, 1989; Donida; Santana, 2019).

A literatura sobre esse contexto concentra-se especialmente na transição do ensino médio para o superior, destacando os dilemas vivenciados pelos estudantes, o impacto da lógica meritocrática e a relevância do processo de afiliação estudantil como elemento decisivo não apenas para os ingressantes, mas para todos os que enfrentam desafios contínuos ao longo de sua trajetória acadêmica (Sampaio; Santos, 2015; Figueiredo, 2018; Donida; Santana, 2019; Dias, 2021).

Ademais, há uma ampla discussão sobre o apoio e suporte pedagógico como um importante recurso durante esse período de ingresso, sendo considerado uma ferramenta estratégica para acolher e orientar os estudantes durante a transição entre níveis de ensino. Segundo Coulon (2008), Santos e Sampaio (2015), Rosário (2017), Donida e Santana (2019) e Dias (2021), o apoio e o suporte pedagógico podem favorecer positivamente o ressignificar de ser estudante. Isso se traduz na promoção da autonomia intelectual e no fortalecimento dos laços institucionais.

Todavia, observa-se uma escassez de pesquisas que investiguem as

percepções dos estudantes do ensino fundamental em relação às suas escolhas e expectativas para a continuidade de seus estudos (Vechietti, 2019; Rosa, 2022). Soma-se a isso a pouca ênfase dada às distinções entre o ensino fundamental e o ensino médio, frequentemente tratados como uma sequência natural dentro da educação básica. Entretanto, como aponta Vechietti (2019), essa transição não ocorre de maneira linear, havendo descontinuidades e desconexões entre essas etapas, o que desafia a ideia de um percurso educacional contínuo.

Nesse contexto, a escola, embora devesse se constituir em espaço de permanência e sociabilidade para crianças e adolescentes, acaba, por diversos fatores, não garantindo a continuidade esperada. Como destacam Krominski e Fonseca (2023), para que o processo de escolarização seja fluido e sequencial, é necessário que sejam promovidas ações de abrangência sistêmica que articulem as etapas da Educação Básica, evitando tensões e rupturas, e assegurando condições favoráveis ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Quanto às pesquisas que tratam da **transição escolar entre o ensino fundamental e o ensino médio integrado à educação profissional**, destacam-se Kawanami (2019), Jost (2019), Rosa (2022) e Cunha (2022), que articulam esse processo e intersecções entre saúde mental, emocional, projetos de vida e apoio familiar e de amigos. Kawanami (2019) identificou que alguns estudantes do ensino médio integrado veem a escolarização como meio para emprego ou ensino superior, com decepções no 1º ano de curso devido à carga horária intensa e pressão familiar no 3º ano para superar condições socioeconômicas. Jost (2019) explorou fatores que facilitam ou dificultam a permanência dos estudantes e suas percepções sobre práticas de acolhimento institucional. Corroborando com Kawanami (2019) e Jost (2019), Cunha (2022) destacou que a transição pode ser desafiadora devido a mudanças na escola, ensino integral, aumento na grade curricular e responsabilidades, resultando em exaustão, solidão e sobrecarga psíquica. Rosa (2022) apontou que o último ano do ensino fundamental foi percebido como um período de preparação e mudança, com preocupações sobre a dificuldade das disciplinas e a formação de novas amizades. Rosa (2022) também destacou o interesse dos estudantes no mercado de trabalho e independência, sugerindo que futuras pesquisas acompanhem os estudantes antes e depois da transição para o ensino médio.

Tanto Kawani (2019) quanto Jost (2019) e Cunha (2022) asseveram que

atividades extracurriculares, acolhimento institucional e intervenções de apoio são essenciais para a comunidade estudantil e sugerem que as instituições de EMIEP pensem e ofereçam ações e estratégias como semanas temáticas e eventos para ressignificar o espaço escolar. Além disso, as autoras Jost (2019) e Cunha (2022) elaboraram um guia educacional, como produto de seus mestrados profissionais, que amparam e orientam os estudantes ingressantes durante o período de integração ao EMIEP.

Considerando as implicações no processo de ingresso e adaptação de novos estudantes no EMIEP, assim como a carência de pesquisas abordando especificamente a transição escolar do ensino fundamental para o ensino médio integrado à educação profissional e o processo de afiliação estudantil nesse contexto educacional, considera-se pertinente e necessário pesquisas nesta área. Nesse sentido, analisar a percepção que os próprios estudantes têm sobre sua trajetória de transição — os desafios, os apoios recebidos e os anseios manifestados — torna-se fundamental para que se compreenda o processo em sua complexidade e se desenvolvam estratégias que atenuem os desafios encontrados.

Diante disso, essa pesquisa teve por **objetivo geral** analisar o processo de afiliação estudantil de estudantes no ensino médio integrado à educação profissional (EMIEP) do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau, a fim de desenvolver um produto educacional que contribua na transição dos estudantes. Para isso, definiu-se como objetivos específicos:

- a) conhecer o perfil dos estudantes do EMIEP do IFC *Campus* Blumenau dos cursos de Eletromecânica e Informática, observando suas motivações educacionais;
- b) identificar as dificuldades no processo de transição escolar entre o ensino fundamental e o EMIEP;
- c) analisar as vivências e estratégias mobilizadas pelos estudantes durante o processo de afiliação estudantil no EMIEP;
- d) analisar, sob a perspectiva institucional, as ações desenvolvidas pelos setores de apoio ao estudante (SISAE e coordenação de curso), no processo de afiliação dos ingressantes ao EMIEP no IFC Blumenau;
- e) desenvolver, aplicar e avaliar um guia de orientações para apoiar estudantes na transição para o EMIEP do IFC *Campus* Blumenau, verificando suas contribuições com o processo de afiliação estudantil.

Foram elaboradas as seguintes questões, que de modo sistematizado

nortearam o desenvolvimento da pesquisa:

Por que os estudantes optam por ingressar e cursar o EMIEP no IFC Campus Blumenau e quais são suas motivações e expectativas em relação ao curso?;

Quais são os principais desafios enfrentados pelos estudantes na transição do ensino fundamental para o EMIEP, e como eles impactam sua adaptação acadêmica e social?;

Quais estratégias e recursos de apoio ou suporte os estudantes consideram mais úteis para sua integração e afiliação ao EMIEP?;

De que forma as ações institucionais de acolhimento e suporte influenciam o processo de afiliação dos estudantes no EMIEP?;

De que forma é possível contribuir e apoiar a transição escolar dos estudantes ingressantes no EMIEP do IFC Campus Blumenau, auxiliando na superação, em parte, das dificuldades identificadas durante o processo de afiliação estudantil?.

Buscando responder tais questões, desenvolveu-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e caráter descritivo. Os dados foram construídos por meio de questionários com questões abertas e entrevistas semiestruturadas, aplicados a estudantes e servidores do IFC Campus Blumenau. A análise foi conduzida com base na técnica de Análise de Conteúdo por frequência temática (Bardin, 1977), a partir de categorias teóricas e emergentes, alinhadas à proposta de afiliação estudantil de Coulon (2008).

A partir dos resultados da pesquisa foi desenvolvido o produto educacional intitulado *Acolhe IFC: um guia de orientação para ingressantes do Ensino Médio Integrado*, que visa apoiar a transição escolar e promover o acolhimento institucional por meio de uma linguagem acessível e conteúdos relevantes para os estudantes. O guia foi construído a partir das vozes dos próprios estudantes participantes da pesquisa, aplicado em oficinas de recepção aos ingressantes de 2025 e avaliado pelos estudantes ingressantes e veteranos que responderam ao questionário. O guia encontra-se disponível no Apêndice A desta dissertação e pode ser adaptado para outros contextos institucionais.

A pesquisa se insere na linha de Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica no Macroprojeto Práticas Educativas no Currículo Integrado, pois compreender como os estudantes ingressantes percebem e vivenciam a transição

escolar é importante para pensar práticas educativas mais eficazes, que favoreçam a adaptação, a integração, a afiliação estudantil e, por fim a permanência desses jovens no novo contexto escolar. Assim, investigar o processo de afiliação estudantil implica refletir diretamente sobre o papel das práticas institucionais e pedagógicas, sua capacidade de acolher, orientar e apoiar os estudantes.

Ao longo de seis capítulos, o trabalho propõe um percurso articulado para introduzir, fundamentar e analisar o objeto de pesquisa. O primeiro capítulo apresenta o problema investigado, sua justificativa e os objetivos do estudo. O segundo capítulo discute os referenciais teóricos mobilizados, com ênfase nos conceitos de juventudes, Ensino Médio Integrado, formação integral e afiliação estudantil. O terceiro capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados, incluindo o lócus da pesquisa, os participantes e os métodos de geração e análise dos dados. O quarto capítulo analisa os achados empíricos à luz do referencial teórico. O quinto capítulo apresenta o produto educacional, destacando seu processo de construção, aplicação e avaliação. Por fim, o sexto capítulo reúne as considerações finais, retomando os objetivos da pesquisa e apontando contribuições e desdobramentos possíveis.

2 PERCURSO TEÓRICO

Nesta seção, são apresentados os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa. Dentre vários aspectos que se organizam dentro dessa fundamentação, há categorias de análises que se articulam com os conceitos chaves para responder a problemática delimitada, os quais envolvem uma reflexão sobre a juventude, questões relacionadas à transição entre o ensino fundamental e o médio integrado à educação profissional e tecnológica e a afiliação estudantil neste contexto educacional. Em seguida, são discutidos os conceitos, potencialidade e limites que envolvem o ensino médio integrado à educação profissional.

2.1 JUVENTUDES E AFILIAÇÃO ESTUDANTIL

Na perspectiva etária da juventude, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) define como jovens a parcela da população com idades entre 15 e 24 anos. De acordo com projeções do IBGE, o Brasil tinha um total de 203.080.756 habitantes em 2022. Dentro da faixa etária dos 15 aos 24 anos, o número era de 29.842.405 indivíduos, representando aproximadamente 14,69% da população total do país (BRASIL, 2022). O Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, que dispõe sobre os direitos dos jovens, princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE), considera jovens as pessoas com idades entre 15 e 29 anos. Segundo as estimativas do IBGE (BRASIL, 2022), os jovens brasileiros nessa faixa etária somam 45.312.128 pessoas, o que equivale a cerca de 22,37% da população total do país.

Apesar da definição fornecida pelo IBGE, optamos por adotar a definição trazida pela Lei nº 12.852/2013 e pela abordagem de Spósito (1997), que nos instiga a pensar e analisar a juventude ampliando nosso olhar para além da compreensão de que se incide sobre sujeitos históricos e culturais. Somado a essa percepção, os autores Dayrell (2003) e Peralva (1997) argumentam que a juventude não é apenas uma fase de transição, mas uma condição social e uma forma de representação, moldada por diversos fatores culturais, sociais e individuais. Essa diversidade influencia a maneira como a juventude é percebida e vivenciada em diferentes contextos sociais e históricos, e reforça a necessidade de ampliar nossa concepção de jovem para além de uma visão unificada. A juventude, portanto, é uma parte

intrínseca do processo de formação de indivíduos, com características distintivas que têm valor próprio e significativo. Todo esse processo é influenciado pelo ambiente social em que ocorre e pela qualidade das interações que esse contexto proporciona. A mesma concepção é compartilhada por Abramo (2008, p. 110), que considera, para a sociedade contemporânea, ser essa uma fase de preparação do jovem

[...] para um exercício futuro de cidadania, dada pela condição de adulto, quando as pessoas podem e devem (em tese) assumir integralmente as funções, inclusive as produtivas e reprodutivas, com todos os deveres e direitos implicados na participação social.

É a partir desses olhares que Dayrell (2003) nos convida a expandir nossa compreensão de juventude à ideia de "juventudes", no plural, para destacar a diversidade de abordagens para ser jovem que existe. Aliás, "[...] esse modelo de perceber a juventude(s) é o reconhecimento do peso específico de jovens que se distinguem e se identificam em suas múltiplas dimensões, sejam elas de gênero, etnia, classe, local de moradia, cotidiano e projetos de futuro" (IBASE; Pólis, 2005, p.8).

Nesse sentido, se torna essencial conectar a noção de juventude à de sujeito social, proposta por Charlot (2000) o qual enfatiza a natureza histórica e relacional do ser humano, sublinhando sua participação ativa no mundo e sua moldagem por meio das interações sociais. Assim, os jovens constroem suas identidades e experiências por meio das relações sociais e culturais em que estão inseridos, o que requer uma abordagem metodológica e ética sensível à complexidade dessa construção.

Charlot (2000) conecta o conceito de sujeito à natureza humana, ressaltando que a construção do ser humano como sujeito ocorre à medida que ele se desenvolve como ser humano. A natureza humana é inerentemente social, e o ser humano se encontra na encruzilhada entre influências biológicas e culturais, sendo moldado por suas interações sociais. Logo, considerar a diversidade da juventude implica em reconhecê-la como um processo de amadurecimento individual e coletivo, que não se limita a categorias preestabelecidas sobre a adolescência (Spósito, 2005; Vechietti, 2019).

Peralva (1997) chama a atenção sobre a importância de superar a visão reducionista da juventude como uma fase preparatória para a idade adulta. A

juventude é um período significativo em si mesmo, com suas próprias características e desafios. Durante essa passagem da infância para o caminho da adultez, novas relações interpessoais se desenvolvem à medida que o jovem interage com seus pares. Nessa etapa, ocorre uma ruptura, marcando o fim da infância e o início da jornada rumo à vida adulta (Vechietti, 2019). Isso cria uma oportunidade cronológica adequada para a realização de rituais², que são planejados e vivenciados pelos jovens como elementos essenciais na construção e consolidação de suas identidades e papéis sociais.

Para esta pesquisa, a juventude é considerada uma intersecção no contexto do processo de afiliação no EMIEP e suas aproximações com a transição escolar. Ao investigar essas intersecções, é possível compreender como os jovens se adaptam e se identificam dentro desse ambiente educacional específico, explorando as dinâmicas que influenciam suas trajetórias acadêmicas e pessoais durante essa fase.

Ainda, partimos do entendimento de que é importante reconhecer a presença de diversas especificidades e culturas associadas à juventude. Essas características são configuradas pela variada forma de vir a ser jovem na sociedade (Dayrell, 2003), mas também são restringidas pela presença de estereótipos e percepções contrastantes que cercam esse período. Conforme assegura a autora Spósito (1997, p. 38), “[...] histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”, mas o modo de apreensão de tais problemas também muda”.

Corroborando com Spósito (1997), Dayrell, Carrano e Maia (2014), argumentam que se por um lado, a energia, a vitalidade e a estética corporal da juventude são amplamente elogiadas e valorizadas na sociedade. É também possível identificar um conjunto de análises que revelam de forma enfática muitas amarras que caracterizam os jovens na sociedade atual (Spósito, 2005; Dayrell, Carrano; Maia, 2014). Ou seja, por vezes os jovens são vistos como agentes de mudança, sempre em busca do novo, celebrados como a vanguarda da cultura, da arte e da tecnologia. Este ideal de juventude, muitas vezes chamado de “juvenilização” da sociedade, influencia desde a moda até a música e a linguagem

2 O conceito de rituais utilizado para esta pesquisa se alinha à concepção de Van Gennep (1960) que explora os rituais que marcam a transição de um indivíduo de um status social ou posição para outro. Destacando a importância dos rituais e cerimônias como meios de facilitar e dar significado a essas mudanças de status e posição na sociedade.

contemporânea (Dayrell; Carrano; Maia; 2014).

No entanto, por outro lado, essa mesma juventude é frequentemente estigmatizada e vista através de uma lente problemática. Principalmente entre os jovens de origens populares (Dayrell, 2003), a realidade é marcada por desigualdades sociais que limitam o acesso às políticas públicas. Essa falta de acesso pode ser um obstáculo significativo para que os jovens vivenciem plenamente essa fase tão importante da vida (Spósito, 1997). Além disso, há uma tendência preocupante de associar a juventude a uma série de problemas sociais, como violência, consumo de drogas e álcool, doenças como a AIDS, e gravidez não planejada na adolescência (Spósito, 2005; Dayrell; Carrano; Maia; 2014).

Embora esses problemas sejam reais e necessitem de atenção e soluções urgentes, focar exclusivamente neles pode levar a uma visão simplista e estigmatizada da juventude, perpetuando esse ciclo e marginalizando esse público (Dayrell; Carrano; Maia; 2014). Os discursos contrastantes que permeiam o debate sobre a juventude contemporânea frequentemente encobrem ou deixam de problematizar questões relevantes relacionadas aos modos de vida dos jovens e às suas maneiras de pensar sobre si mesmos e o mundo em que vivem (Spósito, 2005).

Em meio a essa pluralidade de perspectivas, aspectos importantes da experiência juvenil podem ser negligenciados, impedindo uma compreensão mais profunda e abrangente das realidades enfrentadas por essa geração (Spósito, 2005). Ademais, estes estereótipos exercem uma influência relevante na dinâmica das relações entre diferentes agentes sociais, a exemplo, das interações vivenciadas entre estudantes, seus pares e professores nas instituições de ensino (Dayrell; Carrano; Maia; 2014).

Compreender a diversidade das juventudes nos permite analisar como esses sujeitos experienciam a transição entre etapas escolares, especialmente entre o ensino fundamental e o EMIEP. Nesse contexto educacional, o estudante em período de transição entre níveis de ensino está imerso em uma fase nova de sua vida, vivenciando sua juventude, em busca de definir e (re)significar seu papel dentro do círculo social no qual está inserido (Coulon, 2008; Rosário, 2017; Rosa, 2022).

Ou seja, a transição escolar³ é um fenômeno multifatorial, quando remetido ao espaço escolar, especificamente no “processo de ensino-aprendizagem as transições se inserem no *modus operandi*” do sistema de ensino, relacionando-se à movimentação dentro do processo sequencial estabelecido na educação” (Krominski; Fonseca, 2023, p. 10).

Reforçando esse movimento, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica – DCN (Brasil, 2013), ao tratar da organização da Educação Básica, esclarece que cada etapa é delimitada por sua finalidade, seus princípios, objetivos e diretrizes educacionais. Somado a isso, destaca-se a necessidade de desenvolver de forma articulada uma transição sem tensões e rupturas, buscando a continuidade dos processos peculiares de aprendizagem e desenvolvimento (Krominski; Fonseca, 2023). Nesse ínterim, apesar da abundante diversidade juvenil nas instituições de ensino que, por conseguinte, proporciona um considerável potencial para o fomento do conhecimento, a facilitação de interações, a promoção de vivências e a expressão tanto individual quanto coletiva dos estudantes, é durante o processo de transição do ensino fundamental para o ensino médio que se observa o quão complexo é esse momento na vida do estudante.

Segundo Vechietti (2019), Rosa (2022), Cunha (2022) é nessa etapa que os jovens tomam decisões importantes sobre sua trajetória educacional. Desde a escolha de uma nova escola e a definição da modalidade de ensino, até a adaptação a uma nova estrutura física, colegas de classe, professores e dinâmicas de aprendizagem, podendo gerar ansiedade e insegurança no público juvenil. Em complemento, os estudantes ingressantes que optam pelo EMIEP encaram uma demanda escolar aumentada, com carga horária mais densa e conteúdos complexos (Cunha, 2022).

Nesse movimento de transição, o EMIEP emerge como um novo contexto educacional que acentua os desafios e as potencialidades da juventude. Desse modo, o EMIEP destina-se aos jovens, nesse sentido, aspectos únicos dessa fase devem ser considerados e estudados. Afinal, o lugar do saber já não é mais o mesmo, ou seja, os discursos parentais já não possuem mais referência, sendo que

3 À luz de Santos (1991) e Saragoça et al (2011) o termo "transição escolar" é referenciado como passagem ou travessia dos estudantes pelos diferentes níveis ou sistemas educacionais no processo de escolarização na Educação Básica.

4 *Modus operandi* é uma expressão em latim que significa “modo de operação”, na tradução literal para a língua portuguesa.

a constituição identitária e da autonomia se dão em oposição a esses discursos, dando espaço nesse momento à construção do conhecimento a partir de membros do mesmo grupo. (Coulon, 2008)

Coulon (2008), Vecchietti (2019), Cunha (2022) apontam que, para alguns estudantes, esse processo de transição é marcado por rupturas simultâneas⁵ em diversas áreas de suas vidas. Essas rupturas ocorrem nas condições de existência, como a mudança da vida familiar para uma vida mais autônoma, e na esfera psicopedagógica, onde a relação estudante-docente se caracteriza por um menor tutelamento⁶ e a relação entre estudantes está em processo de construção de novos vínculos. Somado a esses fatores, a própria condição de estudante ingressante está em processo de construção de sua “nova” identidade social.

Ainda sobre o contexto do EMIEP, Andrade e Cruz (2016) destacam que é de suma importância realizar o acompanhamento dos estudantes ingressantes, pois além da idade jovem, muitos chegam sob um processo de entusiasmo que foi histórico e socialmente construído sobre os IF e se frustram ao se depararem com uma realidade institucional que exige autonomia e proatividade deles. Somando a essa questão, Gomes (2018) aponta que para muitos ingressantes esse momento de chegada é uma experiência empolgante, mas também ansiogênica. Nesse sentido, Gomes (2018, p. 15) discorre:

São observados acontecimentos como crises de ansiedade, choros intensos em momentos de avaliação, insegurança nas relações em construção na escola, desestabilização da autoeficácia e também da autoestima. Revelam, várias vezes, carência de recursos pessoais adequados para lidar com a transição escolar, ao apresentarem desorganização da rotina escolar, incompreensão do funcionamento da educação profissional e dificuldade de lidar com o nível mais alto de exigência dos professores e das regras escolares.

Vecchietti (2019) observou em sua pesquisa que a adaptação à nova realidade foi mais serena para alguns estudantes ingressantes, enquanto para outros foi extremamente desafiadora. Entre os desafios destacados estão a mudança de ambiente e de amigos, o tamanho da escola, dificuldades de aprendizagem, excesso de atividades e provas, além do aumento da

⁵ Na Psicologia Histórico-Cultural, o conceito de rupturas-transições acadêmicas refere-se a momentos em que as pessoas constroem novas identidades e atribuem novos significados às suas experiências (Zittoun; Mirza; Perret-Clermont, 2007; Krominski; Fonseca, 2023).

⁶ O tutelamento entre docente e estudante é o acompanhamento formativo que visa orientar e apoiar o estudante em sua adaptação e desenvolvimento acadêmico, devendo ser praticado de forma a estimular progressivamente a autonomia, sob pena de limitar sua emancipação intelectual e social. (Perrenoud, 1995; Coulon, 2008; Rosário, 2017; Dantas et al., 2021)

responsabilidade. Adicionalmente, a autora ressalta que a escolha do curso a ser realizado no EMIEP é uma situação dramática para os estudantes que estão concluindo o ensino fundamental, gerando tensão, insegurança e medo.

De forma complementar, Jost (2019) sugere que essa transição envolve um processo de readaptação à condição de ser estudante, caracterizado por sentimentos de angústia, ansiedade, insegurança e curiosidade. Os estudantes ingressam em uma instituição federal com alegria pela aprovação, mas acabam desenvolvendo sentimentos de inadequação ao lidar com todas as exigências escolares, principalmente devido ao volume de atividades requeridas, o que se torna um obstáculo para a motivação com o curso.

A transição do ensino fundamental para o EMIEP envolve vários aspectos, entre eles estão o aumento da carga horária (curso em tempo integral), a mudança de escola, a perda e construção de novos vínculos relacionais, o alto nível de qualificação dos servidores e docentes, o maior espaço físico e o consequente aumento no número de tráfego de pessoas, a formação para o mundo do trabalho, entre outros (Gomes, 2018; Cunha, 2022). Também, os estudantes enfrentarão um maior número de disciplinas e atividades escolares, a multiculturalidade encontrada na comunidade escolar e o convívio com jovens de diferentes níveis educacionais, como os do ensino superior (Jost, 2019).

Cabe ratificar que o ingresso no EMIEP implica necessariamente uma mudança de escola, uma vez que os IF não oferecem o ensino fundamental. Assim, os ingressantes encontram-se em um novo ambiente com sua própria cultura escolar, e uma proposta metodológica diferente da maioria das escolas públicas de ensino fundamental (Cunha, 2022).

Além disso, é necessário considerar os desafios enfrentados pelas instituições escolares, que abrangem desde o acolhimento e a inclusão dos estudantes no ambiente escolar até o apoio na construção do senso de pertencimento e a promoção da identificação com a escola (Vechietti, 2019; Rosa; Zucolotto, 2021; Rosa, 2022). Em seus estudos, Rosa e Zucolotto (2021), destacam a escassez de pesquisas que abordam as percepções dos estudantes sobre essa transição, evidenciando a necessidade de políticas públicas direcionadas a eles nesse nível de ensino. Para os autores, a atenção dada pelas escolas durante essa transição, por meio de programas específicos e ações de apoio pedagógico, é imprescindível para dar suporte aos estudantes em suas escolhas educacionais e

facilitar sua inserção no ensino médio. Vechietti (2019) acrescenta que é fundamental garantir uma transição mais fluida e significativa para os estudantes, possibilitando a promoção da autonomia, maturidade e inserção no mundo do trabalho.

Assim, compreender a dinâmica das relações no EMIEP permite entender como os jovens se integram e se reconhecem como membros da nova instituição. Outro aspecto relevante desse processo é o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis dentro do ambiente escolar. Nessa lógica, a afiliação estudantil desempenha um papel central influenciando o senso de pertencimento dos estudantes à comunidade escolar e sua motivação para aprender. Quando os estudantes se sentem valorizados, respeitados e apoiados, são mais propensos a se engajarem no processo educativo e a alcançarem sucesso escolar (Coulon, 2008; Sampaio; Santos, 2015; Figueiredo, 2018; Novicki, 2019).

Para analisar e elucidar o conceito de afiliação estudantil, faremos uso da abordagem teórica proposta por Alain Coulon (2008). Alain Coulon, sociólogo da educação e pesquisador francês, concentra sua pesquisa na análise da integração e adaptação de estudantes à vida universitária. A partir de suas investigações, desenvolveu um livro de destaque, *Le métier d'étudiant: l'entrée dans la vie universitaire*, traduzido por Sampaio e Santos (2008) e publicado no Brasil sob o título *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Sampaio e Santos (2008) adotaram o conceito para estudos sobre vida estudantil, com foco inicial na Universidade Federal da Bahia. Este livro aborda especificamente o processo de aprender a "ofício de estudante", ou seja, se tornar um membro competente da comunidade universitária. De acordo com Coulon (2008), esse processo é referido como "afiliação", que ele define como o "método através do qual alguém adquire um status social novo" (p. 31).

Vale ressaltar que a teoria de Coulon (2008), ao explorar o conceito de afiliação estudantil, concentra-se principalmente na análise do ensino superior, examinando os processos que levam os universitários a permanecerem na instituição de ensino, ou seja, a se afiliarem a ela. No entanto, considerando o escopo desta pesquisa, adaptaremos essa abordagem ao contexto do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional (EMIEP), uma vez que muitos dos desafios vivenciados por estudantes desse nível de ensino guardam semelhanças com as experiências de transição e pertencimento analisadas por Coulon no ensino superior.

A adaptação deste conceito também pode ser observada nos estudos de Dantas et al (2021), que buscaram reconhecer a partir da perspectiva do aluno o estranhamento à chegada do sexto ano (antiga 5ª série) do ensino fundamental e sua afiliação. Bem como analisaram e refletiram “sobre o próprio uso do conceito de afiliação” (2021, p. 04). Senkevics e Carvalho (2023) discutiram o conceito criado por eles mesmos, o “ofício de vestibulando”, emergente do ofício de aluno/estudante, tradicionalmente abordado pela sociologia francesa. Sua principal diferença consiste que o ofício de aluno/estudante pressupõe a afiliação (Coulon, 2008; Perrenoud, 1995), porém para ser vestibulando, o indivíduo não precisa estar vinculado a nenhuma instituição. “Basta que tenha como objetivo ser aprovado nos processos seletivos e estar, em alguma medida, mobilizado em torno dessa meta” (Senkevics; Carvalho, 2023, p. 08).

No que se refere à análise e reflexão conceitual realizada pelas autoras Dantas et al (2021), foi constatado que a adaptação do conceito de Coulon (2008) foi possível, entretanto advertem que as dimensões propostas no conceito de afiliação foram insuficientes considerando o contexto educacional investigado. Em sua pesquisa, Mendes (2020) também argumenta que o conceito de Coulon (2008) capta parcialmente as dinâmicas da permanência estudantil na universidade brasileira e que é uma ferramenta de potencial explicativo. Pois, o modo que o conceito é apresentado por Coulon (2008), desconsidera elementos importantes como “[...] os mecanismos institucionais de produção de fracasso, sobretudo à luz dos atravessamentos de classe, raça, gênero e nacionalidade” (Mendes, 2020, p. 01).

Desse modo, para Coulon (2008), a chegada no ensino superior se constitui em uma passagem que, para se realizar, pressupõe o “[...] domínio de certo número de mecanismos e exige ser realizado, com êxito, certo número de ritos de afiliação” (Coulon, 2008, p. 40). Segundo Mendes (2020), o foco de análise de Coulon (2008) reside na “passagem” (transição) do ensino médio para o superior, entendendo essa transição no sentido etnológico. Ou seja, ele observa que a entrada no ensino superior é um tema pouco explorado na França. Coulon (2008) ressalta a importância de considerar não apenas o processo de ingresso, mas também o que ocorre após a entrada na universidade, ampliando assim a discussão, com vistas à permanência estudantil.

De acordo com Coulon (2008), a afiliação estudantil é compreendida em dois aspectos distintos: afiliação institucional e afiliação intelectual. A afiliação intelectual

está relacionada às questões acadêmicas, abrangendo os conteúdos e as abordagens metodológicas adotadas no ensino superior. Refere-se ao que se espera do estudante em termos intelectuais e que ele consiga demonstrar essas habilidades e competências. Por outro lado, a afiliação institucional implica em aprender a se localizar, a transitar no espaço educacional e entender as regras da instituição que norteiam o dia a dia acadêmico. Logo, a afiliação não se limita apenas à compreensão dos componentes curriculares específicos dos cursos, mas também envolve a apropriação de códigos, valores, símbolos e linguagens institucionalizados academicamente, ainda que seja para confrontá-los.

Portanto, é importante destacar que o processo de se tornar e sentir-se membro de uma instituição educacional não ocorre de maneira espontânea. Ele requer uma atitude ativa e engajada por parte de cada estudante, ao mesmo tempo em que a instituição escolar deve assumir a responsabilidade de promover ações de inclusão, acolhimento e integração à cultura institucional (Coulon, 2008; Sampaio, Santos, 2015; Dantas et al., 2021). Compreender esses dois aspectos distintivos e complementares da afiliação estudantil é essencial para analisar o processo em profundidade e garantir que ele ocorra de forma positiva, facilitando a transição escolar e a integração do estudante.

No subcapítulo adiante, serão exploradas as três fases que constituem o processo de afiliação estudantil. Segundo Coulon (2008), os primeiros meses de vivência na universidade podem ser descritos pelos estudantes a partir de três fases: 1) o tempo do estranhamento; 2) o tempo da aprendizagem; e 3) o tempo da afiliação. Estas fases serão detalhadas, abordando os fatores que influenciam cada etapa do processo e as estratégias que podem ser adotadas para sua efetivação.

2.1.1 Dimensões da afiliação estudantil

Para analisar o processo de afiliação estudantil, Coulon (2008) propõe uma abordagem estruturada em três tempos definidos em termos de etapas sucessivas. Esses tempos refletem as diferentes fases que os estudantes vivenciam ao se integrar a uma nova instituição educacional. O primeiro tempo, denominado "**tempo do estranhamento**", é a entrada propriamente dita na universidade, onde se revela em destaque os sentimentos e expectativas em relação ao ingresso e pelo processo de passar a fazer parte de um novo grupo social, além do estranhamento na

compreensão de regras e normas institucionais. Esta fase corresponde a um processo de distanciamento do passado familiar relacionado à educação básica, tendo como resultado uma perda de referências enquanto estudante do ensino médio.

É durante o tempo de estranhamento que Coulon (2008) nos convida a refletir sobre nossa compreensão em relação ao ingressante, considerando-o como um estudante "provisório". Ao mudar nossa perspectiva sobre o ingresso dos estudantes, "[...] podemos ver sua entrada como "provisória", em vez de tratá-la como um ato normal, banal e inquestionável" (Coulon, 2008, p. 61). Segundo o autor, ao realizarmos essa mudança de postura, é possível ter um olhar mais atento em relação aos estudantes e ao seu novo lugar. Isso permite entender melhor como eles se organizarão para lidar com a transição para outro nível de ensino (Silva, 2016).

Esta fase inicial de estranheza é sucedida por uma fase mais sensível: "é um período doloroso, repleto de inseguranças e dúvidas, no qual o estudante se encontra ansioso. Ele não tem mais um passado, mas ainda não vislumbra seu futuro" (Coulon, 2008, p. 40). Coulon (2008) interpreta essa desestruturação do passado como um processo necessário, porém, não obrigatoriamente acompanhado por uma reestruturação que o levaria o estudante a se afiliar. A insegurança inicial é seguida por uma fase de "familiarização gradual com a instituição, uma adaptação aos códigos locais" e pelo "início do trabalho intelectual" (Coulon, 2008, p. 147). É neste contexto que ocorre a segunda etapa denominada de **"tempo de aprendizagem"**, durante a qual o estudante se ajusta e se adapta à instituição (Silva, 2016). Segundo Coulon (2008), durante este período, são adquiridos os "rudimentos do ofício: o estudante, antes um estreante, torna-se aprendiz" (p. 147); é quando são estabelecidas rotinas que conduzem à naturalização daquilo que anteriormente lhe causava desconforto.

Por fim, a terceira etapa intitulada **"tempo de afiliação"** representa o momento de transição definitiva para o novo status onde o estudante é reconhecido como um "veterano" capaz de lidar com as regras de maneira a interpretá-las ou desafiá-las, o que leva a uma maior estabilidade e menor risco de abandono escolar. Para Coulon (2008), a afiliação implica em adotar os ritmos que ditam a vida do estudante, compreendendo a sequência temporal inerente a essa jornada. Sustenta que o processo de afiliação se concretiza à medida que a competência do estudante - isto é, a habilidade de "dominar os muitos códigos que regem a vida intelectual" (p.

41) - é validada pela instituição e pelos docentes. Não basta adquirir competência, é essencial aprender a demonstrá-la. Isso ocorre por meio da comunicação verbal e escrita, habilidades práticas como a "arte de se virar"⁷, seriedade, ortografia e a capacidade de citar referências teóricas e bibliográficas, promovendo uma compreensão comum de significados, terminologias e comportamentos (Coulon, 2008; Santos; Sampaio, 2015; Mendes, 2020).

Dentro desta perspectiva o estudante afiliado possui competências para desempenhar a rotina escolar, tem as características de membro deste universo e desenvolve com destreza e sem estranhamento as atividades acadêmicas. Sobretudo, “a afiliação implica em deixar de pensar no que se está fazendo e simplesmente conseguir desenvolver ações cotidianas de forma automática” (Sampaio, Santos, 2015, p. 04). Ser estudante para Coulon (2008) é resultado de um longo trabalho e aprendizado, sendo de extrema importância a apreensão deste novo papel. Para o autor, “a primeira tarefa que um estudante deve realizar quando chega à universidade é aprender o ofício de estudante” (Coulon, 2008, p. 31).

Coulon (2008) sugere que para que esta passagem para o ambiente acadêmico se efetive é necessário que o estudante se organize em três aspectos essenciais, sendo eles: o tempo - é necessário reconhecer que as aulas, as disciplinas, as avaliações e demais processos metodológicos e pedagógicos se diferem daqueles comuns à educação básica; o espaço - localizar-se na instituição é importante, pois necessitará transitar em diversos locais (laboratórios, setores, departamentos, biblioteca,...) a fim de realizar suas atividades escolares diárias e; sua relação com o saber - desenvolver as condições indispensáveis para interpretação das normativas e regras institucionais, o funcionamento específico do nível de ensino, bem como as ações que envolvem a prática de cada docente (apresentação de trabalho, cronograma de aula, avaliações, exigências e demais expectativas), considerando que a falta deste domínio implica, muitas vezes, no fracasso e evasão.

No que tange às diferenças entre a cultura estudantil e institucional, Coulon (2008) advoga que as práticas anteriores devem ser "deixadas de lado" para dar lugar a uma "nova cultura, mais complexa e sofisticada, porém mais desafiadora de

⁷ A "arte de se virar" é a habilidade prática de enfrentar adversidades e desafios imprevistos por meio da criatividade, improvisação e uso estratégico dos recursos disponíveis. Baseada em saberes da experiência (Larrosa, 2002), em práticas táticas cotidianas (De Certeau, 1994) e na resiliência (Cyrułnik, 2004).

decifrar e adquirir devido à sua natureza simbólica" (2008, p. 42). Nesse sentido, conforme Mendes (2020), Coulon (2008) intervém uma aculturação dos estudantes ingressantes, tornando-os em "nativos de uma nova cultura". Coulon (2008, p. 42) argumenta que, uma vez que a assimilação cultural requer imersão, "quanto mais interações aconteçam, mais se atenua a ambiguidade da segunda fase de passagem e melhor se realiza a indispensável atividade do senso comum [universitário]". O autor alerta que estudantes que, por várias razões (como a necessidade de trabalhar, a falta de espaços sociais adequados ou instalações inadequadas para estudo), passam o mínimo de tempo possível no contexto escolar e expressam publicamente essa condição, podem se sentir isolados e marginalizados, uma vez que deixam de vivenciar experiências únicas que fazem parte dessa imersão na nova cultura (Silva, 2016).

Corroborando com os apontamentos de Coulon (2008), Adolpho Hoirisch *et al.* (1993, p. 24), no livro *Orientação Psico-Pedagógica no Ensino Superior*, muitos estudantes, ao ingressarem nos cursos de graduação, deparam-se com

[...] questões como a aquisição do domínio da linguagem acadêmica, a incorporação de atitudes e valores próprios à carreira escolhida, o conhecimento do novo espaço físico, com a perda da referência da sala de aula exclusiva da turma como ponto de apoio, o desligamento abrupto do grupo de amigos de vários anos. Ele também tem de enfrentar o fato, que pode ser cruel, da percepção, nem sempre consciente, de que, ao entrar para o ensino superior, deixa de ser visto como membro de um grupo social ou até familiar, porque ele já não é igual aos membros pares. O vestibular o excluiu dos grupos de origem. Entretanto, ele ainda não concretizou novos vínculos, sentindo-se muitas vezes um pária, só, inseguro do seu direito de frequentar a academia.

Em consonância com os aspectos descritos por Hoirisch *et al.* (1993) o estudante ingressante no EMIEP atravessa por experiência similar, uma vez que enfrenta a escolha de um novo curso, participa do processo seletivo para ingresso no mesmo, passa pela mudança de instituição escolar e também pela alteração no grupo social, incluindo amigos, docentes e demais colegas, os quais muitas vezes optam por outra escola ou são "excluídos" pelo processo seletivo.

Diante do exposto, compreender a juventude em suas múltiplas dimensões e reconhecer os processos de transição escolar como momentos de reconfiguração identitária são fundamentais para analisar as trajetórias estudantis no EMIEP. Nesse contexto, o conceito de afiliação estudantil, inicialmente elaborado para o ensino superior, se apresenta como uma ferramenta interpretativa para entender as

dinâmicas de adaptação, pertencimento e construção de novas identidades acadêmicas entre estudantes ingressantes no EMIEP. A seguir, aprofundaremos a abordagem teórica sobre o Ensino Médio Integrado e a Formação Integral, situando o contexto institucional investigado nesta pesquisa.

2.2 ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E FORMAÇÃO INTEGRAL

O ensino técnico e profissional no Brasil tem sido marcado historicamente por uma série de mudanças de natureza legal, como destacado por Frigotto, Ciavatta e Ramos (2012) e Moraes e Gitirana (2022). Em 2004, uma nova fase foi inaugurada com a entrada em vigor do Decreto nº 5.154/2004, que normatiza a oferta da educação profissional técnica de forma integrada ao ensino médio. A partir disso, possibilitou-se a oferta de cursos de ensino médio integrado a educação profissional técnica de nível médio (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2012; Moraes; Gitirana, 2022).

Em conformidade com o Decreto nº 5.154/04, a educação profissional técnica de nível médio pode ser organizada em três estruturas: integrada, concomitante e subsequente. No ensino técnico integrado ao médio, o estudante, que já concluiu o ensino fundamental, tem a oportunidade de frequentar um curso que o conduzirá simultaneamente à obtenção do diploma de ensino médio e da habilitação profissional técnica de nível médio. Esses cursos são oferecidos na mesma instituição de ensino, com uma matrícula única.

Essa integração, teoricamente, visa superar a tradicional dicotomia entre formação geral e formação técnica, proporcionando uma formação integral do estudante. Todavia, isso requer adaptações para garantir que essa modalidade seja vista de maneira integral, não como a simples soma de partes ou cursos distintos. Quanto ao modelo concomitante, a formação geral do ensino médio é realizada em uma instituição de ensino, enquanto a formação técnica é feita em outra. É uma opção para quem deseja complementar sua formação geral com habilidades técnicas específicas. Por fim, a modalidade subsequente é destinada a pessoas que já concluíram o ensino médio (Brasil, 2004; Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2012; Moraes; Gitirana, 2022).

Em seus estudos, Moraes e Gitirana (2022), apontam que no Plano de

Desenvolvimento da Educação (PDE), no que se refere a educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio, os conhecimentos de formação geral e os específicos de uma área profissional podem ser abordados de forma colaborativa e complementar, o que possibilita uma compreensão mais ampla da realidade. O contexto e os problemas relacionados à área profissional podem ser utilizados para dar significado às disciplinas de formação geral, o que representa um diferencial do EMIEP. Assim, do ponto de vista pedagógico e legal, é essencial que as disciplinas gerais e específicas sejam tratadas de maneira relacionada, com conteúdos associados e complementares, em vez de serem abordadas de forma independente e desconectada (Brasil, 2007).

O EMIEP tem sua oferta ampliada, sobretudo, a partir da criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) em 2008, que tem como princípio a defesa da integração curricular e uma formação “básica unitária e politécnica, centrada no trabalho, na ciência e na cultura, numa relação mediada com a formação profissional específica que se consolida também em outros níveis e modalidades de ensino” (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2012, p. 44). Para Araújo e Frigotto (2015, p. 62 - 63) o EMIEP:

[...] é uma proposição pedagógica que se compromete com a utopia de uma formação inteira, que não se satisfaz com a socialização de fragmentos da cultura sistematizada e que compreende como direito de todos o acesso a um processo formativo, inclusive escolar, que promova o desenvolvimento de suas amplas faculdades físicas e intelectuais. [...] um projeto que traz um conteúdo político-pedagógico engajado, comprometido com o desenvolvimento de ações formativas integradoras (em oposição às práticas fragmentadoras do saber), capazes de promover a autonomia e ampliar os horizontes (a liberdade) dos sujeitos das práticas pedagógicas, professores e alunos, principalmente.

Considerando essa perspectiva, conceitualmente, a formação integrada busca resgatar, dentro do contexto histórico atual, a concepção de uma educação politécnica, omnilateral e de uma escola unitária. Além disso, como horizonte, está intrinsecamente ligada ao enfrentamento e a possível superação do dualismo estrutural existente na sociedade e no sistema educacional brasileiro. Finalmente, a formação integrada também se destina a promover a defesa da democracia e a implementação de políticas educacionais (Ciavatta, 2014; Araújo; Frigotto, 2015; Miguel, 2022).

O desafio pedagógico central do EMIEP reside em criar um currículo que una de forma integrada os conhecimentos historicamente separados entre o ensino

médio e a educação profissional e tecnológica. Mais do que apenas reunir, em tese, a integração pretende evidenciar as conexões entre os conteúdos específicos e o contexto mais amplo do qual fazem parte (Araújo, Frigotto, 2015), ancorando-se no conceito de interdisciplinaridade. Este conceito, aponta para o reconhecimento da complexidade inerente ao ato de ensinar, que é moldada pela própria natureza multifacetada do ser humano. De acordo com Moraes e Gitirana (2022, p. 07) a interdisciplinaridade compõe os “processos de interação entre conhecimento racional e conhecimento sensível, e de integração entre saberes tão diferentes, e, ao mesmo tempo, indissociáveis na produção de sentido da vida”. Portanto, ela se torna um elemento orientador essencial para a integração.

Além disso, o currículo integrado busca oferecer uma oportunidade para fortalecer o engajamento dos estudantes ao relacionar os conteúdos curriculares com suas experiências de vida e questões relevantes para a comunidade. Conforme definido no documento base sobre educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio (Brasil, 2007), o princípio organizador do currículo e método de ensino-aprendizagem, é a interdisciplinaridade. Haja vista, que diversos conceitos de variadas disciplinas devem se relacionar à luz das questões concretas que se deseja ensinar e aprender. Ou seja, “é preciso buscar um tratamento curricular integrado que garanta isso tudo de forma sincrônica, eficiente e eficaz” (Brasil, 2004, p. 10).

Entretanto, conforme sinalizam Almeida (2019) e Cunha (2022) a compartimentalização dos conteúdos em componentes curriculares torna a matriz dos cursos de EMIEP extensa, com cada disciplina defendendo suas especificidades e a carga horária necessária para cumprir seu ementário. Adicionalmente, o elevado nível de formação docente (mestres e doutores) pode não se traduzir em um preparo didático e pedagógico adequado para o EMIEP. Almeida (2019) e Cunha (2022) apontam que existem relatos de docentes que desconhecem as necessidades dos estudantes do ensino médio, priorizando a condução didática de ensino conforme a graduação e pós-graduação. Ademais, há uma cultura institucional que interpreta altas taxas de reprovação como um indicador de compromisso com a qualidade de ensino, colocando a responsabilidade pela falta de adaptação e integração no estudante, em vez de considerar as necessidades de suporte e orientação que eles necessitam (Gomes, 2018; Kawanami, 2019; Cunha, 2022).

Coadunando com essa questão, Kawanami (2019) observou que o sofrimento dos estudantes do EMIEP está intimamente ligado ao discurso ideológico da meritocracia, que enfatiza que todo êxito resulta exclusivamente do esforço individual. Esse sofrimento não se limita à sobrecarga de tarefas, mas também à pressão das altas expectativas familiares, uma vez que os IFs são considerados instituições de formação de alta qualidade. Os estudantes relatam sentir-se com pouco tempo disponível, cansados e sobrecarregados com tarefas de casa, o que os impede de participar de atividades de lazer, culturais, esportivas ou de socializar com a família e amigos (Kawanami, 2019). Esse contexto contribui para o aumento de sintomas psíquicos como: ansiedade, estresse, depressão e alterações no sono e na alimentação desses jovens (Gomes, 2018; Kawanami, 2019; Cunha, 2022).

É importante observar que a integração curricular, bem como a interdisciplinaridade são um desafio constante, dada a natureza dinâmica da configuração social brasileira (Ramos, 2014). Ainda nesse contexto, é necessário evidenciar o impacto no currículo decorrente das mudanças advindas da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e da reforma do Ensino Médio (Sá, 2019; Cunha, 2022). Somado a isso, o docente possui autonomia em relação a seleção do conteúdo a ser ensinado, podendo nesse sentido, ressignificar o currículo conforme suas concepções e crenças (Costa, 2020).

Também, a ausência de formação dos docentes numa perspectiva omnilateral dificulta a busca e a visualização desse tipo de formação para seus estudantes. Logo, o estímulo à capacitação docente para o domínio de teorias pedagógicas que permitam refletir sobre o processo de aprendizagem e prática de ensino, visando a formação humana integral dos estudantes, é um componente importante para esse contexto educacional (Azevedo, 2017). Para alcançar isso, repensar a organização escolar e construir de maneira democrática políticas pedagógicas e administrativas que promovam a integração são caminhos possíveis (Costa, 2020; Cunha, 2022).

Outro fator importante, é analisar de que maneira o currículo integrado pode satisfazer as necessidades e interesses dos estudantes, promovendo sua integração tanto à escola quanto à área profissional escolhida (Ciavatta, 2014). Isso requer uma avaliação cuidadosa da pertinência e contextualização dos conteúdos, a articulação efetiva entre teoria e prática (*práxis*), o estímulo ao pensamento crítico e à participação ativa na sociedade, o apoio durante a transição para o mundo do

trabalho e o fortalecimento da identidade profissional dos estudantes (Vechietti, 2019; Moraes; Gitirana, 2022).

Do ponto de vista conceitual, a formação integral tem sua gênese na tradição marxista de educação, tanto quanto na escola unitária de Gramsci (Sousa; Maciel, 2023), uma vez que compreendem que a formação do indivíduo deve integrar educação intelectual, trabalho, ciência e tecnologia, com vistas a proposta de formação omnilateral e politécnica. Nessa direção, Moura, Filho e Silva (2015) argumentam que a proposta formativa de Marx e Engels considera o indivíduo como um todo, de modo que a expressão “omnilateral” conota o conjunto de elementos que constituem o ser humano.

Em uma perspectiva complementar, Moura, Lima Filho e Silva (2015) afirmam que Marx, ao abordar a educação intelectual, física e tecnológica, está claramente indicando a busca pela formação integral do ser humano, isto é, uma formação omnilateral. Isso implica no desenvolvimento integral do indivíduo, não apenas para a produção material, mas também para as esferas social, cultural, afetiva e cognitiva, que são igualmente fundamentais na constituição dos sujeitos.

Portanto, a proposta não é substituir uma formação voltada apenas para a produção material por uma formação meramente contemplativa, mas sim possibilitar o desenvolvimento pleno dos sujeitos em sua completude (Sousa; Maciel, 2023). Seu propósito é abranger a formação completa do indivíduo, incluindo aspectos físicos, intelectuais, estéticos, morais, profissionais, científicos e culturais. Sobretudo, objetiva promover o pleno desenvolvimento e a emancipação do ser humano dentro de uma sociedade dividida em classes sociais, visando o caminho em direção a uma sociedade mais justa (Frigotto, 2001; Ramos, 2011).

Segundo Saviani (1989, p. 10) o conceito de politecnia,

[...] diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno. Está relacionada aos fundamentos das diferentes modalidades de trabalho e tem como base determinados princípios, determinados fundamentos, que devem ser garantidos pela formação politécnica. Por quê? Supõe-se que, dominando esses fundamentos, esses princípios, o trabalhador está em condições de desenvolver as diferentes modalidades de trabalho, com a compreensão do seu caráter, da sua essência. Não se trata de um trabalhador adestrado para executar com perfeição determinada tarefa e que se encaixe no mercado de trabalho para desenvolver aquele tipo de habilidade. Diferentemente, trata-se de propiciar-lhe um desenvolvimento multilateral, um desenvolvimento que abarca todos os ângulos da prática produtiva na medida em que ele domina aqueles princípios que estão na base da organização da produção moderna.

Assim, a noção de politecnia surge da centralidade do trabalho na educação. Ela busca superar a dicotomia entre trabalho manual e intelectual, entre formação profissional e geral. Contrapõe-se à ideia de uma formação estritamente profissionalizante, defendendo que o trabalho desenvolve de forma indissociável aspectos manuais e intelectuais. Nessa perspectiva, não há trabalho puramente manual ou intelectual, ambos coexistem em qualquer atividade humana. A politecnia reflete a essência do trabalho humano, unindo o exercício físico das mãos ao exercício mental. Assim, ela visa captar as contradições da sociedade capitalista e aponta para a sua superação, promovendo uma compreensão mais integrada e holística do trabalho e da educação (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005; Kuenzer, 2016; Maciel; Jacomeli; Brasileiro, 2017; Rosa, 2022).

Avanços educacionais nessa perspectiva são evidentes em instituições federais, como os IFs, que têm logrado integrar teoria e prática. Essa abordagem holística na formação dos estudantes não só enriquece o aprendizado, mas também visa prepará-los de forma qualificada, incentivando uma reflexão crítica e emancipatória frente aos setores conservadores da sociedade (Rosa, 2022).

Por conseguinte, o EMIEP concebe o trabalho como princípio educativo, o qual compreende “abordagens que permitam a compreensão das relações sociais e produtivas e, ao mesmo tempo, a habilitação para o exercício profissional crítico e autônomo” (Silva; Pacheco, 2021, p. 13). Manacorda (2007) defende que para que se efetive uma formação integral é indispensável a união entre trabalho e educação. Somado a isso, Kuenzer (2016) aponta que o trabalho como princípio educativo possibilita a mediação entre teoria e prática favorecendo a transformação da realidade e assim, através do trabalho educativo a prática se faz presente no pensamento e se transforma em teoria. Toda essa articulação alicerçada pela *práxis* educativa e com intuito de promover uma formação plena permitindo que o estudante compreenda as múltiplas mediações históricas que concretizam o processo educativo e também visam superar a dicotomia entre trabalho manual e intelectual.

Adicionalmente, Pacheco (2012) defende que o projeto unitário de educação profissional não ignora as particularidades dos diversos grupos sociais, mas serve como uma síntese que abarca essa diversidade, tendo o trabalho como seu principal

alicerce na prática educativa. Além do significado intrínseco do trabalho, de acordo com os objetivos estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) para o ensino médio, especialmente na sua modalidade de oferta junto com a educação profissional, a dimensão histórica do trabalho assume uma importância significativa nesta fase da educação básica. É aqui que se evidencia de forma mais nítida como o conhecimento se relaciona com o processo de trabalho, tornando-se uma força produtiva. Nesse contexto, o trabalho também se torna uma categoria econômica que justifica a inclusão de programas de formação específica para o trabalho.

Frigotto (2001), Frigotto e Ciavatta (2005), Ramos (2011) e Kuenzer (2000) esclarecem que a distinção entre os termos mundo do trabalho e mercado de trabalho reside na compreensão do trabalho em sua dimensão ontológica, como a construção do ser humano, e as diversas formas que o trabalho assume, desde a escravidão e o servilismo até a transformação em mercadoria, como a força de trabalho, o trabalho/emprego e o trabalho assalariado no contexto do capitalismo.

Coadunando com as concepções acima, Pacheco (2012, p. 67) explicita

[...] a educação profissional não é meramente ensinar a fazer e preparar para o mercado de trabalho, mas é proporcionar a compreensão das dinâmicas sócio-produtivas das sociedades modernas, com as suas conquistas e os seus revezes, e também habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem nunca se esgotar a elas.

Nesse sentido, possibilitar a formação humana e cidadã para a vida e não apenas em seu sentido mercadológico, rompe com o viés determinista de preparação de mão de obra para o capital. Saviani (1989, p. 08) corrobora com essa perspectiva quando destaca, “se é o trabalho que constitui a realidade humana e se a formação do homem está centrada no trabalho, isto é, no processo pelo qual o homem produz sua existência, é também o trabalho que define a existência histórica dos homens”, ou seja a ação tipicamente humana de produzir sua existência denomina-se trabalho.

Em semelhança de Saviani, Charlot (2013, p. 65 grifo do autor) acrescenta,

Para se entender a questão das relações entre trabalho e educação em toda sua amplitude, é preciso levantá-la em uma problemática sócio - histórica e com uma abordagem antropológica. A primeira aponta para o fato de que essas relações nunca estão fora do tempo, das relações econômicas, sociais e de poder e, portanto, sempre expressam interesses socioeconômicos, incluídos interesses

pontuais, corporativistas etc. Entretanto, é necessária também uma abordagem filosófica, tendo em vista que trabalho e educação são dois processos antropológicos fundamentais, pelos quais o filhote de homo sapiens se torna ser humano. A espécie humana não existiria, se não trabalhasse, e graças a esse trabalho, humanizasse a natureza, construísse um mundo humano e mudasse a própria espécie e suas condições de sobrevivência. Tampouco existiria se não pudesse, graças à educação, transmitir os avanços de cada geração para a geração seguinte e, assim, substituir aos poucos ou completar a evolução biológica por uma evolução cultural.

Essa relação ativa e de transformação entre o homem e a natureza, é o que conhecemos como trabalho. Podemos observar que o homem não nasce homem, mas faz-se homem, e esse formar-se homem só é possível através do trabalho. Afinal, o trabalho é uma ação criadora e criativa, onde o ser humano age e modifica a natureza criando uma natureza humanizada. Saviani (1989, p. 154) conclui que “[...] a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo.” Nesse processo histórico e relacional entre homem e natureza, verifica-se que o ser humano aprendia ao mesmo tempo que produzia a sua existência. Em síntese, a estrutura do viver humano diz respeito ao que era produzido para atender as necessidades pessoais, bem como ao arranjo relacional dessa produção. Ademais, podemos considerar que a transmissão e o aperfeiçoamento das aprendizagens humanas foi, e ainda é, fator crucial para manutenção das gerações.

Ao refletirmos sobre o trabalho como princípio educativo, reconhecemos que ele está na base das concepções que fundamentam o EMIEP, entretanto, cabe destacar, que na institucionalização dessa proposta, a dinâmica organizacional encontra diversos desafios, como a permanência do estudante por maior tempo na escola, os conteúdos que se articulam com práticas de trabalho e um currículo que proporciona uma visão global do conhecimento (Jost, 2019). Esse ambiente exige dedicação dos estudantes, tornando-se um período crítico da vida escolar, repleto de tensões, frustrações, incertezas e questionamentos sobre suas escolhas e futuro (Gomes, 2018).

Segundo Kawanami (2019), as dificuldades enfrentadas pelos jovens estudantes são frequentemente silenciadas por uma perspectiva adultocêntrica, que desvaloriza suas queixas em comparação com as jornadas de trabalho dos adultos, muitas vezes extenuantes e sem retorno financeiro ou satisfação pessoal. Dessa

forma, o sofrimento dos jovens é minimizado pela percepção adulta de que, por “só estudarem” eles não têm problemas reais.

Todos esses conceitos, ensino médio integrado, politecnia, formação integrada e trabalho, convergem para o reconhecimento da complexidade inerente ao ato de aprender e ensinar, na busca pela formação integral do ser humano. Neste ponto, pressupomos que, durante o processo de afiliação dos estudantes ingressantes é necessário apoiar os estudantes durante o processo de transição para o ensino médio integrado. Esse foco, que é o ponto central desta proposta de pesquisa, torna-se relevante para a construção de novos significados ao longo da jornada educacional desses estudantes.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Considerando o objetivo de analisar o processo de afiliação estudantil de estudantes no ensino médio integrado à educação profissional (EMIEP) do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau, esta é uma pesquisa de natureza aplicada. Conforme Gil (2019), esse tipo de estudo busca soluções de problemas práticos identificados no processo de afiliação estudantil, aplicando conhecimentos a partir do contexto do EMIEP. A ênfase está na análise de resultados e aplicações concretas, objetivando contribuir para a prática, a tomada de decisões e o desenvolvimento de todos os processos relacionados à afiliação estudantil. A pesquisa também propõe a superação dos desafios identificados sob a perspectivas dos estudantes, bem como fomentar a proposição de novas investigações.

Devido a sua natureza de interação e aos seus objetivos, a abordagem é qualitativa. Essa escolha se justifica pela intenção de compreender e interpretar os fenômenos ligados ao processo de afiliação estudantil, considerando seus entrelaçamentos com a transição escolar, a vivência da juventude e suas múltiplas dimensões, sob o ponto de vista estudantil. A pesquisa concentrou-se, desse modo, na interpretação dos significados atribuídos às experiências vividas pelos participantes.

Brandão (2001, p. 13) ressalta,

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa.

Desse modo, a abordagem qualitativa possibilitou uma análise mais aprofundada e contextualizada das experiências vivenciadas pelos jovens durante a transição entre os dois níveis de ensino, bem como dos processos de inserção e adaptação escolar, articulados à afiliação estudantil. Isso contribuiu para análise, compreensão e (re)significação desse percurso a partir das experiências dos estudantes.

Sendo uma pesquisa qualitativa, destaca-se sua característica de explorar de o contexto do EMIEP, especialmente no que diz respeito às experiências vividas pelos estudantes. O foco está em interpretar os sentidos que esses sujeitos

constroem a partir de suas trajetórias escolares, revelando os significados que atribuem aos desafios, vivências e estratégias relacionadas ao processo de afiliação estudantil. A geração dos dados envolveu a participação ativa dos estudantes e servidores do IFC *Campus* Blumenau, o que possibilitou uma compreensão mais ampla da realidade institucional e dos sentidos associados ao fenômeno de afiliação estudantil no EMIEP (Moreira, 2011).

Na área de ensino, os contextos desempenham um papel fundamental, pois ambientes como escolas e salas de aula não são espaços controlados e neutros. Eles são moldados por tradições que evoluem com as mudanças sociais, o que exige uma análise crítica dos significados compartilhados e uma comparação com outras realidades semelhantes. Assim, a pesquisa qualitativa reflete a intenção da pesquisadora de imergir no contexto investigado. Os dados aqui obtidos, por meio da participação ativa e da observação resultaram de registros que captam a singularidade das situações observadas permitindo a busca por generalizações com base em uma compreensão aprofundada do ambiente (Rosa, 2022).

A pesquisa também possui caráter descritivo ao relatar as características do fenômeno da afiliação estudantil e suas relações com variáveis intrinsecamente ligadas aos dilemas e as demandas estudantis, durante as fases de estranhamento, aprendizagem e afiliação, conforme descritas por Coulon (2008). Incluindo experiências e percepções relacionadas à inserção, adaptação, organização, planejamento dos estudos, gestão do tempo, socialização, senso de pertencimento, desenvolvimento da autonomia, bem-estar mental e emocional, identificação com o curso e compreensão das normativas e códigos institucionais.

Para compreender a dinâmica relacional da instituição de ensino, a pesquisadora realizou uma observação de campo, classificada como assistemática (Lakatos, 1996). Essa técnica envolve o registro de fatos sem o uso de meios técnicos específicos, ou seja, sem planejamento ou controle. Geralmente, esse método, sendo comum em estudos exploratórios, contribui para construção de modelos teóricos iniciais e definição de variáveis (Lakatos, 1996). Essa abordagem favoreceu a aproximação do objeto de estudo e a observação direta de comportamentos e fenômenos no contexto, fornecendo informações importantes sobre as relações e experiências dos estudantes, especialmente ingressantes e veteranos, dos diferentes cursos existentes no Campus.

3.1 Procedimentos de geração e análise dos dados

Na etapa de geração de dados, duas técnicas de interrogação foram utilizadas. A primeira foi a entrevista presencial com cinco servidores do IFC. Dois deles foram coordenadores dos cursos de Informática e Eletromecânica. Os demais são técnico-administrativos em educação, todos lotados no Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional (SISAE), com atuação direta no atendimento a estudantes no EMIEP. A caracterização desses participantes será apresentada na seção 4.1.

As entrevistas com os servidores foram guiadas por cinco perguntas abertas, que exploraram os principais desafios enfrentados pelos estudantes ingressantes no EMIEP, a evolução desses desafios, ações institucionais de apoio, iniciativas de recepção e sugestões para o fortalecimento do suporte aos estudantes. O formato aberto das perguntas permitiu aos participantes expressarem livremente suas percepções e experiências profissionais (Gil, 2019). O roteiro das perguntas utilizadas nas entrevistas presenciais está disponível no Apêndice F e G.

A segunda técnica inicialmente prevista foi a realização de grupos focais com estudantes dos 3º anos dos cursos de Informática e Eletromecânica e do 2º ano de Mecatrônica, com o objetivo de compreender suas vivências, percepções, dificuldades e estratégias no processo de adaptação ao EMIEP. Estavam também previstos grupos focais com estudantes ingressantes de 2024 dos mesmos cursos, com intuito de identificar dificuldades enfrentadas na transição do EF e as estratégias adotadas para integração à nova realidade.

As aulas dos cursos do EMIEP iniciaram em 15 de fevereiro de 2024. Porém, em 3 de abril de 2024 teve início a greve nacional da educação, que mobilizou diversas instituições federais de ensino, incluindo o IFC *Campus* Blumenau. As reivindicações incluíram a recomposição salarial, reestruturação das carreiras dos servidores docentes e técnico-administrativos, aumento de investimentos na educação e realização de novos concursos públicos (IFC, 2024; Sinasefe, 2024). A paralisação durou 75 dias, com as atividades acadêmicas e administrativas sendo retomadas integralmente em 24 de junho de 2024 (IFC, 2024; Sinasefe, 2024).

Durante esse período, o Campus manteve a comunidade informada por meio dos canais oficiais da instituição, detalhando a suspensão das aulas e as

negociações em andamento (IFC, 2024). Após o término da greve implementou-se um plano de reposição das atividades acadêmicas e para compensar os dias letivos que foram perdidos. As estratégias adotadas incluíram a reformulação do calendário acadêmico, a extensão do semestre letivo e a realização de aulas em períodos anteriormente destinados a recessos e finais de semana, com o objetivo de atenuar os impactos da paralisação no cronograma escolar (IFC, 2024).

Esse contexto também contribuiu para o atraso na aprovação da pesquisa pelo CEPESH, que ocorreu sete meses após sua submissão (em 30/11/2024), sendo aprovada apenas em 09 de julho de 2024, liberado para acesso da pesquisadora em 01 de agosto de 2024, conforme registro no Parecer Consubstanciado nº 6.939.665 disponível no Apêndice J.

O plano de reposição das atividades do EMIEP gerou alterações significativas na rotina escolar e intensificou a sobrecarga dos estudantes. Para convidá-los à participação nos grupos focais, foi solicitada autorização prévia do Diretor Geral e do Diretor de Ensino, Pesquisa e Extensão (DEPE) do IFC Campus Blumenau para acesso às informações de contato dos estudantes. Os convites foram enviados por e-mail com cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), para os estudantes menores de idade, garantindo sigilo por meio de listas ocultas. A pesquisadora também realizou convites presenciais em sala de aula, esclarecendo dúvidas e reforçando os objetivos da atividade.

No entanto, não houve adesão por parte dos estudantes às atividades propostas. Diante disso, a pesquisa precisou ser reorganizada metodologicamente, optando-se pela aplicação presencial de questionários, mediante nova autorização do DEPE. Participaram da aplicação 27 estudantes regularmente matriculados nos cursos de Eletromecânica e Informática do EMIEP, distribuídos entre o 1º e o 3º ano. A escolha desses cursos se justifica por estes serem consolidados na instituição, com trajetória formativa estável, número expressivo de estudantes matriculados e por refletirem diferentes eixos tecnológicos estratégicos no contexto local. Esses cursos foram implementados em 2013 e 2016, respectivamente, e são ofertados anualmente, com 70 vagas cada.

O instrumento de geração de dados foi estruturado em seis seções temáticas, objetivando compreender os diferentes aspectos da experiência e vivência no EMIEP e suas relações com a afiliação estudantil. A primeira seção

reuniu dados sobre o perfil dos participantes. A segunda investigou as motivações para o ingresso. A terceira abordou a adaptação inicial ao IFC e a participação em ações de acolhimento. A quarta tratou dos desafios da transição escolar e das estratégias de superação. A quinta explorou a integração e identificação dos estudantes com o curso e a instituição. A sexta coletou sugestões para melhorar a adaptação, permanência e aprendizagem. Ao final, os estudantes definiram, em poucas palavras, o que significa “ser estudante do EMIEP”. O roteiro do questionário está disponível no Apêndice H.

A pesquisadora tratou a identidade dos participantes com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira, incluindo a Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e a Lei Nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados - LGPD), utilizando as informações exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

A análise dos dados da pesquisa foi conduzida por meio do método de Análise de Conteúdo (AC) temática por frequência. Uma abordagem da pesquisa qualitativa que permite explorar, de maneira sistemática e objetiva, os conteúdos manifestos e latentes presentes nas comunicações (Bardin, 1977). Essa técnica se baseia na identificação de temas recorrentes nos discursos analisados, por meio da contagem da frequência com que determinados assuntos, palavras ou expressões aparecem no corpus textual. A premissa é que quanto maior a frequência de um tema, maior é sua relevância no conjunto das comunicações. A análise é feita em etapas: leitura flutuante, codificação dos trechos relevantes, identificação dos temas mais presentes e agrupamento em categorias que refletem o conteúdo significativo das falas. Essa técnica permite compreender os sentidos predominantes atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos vividos, contribuindo para a construção de interpretações sólidas e contextualizadas dos dados (Bardin, 1977).

Essa escolha metodológica fundamenta-se na pertinência em relação ao problema investigado, aos objetivos da pesquisa e à coerência com os pressupostos teórico-metodológicos adotados. A AC permite a categorização e interpretação dos dados gerados por meio das entrevistas e questionários que foram aplicados presencialmente.

A definição das categorias nesta pesquisa seguiu dois caminhos metodológicos distintos: a escolha *a priori* e *a posteriori*. As categorias *a priori* foram escolhidas com base nos referenciais teóricos adotados, especialmente o conceito

de afiliação estudantil de Coulon (2008), essas categorias são: tempo de estranhamento, tempo de aprendizagem e tempo de afiliação. Bardin (1977) destaca que a definição prévia de categorias permite ao pesquisador orientar a leitura e identificar conteúdos específicos no corpus de análise. Franco (2003) reforça essa ideia ao apontar que essas categorias funcionam como filtros analíticos que direcionam o olhar do pesquisador segundo seus objetivos. Desse modo, essas categorias funcionam como filtros analíticos, guiando a leitura do corpus textual em conformidade com os objetivos da pesquisa.

Por outro lado, durante o processo de leitura e interpretação dos dados, emergiu uma nova categoria, *a posteriori*, a partir das narrativas dos participantes: o tempo de hesitação. Esta categoria não havia sido prevista inicialmente, mas revelou-se nos relatos ao expressarem sentimentos de dúvida, insegurança e indecisão sobre a trajetória acadêmica. Franco (2003, p. 52) destaca que “em geral, o pesquisador segue seu próprio caminho baseado em seus conhecimentos e guiado por sua competência, sensibilidade e intuição”. Em relação a esse fato, Moraes (1999) observa que, ao permitir que a teoria emerga do próprio material empírico, a análise qualitativa ganha profundidade e sensibilidade. Segundo o autor, a interpretação pode ocorrer tanto por meio do confronto com a teoria previamente estabelecida quanto a partir da construção de compreensões diretamente extraídas da geração de dados, respeitando a dinâmica do processo investigativo.

Na primeira etapa, a pré-análise, foram realizadas as chamadas “leituras flutuantes”, com o objetivo de permitir um contato inicial com os dados e gerar impressões gerais sobre o material (Bardin, 1977). Em seguida, fez-se a seleção das unidades de contexto, que servem como unidades de compreensão e permitem codificar trechos significativos das falas, a fim de identificar as unidades de registro. Esses fragmentos são organizados de acordo com a terceira etapa: a categorização em que os dados são agrupados conforme as categorias previamente estabelecidas e outras que emergem no decorrer da análise.

Conforme proposto por Moraes (1999), a análise segue ainda as etapas de descrição e interpretação. Na etapa descritiva, foi elaborado um texto síntese para cada categoria, buscando expressar os significados presentes nas unidades analisadas. A utilização de citações diretas foi adotada para preservar a autenticidade das falas dos participantes. Os sujeitos foram identificados por meio de códigos alfanuméricos que garantem o anonimato e a organização dos dados: os

estudantes que responderam ao questionário foram codificados com a letra “E” seguida do número correspondente à ordem de recebimento das respostas (E1, E2, ..., E27); os representantes das coordenações dos cursos entrevistados foram identificados como C1 e C2; e o setor SISA, como S1. . A etapa interpretativa, que está disponível na seção 4.2, ocorrerá de duas formas: 1) mediante a articulação dos dados com os referenciais teóricos previamente estabelecidos, e 2) por meio da construção de interpretações que emergem das falas dos próprios participantes, permitindo que novas compreensões sobre o processo de afiliação estudantil sejam elaboradas com base nas experiências relatadas.

3.2 *Lócus* da pesquisa: caracterização do IFC Campus Blumenau e dos cursos de EMIEP em Informática e Eletromecânica

O Campus Blumenau do Instituto Federal Catarinense (IFC) foi inaugurado em julho de 2014 como parte do plano nacional de expansão do Ensino Tecnológico. Atualmente, a instituição atende a 1.117 alunos. O corpo docente é composto por 64 professores e a equipe técnico-administrativa conta com 40 profissionais, todos capacitados para atender tanto à comunidade acadêmica quanto externa (IFC Campus Blumenau, s.d.).

Figura 1: IFC Campus Blumenau



Fonte: IFC Campus Blumenau, s.d.

Situado no bairro Badenfurt, o Campus destaca-se por sua extensa área, contando com um terreno de 55.174,31m² e uma infraestrutura construída que soma 6.679,85m². Possui 13 salas de aula e uma diversidade de laboratórios especializados que atendem disciplinas técnicas e científicas. Entre eles, estão cinco laboratórios dedicados à informática, além de espaços voltados para multiciências, física, práticas pedagógicas (incluindo uma brinquedoteca), ensaios mecânicos, metrologia, metalografia, soldagem, usinagem, ajustagem, fundição, manutenção industrial, eletricidade industrial e desenho técnico (IFC Campus Blumenau, s.d.).

Além disso, o campus possui um ginásio poliesportivo, refeitório, biblioteca, salas de estudo, espaços privados para docentes, áreas administrativas e um espaço de convivência para servidores e profissionais terceirizados. A área externa e de convivência do campus é espaçosa e arborizada. Disponibiliza também várias mesas e cadeiras para uso comum, oferecendo um lugar de descanso, estudos ao ar livre e socialização (IFC Campus Blumenau, s.d.). Mesmo que contenha um espaço amplo, o Campus ainda carece de um local coberto para o descanso dos estudantes que, para isso, ocupam o chão da sala de aula e as salas de estudos durante o horário de almoço ou entre as horas vagas para esse fim.

O IFC Campus Blumenau oferece uma diversificada estrutura de cursos que abrange desde a educação básica até o ensino superior e pós-graduação. No nível de educação de jovens e adultos, o campus disponibiliza o curso de EJA-EPT para formação de Eletricista Industrial. Para os estudantes do ensino médio que desejam integrar sua formação acadêmica com a técnica, há opções em cursos de EMIEP de Eletromecânica, Informática e Mecatrônica. No âmbito do ensino superior, os estudantes podem optar entre os bacharelados em Ciência da Computação e Engenharia Elétrica, além de uma licenciatura em Pedagogia. Conta ainda com a oferta de um Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. E por fim, há o curso Técnico Subsequente em Mecânica Industrial, destinado a quem já concluiu o ensino médio e busca especialização técnica (IFC Campus Blumenau, s.d.).

Como destacado no Projeto Pedagógico de Curso de Eletromecânica (2019), Blumenau é a cidade-sede da região metropolitana do Vale do Itajaí e a terceira mais populosa do estado de Santa Catarina, destacando-se como um dos principais pólos industriais e tecnológicos do Brasil. Possui uma participação

significativa em diversos setores econômicos, com ênfase na área de informática e tecnologia da informação, indústria têxtil, setor de serviços e comércio. É sede de empresas de porte nacional e internacional e apresenta um dos melhores índices de desenvolvimento humano do estado.

Desde sua criação, o Campus tem buscado atender às demandas dos arranjos produtivos locais, oferecendo cursos que refletem os eixos tecnológicos que estão em consonância com o Plano Estratégico de Desenvolvimento Econômico Municipal de Blumenau, como Tecnologias da Informação e Comunicação e a Indústria Eletrometalmecânica. Em vista disso, mantém parcerias com o setor produtivo local, visando alinhar a formação dos estudantes às necessidades e expectativas da região (IFC Campus Blumenau, s.d.).

Os cursos EMIEP oferecem habilitação profissional técnica de nível médio integrada à última etapa da educação básica, são destinados a quem tenha concluído o ensino fundamental, não tenha concluído o ensino médio e não se enquadre na faixa etária⁸ da EJA. Para ingressar no EMIEP é obrigatória a comprovação de conclusão do ensino fundamental mediante a apresentação do histórico escolar. A seleção é anual e realizada por meio de um processo seletivo, regido por normas estabelecidas e publicadas em edital específico (Instituto Federal Catarinense, 2021).

De acordo com a Resolução nº 10/2021 – CONSUPER, a matriz curricular dos cursos EMIEP deve especificar: 10% da carga horária total em práticas profissionais, que compreendem diferentes situações de vivência e aprendizagem em ambientes que permitem aos estudantes contextualizar o cotidiano da sua formação para o mundo do trabalho, aproximando-se da realidade do exercício profissional; 15% da carga horária total em intersecção entre componentes curriculares da área básica e técnica; e 5% da carga horária total em curricularização da extensão, pesquisa e inovação. A curricularização é implementada através das disciplinas como: Projeto Integrador, Metodologia Científica e Desenvolvimento de Projetos. Além disso, entre 100 e 400 horas são destinadas a atividades diversificadas, escolhidas pelo estudante, e um mínimo de 60 horas em

⁸ Obedecidos ao disposto no Art. 4º, I e VII da LDB e a regra da prioridade para o atendimento da escolarização universal obrigatória, será considerada idade mínima para a inscrição e realização de exames supletivos de conclusão do ensino fundamental a de 15 anos completos. Sendo que os cursos de Educação de Jovens e Adultos de nível médio deverão ser voltados especificamente para alunos de faixa etária superior à própria para a conclusão deste nível de ensino, ou seja, 17 anos completos (Brasil, 1996).

componentes curriculares optativos, conforme disposto no Projeto Pedagógico do Curso (PPC). Por fim, o Estágio Curricular Supervisionado do EMIEP no campus Blumenau não é obrigatório. No entanto, os estudantes que optarem por realizá-lo poderão fazê-lo em qualquer fase do curso, de acordo com o regulamento de estágio supervisionado do IFC Campus Blumenau, com uma carga horária de 300 horas (Instituto Federal Catarinense, 2021).

Os cursos de EMIEP em Informática e Eletromecânica do IFC Campus Blumenau possuem o regime de matrícula seriado, com duração de 3 anos. As aulas são realizadas em turno integral (manhã e tarde), com uma carga horária total de 3.600 horas-relógio para o curso de Informática e 3.510 horas-relógio para o curso de Eletromecânica (Instituto Federal Catarinense, 2021).

O curso em Eletromecânica está vinculado ao eixo tecnológico de Controle e Processos Industriais e visa atender prioritariamente à mesorregião do Vale do Itajaí, formando profissionais nos segmentos industriais elétrico, mecânico e metalúrgico. O egresso estará habilitado a atuar em diversas áreas, incluindo projeto e manutenção de sistemas mecânicos, processos metalúrgicos, processos de fabricação mecânica, instalações elétricas industriais e prediais, acionamento de máquinas elétricas, medições elétricas, manutenção mecânica industrial e automotiva, e como auxiliar em projetos de engenharia de sistemas térmicos, engenharia legal e desenvolvimento industrial sustentável (PPC Eletromecânica, 2019).

Já o curso em Informática, atrelado ao eixo tecnológico de Informação e Comunicação, visa formar profissionais capazes de participar do desenvolvimento de aplicações e de projetos de software em variados segmentos socioeconômicos. Os estudantes são habilitados para a utilização de ferramentas computacionais, promovendo uma educação para a autonomia e para o exercício profissional na área de informática, desenvolvimento de sistemas de informação e empreendedorismo (PPC Informática, 2024).

A matriz curricular dos cursos de EMIEP em Informática e Eletromecânica no IFC Campus Blumenau é extensa e densa. Abaixo é apresentado o quadro 1 com a distribuição anual das disciplinas por curso:

Quadro 1 - Distribuição anual do número de disciplinas por curso e ano no EMIEP do IFC Campus Blumenau (continua...)

Curso	Informática			Eletromecânica		
Ano	1º	2º	3º	1º	2º	3º
Disciplinas	17	18* (inclui uma optativa de 60 horas)	16* (inclui uma optativa de 60 horas)	19	19* (inclui uma optativa de 60 horas)	13

Fonte: Elaborado pela autora

Ambos os cursos contam com o apoio de um corpo docente de cerca de 64 profissionais que possuem variados perfis didático-pedagógicos (PPCs, 2019, 2024).

Quanto à práxis educativa os PPCs (2019, 2024) dos cursos destacam a indissociabilidade entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem, através do desenvolvimento de práticas profissionais, visitas técnicas, estágios, entre outras formas de integração e contato com a prática real de trabalho. No que se refere ao processo avaliativo, conforme estabelecido pela Resolução nº 16/2019, a avaliação da aprendizagem nos cursos de EMIEP do IFC deve ser contínua e cumulativa, priorizando aspectos qualitativos em relação aos quantitativos. As avaliações são previstas nos PPC dos cursos e nos planos de ensino dos componentes curriculares e devem considerar o desempenho do estudante ao longo de todo processo formativo.

Como parte do currículo integrado, os PPCs também preveem avaliações integradas, buscando promover a articulação entre os componentes curriculares entre as áreas básicas e técnicas. O ciclo avaliativo é trimestral e a aprovação do estudante ocorre após a conclusão da série letiva, desde que atendidos os critérios mínimos, ou seja, frequência de 75% e média aritmética igual ou superior a 6,0 em cada disciplina (Instituto Federal Catarinense, 2019).

Por fim, nos cursos de EMIEP do IFC não são aplicados exames finais. Em vez disso, adota-se a recuperação paralela ao longo do período letivo, por meio de estratégias pedagógicas que promovam a aprendizagem contínua do estudante. Essas estratégias podem incluir monitoria, grupos de estudo, atividades extraclasse e intervenções planejadas e conduzidas pelos docentes. Os estudos de recuperação paralela são obrigatórios para estudantes com rendimento inferior a nota 6,0 e devem prever momentos de reavaliação, sendo que se os resultados forem superiores, substituem as notas antigas. Ainda, todos os estudantes têm direito ao

acesso e participação nessas atividades, independente de seus rendimentos escolares (Instituto Federal Catarinense, 2019).

3.3 Perfil dos estudantes do EMIEP em Informática e Eletromecânica

As informações apresentadas nesta seção foram elaboradas com base nos dados disponíveis no Painel Farol de Dados do IFC, o que permite uma compreensão atualizada sobre o perfil dos estudantes matriculados no EMIEP em Eletromecânica e Informática no ano de 2024 do Campus Blumenau.

Em 2024, os cursos de EMIEP em Eletromecânica e Informática do IFC Campus Blumenau contaram, respectivamente, com 89 e 208 estudantes regularmente matriculados, totalizando 297 ingressantes. Esses estudantes representam uma parcela significativa dos 489 jovens vinculados ao nível técnico integrado na instituição (Instituto Federal Catarinense, 2025).

A análise do perfil sociodemográfico revela que a faixa etária predominante entre os estudantes é de 15 a 19 anos, característica esperada dessa etapa de ensino. Em relação ao gênero, observa-se uma prevalência de estudantes do sexo masculino, especialmente no curso de Eletromecânica, enquanto o curso de Informática apresenta uma distribuição mais equilibrada entre os sexos. No que se refere à raça/cor, a maioria dos estudantes se autodeclara branca, seguida por pardos, pretos, e em menor número, indígenas, amarelos e não declarados (Instituto Federal Catarinense, 2025).

Quanto à origem, os dados indicam que a maior parte dos estudantes é oriunda do município de Blumenau, mas há também presença de jovens provenientes de cidades vizinhas como Indaial, Pomerode e Brusque, além de outros estados, como Pará, São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Norte (Instituto Federal Catarinense, 2025).

Em relação à condição socioeconômica, verifica-se que grande parte dos estudantes possui renda familiar per capita de até 2,5 salários mínimos, o que indica uma prevalência de contextos de vulnerabilidade econômica. Além disso, há registro de 12 estudantes com deficiência (PNE) entre os matriculados, o que reforça a importância de políticas e ações de acessibilidade e inclusão (Instituto Federal Catarinense, 2025).

O ingresso nos cursos ocorre majoritariamente por meio de ações afirmativas,

com destaque para as cotas destinadas a estudantes de escolas públicas, e subgrupos como pretos, pardos e indígenas (PPI) e pessoas com deficiência (PCD). A análise do preenchimento de vagas mostra que, em 2024, o campus registrou 90 matrículas efetivadas frente a 140 vagas ofertadas, alcançando uma taxa de ocupação de 64,29%, o que evidencia os desafios de atração, ingresso e permanência dos estudantes no EMIEP (Instituto Federal Catarinense, 2025).

Nesse contexto, destaca-se também o número de estudantes evadidos em 2024: foram registrados 27 casos no curso de Eletromecânica (de um total de 200 estudantes) e 23 no curso de Informática (de 262 estudantes). Conforme informações obtidas junto a Coordenação de Registro Acadêmicos e Cadastro Institucional (CRA) do IFC Campus Blumenau, a maioria das evasões relatadas ocorreu por conta da greve que afetou o calendário letivo no início do ano. Em alguns casos, os estudantes nem formalizaram o pedido de cancelamento, sendo necessário o contato direto com escolas da região para verificar a continuidade dos estudos, dado que muitos são menores de idade. Também foram contabilizados os casos de evasão por ausência no retorno às aulas em 2024, o que levou ao cancelamento de matrícula após confirmação externa de que o estudante havia se transferido (CRA IFC Blumenau, 2025).

Essas informações reforçam a importância de compreender a realidade dos estudantes dos cursos de EMIEP de forma contextualizada a fim de subsidiar ações pedagógicas e de acolhimento que favoreçam a afiliação estudantil, o pertencimento, o vínculo e integração institucional e o sucesso acadêmico.

3.4 As coordenações de curso do EMIEP e o Serviço de Suporte e Apoio ao Estudantes (SISAE)

As coordenações de curso do EMIEP exercem um trabalho fundamental na gestão pedagógica e administrativa no IFC Campus Blumenau. Conforme Resolução nº 10/2021 - CONSUPER, a função de coordenador de curso deve ser ocupada por docente efetivo do quadro permanente da instituição, escolhido por meio de processo interno, com mandato de dois anos, sendo permitida uma recondução consecutiva. Entre suas atribuições, destaca-se a responsabilidade de apoiar e auxiliar na execução de políticas institucionais voltadas à permanência e êxito

estudantil, inclusão da diversidade e o acompanhamento dos estudantes durante o desenvolvimento do curso, prestando orientação acadêmica, administrativa e mediações (Instituto Federal Catarinense, 2021).

Apesar da relevância do papel da coordenação, observa-se que no site institucional do curso em Informática e Eletromecânica do IFC Campus Blumenau não constam informações sobre os horários de atendimento das coordenações, tampouco a localização das salas. Identificamos, por meio da observação de campo, que as salas das coordenações estão situadas no primeiro andar da instituição, em frente à biblioteca, junto às salas dos docentes. Embora as portas estejam nomeadas por curso, a disponibilidade de atendimento aos estudantes nem sempre é assegurada nos horários indicados. Tal situação se deve, em parte, à sobreposição de funções dos coordenadores, que além da coordenação exercem atividades docentes, participam de projetos institucionais e utilizam os intervalos para refeições e reuniões acadêmicas e administrativas. Ainda, embora seja disponibilizado o e-mail institucional da coordenação para contato, esse canal de comunicação também apresenta limitações. O elevado volume de mensagens recebidas, somado às múltiplas demandas profissionais, pode dificultar e comprometer a leitura e o retorno com a prontidão necessária. Levando, em alguns casos, a ausência de orientações e esclarecimentos aos estudantes por esse meio.

Quanto à política de atendimento ao estudante, os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) estão ancorados no Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, que institui o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). O programa tem por objetivo democratizar as condições de permanência dos jovens na educação pública federal, reduzir as taxas de evasão, minimizar desigualdades sociais e promover a inclusão social por meio da educação (Brasil, 2010). O PNAES deve ser implementado nos Institutos Federais, levando em conta suas especificidades, áreas estratégicas e as necessidades identificadas por seus estudantes. As ações devem ser articuladas com ensino, pesquisa e extensão, abrangendo dimensões como moradia estudantil, alimentação, transporte, saúde, inclusão digital, cultura, esporte, creche, apoio pedagógico e atendimento e acompanhamento a estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e superdotação (Brasil, 2010).

No contexto do IFC Campus Blumenau, os PPCs mencionam ainda o Programa de Auxílios Estudantis (PAE), que busca garantir condições de acesso e

permanência para estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, por meio de auxílios financeiros nas modalidades de Auxílio Moradia e Auxílio Permanência I e II. Entretanto, os PPCs não apresentam informações sobre outros serviços ou programas voltados ao atendimento estudantil, como orientações pedagógicas, acolhimento ou apoio psicológico. Ressalta-se que os auxílios são ofertados com base em editais específicos, que regulamentam os critérios de seleção e a metodologia de concessão dos benefícios.

Complementando a estrutura de suporte e apoio aos estudantes, o IFC Campus Blumenau conta com o Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional (SISAE), vinculado ao Departamento de Ensino, Pesquisa e Extensão (DEPE). Segundo informações disponíveis no site institucional, o SISAE tem como atribuição prestar apoio e atendimento aos estudantes, contribuindo para sua permanência e êxito acadêmico (Instituto Federal Catarinense, s.d.). O setor conta com uma equipe multiprofissional composta por: um assistente em administração, um assistente de alunos (que também atua como coordenador do setor), um assistente social, um pedagogo, um psicólogo, duas técnicas em assuntos educacionais e duas estagiárias. O horário de atendimento divulgado é das 8h às 21h, de segunda a sexta-feira, com o objetivo de acolher a comunidade acadêmica nos três turnos de funcionamento do IFC.

No entanto, observa-se que as informações disponíveis sobre o funcionamento do SISAE são limitadas e dispersas. Não há detalhamento suficiente e nem orientações claras sobre os tipos de apoio prestados. Também não há, até o momento, regulamentação acessível sobre as diretrizes que regem esse setor. A observação de campo revelou dificuldades de acesso ao atendimento por parte dos estudantes, bem como uma certa desorganização nas dinâmicas internas do setor, que frequentemente prioriza as demandas espontâneas, o que pode indicar a ausência de um planejamento estruturado que oriente a rotina e os fluxos de atendimento.

A equipe pedagógica do SISAE é qualificada, embora reduzida, diante da ampla abrangência de seu público-alvo, que inclui toda a comunidade acadêmica, pais ou responsáveis dos estudantes e também comunidade externa. O que compromete, diretamente, a capacidade de atendimento. Adicionalmente, há dificuldades nos canais de comunicação, como o e-mail institucional e o aplicativo de mensagens rápidas (WhatsApp), que nem sempre oferecem retorno às demandas

dos estudantes em tempo hábil. Observou-se ainda que os profissionais do SISAE acumulam múltiplas funções, como participação em núcleos, comissões, projetos institucionais e ações de extensão. Também desempenham atividades de mediação entre estudantes, docentes, familiares e demais entidades públicas municipais (Secretarias Municipais de Assistência Social e Saúde, por exemplo), o que, embora fundamental, aumenta ainda mais sua carga de trabalho.

Considerando essas especificidades, observa-se um modo de operação comum entre as coordenações de curso e o SISAE: ambas as estruturas encontram-se sobrecarregadas, o que compromete a qualidade e a efetividade do atendimento, apoio e acompanhamento estudantil, funções que, idealmente, deveriam estar no centro das suas práticas diárias. Fortalecer essas equipes e dar condições adequadas de trabalho, são medidas fundamentais para que os estudantes tenham acesso de fato aos recursos pedagógicos e administrativos disponíveis na instituição.

3.5 Desenvolvimento, aplicação e validação do Produto Educacional

O produto educacional elaborado nesta pesquisa – o guia Acolhe IFC: um guia de orientações para estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado – foi concebido como uma resposta às dificuldades vivenciadas pelos estudantes durante o processo de transição entre o ensino fundamental e o EMIEP. Seu desenvolvimento seguiu os princípios da pesquisa aplicada e da produção de materiais educativos com base nos eixos temático, conforme proposto por Kaplún (2002). A partir da escuta ativa dos estudantes e servidores do IFC Campus Blumenau, por meio de entrevistas e aplicação de questionários, foi possível identificar as principais lacunas informacionais e os desafios práticos enfrentados pelos ingressantes. Esses dados subsidiaram a definição do conteúdo do guia, que buscou oferecer informações claras, acessíveis e organizadas sobre o funcionamento institucional, os cursos ofertados, os serviços de apoio e estratégias de estudo e aprendizagem, gestão do tempo e autocuidado.

Após sua construção, o guia passou por um processo de aplicação e avaliação participativa, envolvendo estudantes dos cursos de Informática, Eletromecânica e Mecatrônica ingressantes em 2025. A aplicação do PE foi realizada durante oficinas presenciais nas atividades de acolhimento institucional,

nas quais o material serviu de base para momentos de escuta, reflexão e fortalecimento de vínculos. O detalhamento do processo de desenvolvimento, aplicação e avaliação do guia são apresentados no capítulo 5.

4 NA TRILHA DO QUE OS DADOS NOS DIZEM SOBRE AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Esta seção apresenta os resultados e discussões da pesquisa empírica realizada com servidores e estudantes do IFC Campus Blumenau, com o objetivo de analisar o processo de afiliação estudantil no EMIEP. Os dados foram organizados de forma a evidenciar as percepções, experiências e trajetórias dos sujeitos envolvidos, a partir de suas vivências institucionais. Inicia-se com a caracterização do perfil dos participantes da pesquisa, em seguida, serão analisadas as narrativas e respostas obtidas nas entrevistas e questionários, categorizadas a partir da AC, por frequência temática, de modo a compreender como se configuram os tempos de hesitação, estranhamento, aprendizagem e afiliação no percurso formativo dos estudantes neste contexto educacional.

4.1 O perfil dos participantes

Quanto ao perfil dos servidores participantes da pesquisa, a amostra foi composta por cinco profissionais, sendo três do sexo feminino e dois do sexo masculino. No SISAE, participaram da entrevista, realizada coletivamente, uma psicóloga escolar, uma técnica administrativo em educação (TAE) e uma assistente de alunos. Todas atuam há mais de dez anos na instituição e, especificamente, há pelo menos cinco anos no SISAE, o que evidencia significativa experiência no atendimento e acompanhamento estudantil.

Também foi realizada uma entrevista individual com dois ex-coordenadores dos cursos de Informática e Eletromecânica, ambos professores efetivos do quadro de Professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. O coordenador do curso de Informática atuou por aproximadamente quatro anos na função de coordenação e possui cerca de catorze anos de vínculo com a instituição. Já o coordenador do curso de Eletromecânica exerceu a função por três anos e integra o quadro docente do IFC há cerca de oito anos. Essa experiência profissional demonstra que os participantes possuem um amplo conhecimento sobre a realidade institucional e o cotidiano dos estudantes.

Entre os 27 estudantes participantes da pesquisa, 15 se identificam como do

sexo feminino e 12 como do sexo masculino, com idades entre 15 e 19 anos. Observou-se uma maior concentração de respondentes nas faixas etárias de 15 e 16 anos. Aos 15 anos, predominam estudantes brancos de ambos os sexos, com menor presença de estudantes pardos (2) e pretos (1). Aos 16 anos, o padrão se mantém, com maioria de estudantes brancos. Já nas faixas etárias de 17, 18 e 19 anos, todos os participantes são do sexo masculino e se autodeclaram brancos.

Quanto à rede de ensino frequentada anteriormente ao ingresso no IFC, observou-se que a maioria dos estudantes (84,6%) provém exclusivamente de escolas públicas. Enquanto 11,5% cursaram parte da educação básica em escolas públicas e parte em escolas privadas. Por fim, 3,8% dos participantes têm origem exclusivamente de escolas privadas.

Em relação à modalidade de ingresso na instituição, observou-se que 57,7% dos estudantes ingressaram no IFC por meio da ampla concorrência, enquanto 42,3% utilizaram Ações Afirmativas. Dentre aqueles que optaram pelas Ações Afirmativas, as categorias mais recorrentes foram, em ordem de frequência: Escola Pública (72,7%), Escola Pública com Baixa Renda (18,2%) e Pessoa com Deficiência (9,1%).

A seguir, apresenta-se um panorama do perfil dos estudantes participantes da pesquisa, com base nos dados sociodemográficos e escolares obtidos por meio dos questionários. O Quadro 2 sintetiza essas informações, permitindo uma visualização mais clara das características que compõem o grupo investigado.

Quadro 2 – Perfil sintético dos estudantes participantes da pesquisa

Categoria	Distribuição
Sexo	55,6% feminino (n=15) / 44,4% masculino (n=12)
Faixa etária predominante	15 e 16 anos
Cor/Raça predominante	Branca
Origem escolar	84,6% pública / 11,5% pública + privada / 3,8% privada
Modalidade de ingresso	57,7% ampla concorrência / 42,3% ações afirmativas
Tipo de ação afirmativa	72,7% escola pública / 18,2% baixa renda / 9,1% PcD
Curso	66,7% Informática / 33,3% Eletromecânica
Ano/Série	44,4% 1º ano / 29,6% 2º ano / 25,9% 3º ano

Fonte: Elaborado pela autora

Quanto ao curso do EMIEP escolhido e o ano atual em andamento, observou-

se que entre os 27 estudantes participantes da pesquisa, 18 estavam matriculados no curso de Informática e 9 no curso de Eletromecânica. A seguir, no quadro 3, apresenta-se a distribuição dos respondentes por curso e série:

Quadro 3 - Distribuição dos estudantes participantes por curso e série do EMIEP

Ano/Série	Informática	Eletromecânica	Total
1º ano	9	3	12
2º ano	5	3	8
3º ano	4	3	7
Total	18	9	27

Fonte: Elaborado pela autora

4.2 - Análise qualitativa dos dados gerados

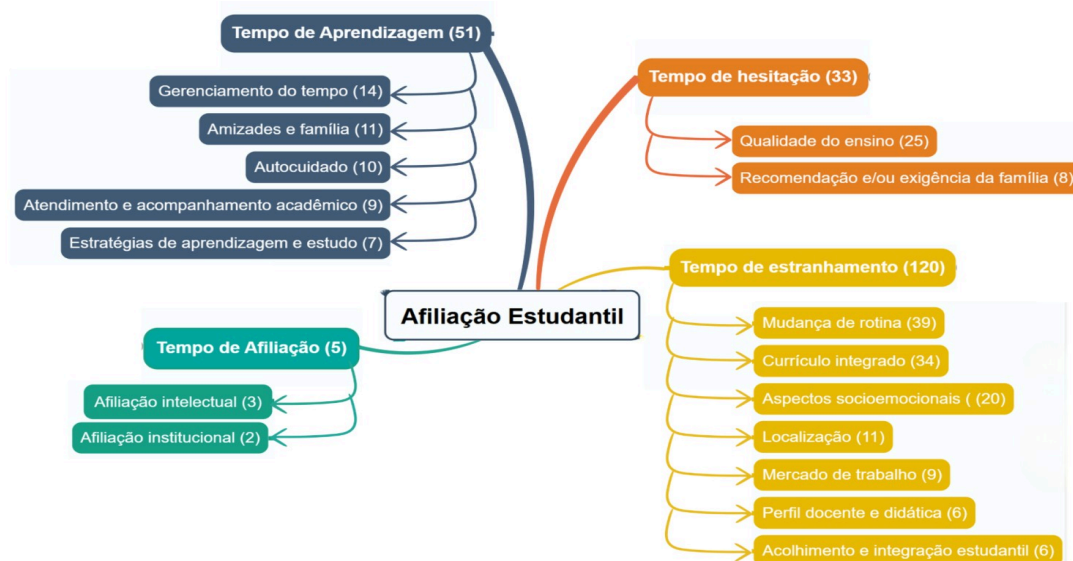
Após a transcrição dos 27 questionários aplicados com os estudantes e das entrevistas com os servidores do IFC, foi elencado quatro categorias de análise a partir do conceito de afiliação estudantil de Coulon (2008), que abrange as vivências dos estudantes sob a perspectiva teórica adotada neste estudo, sendo elas: Tempo de hesitação, Tempo de estranhamento, Tempo de aprendizagem e Tempo de afiliação.

O “Tempo da hesitação” introduz a análise com ênfase nos aspectos que antecedem a entrada dos ingressantes no EMIEP. Esse período foi nomeado por Silva (2016) em sua pesquisa, que buscou compreender como o ingresso no Ensino Superior contribui para a constituição do sujeito como estudante, sob a perspectiva teórica da Psicologia Escolar Crítica.

É importante destacar que Coulon (2008) não atribui uma denominação específica a esse momento. No entanto, ele pode ser identificado em outros estudos que se debruçaram sobre o conceito de afiliação estudantil (Dantas et al, 2021). Considerando que Silva (2016) conferiram esse título a essa fase específica, optamos por adotá-lo nesta pesquisa, especialmente porque, durante os questionários e entrevistas realizadas, alguns participantes mencionaram aspectos e particularidades vivenciadas antes da entrada no IFC.

As demais categorias foram nomeadas por Coulon (2008) e descrevem, em termos temporais, cada etapa da transição vivenciada pelos estudantes em sua jornada acadêmica: Tempo de estranhamento, Tempo de aprendizagem e Tempo de afiliação. A seguir, a Figura 2, ilustra as categorias e codificações identificadas a partir dos dados da pesquisa.

Figura 2 - Mapa de categorias e codificações da afiliação estudantil no EMIEP.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nos próximos tópicos busca-se dar visibilidade às vozes dos sujeitos da pesquisa, por meio de excertos que ilustram suas vivências e revelam os sentidos atribuídos ao percurso formativo no IFC e o processo de afiliação estudantil no EMIEP. Para isso, foram organizados quadros conforme as categorias e codificações identificadas, o número de menções de cada uma. Essa estrutura busca facilitar a compreensão e proporcionar uma leitura mais clara e acessível dos dados analisados.

Para organizar e sistematizar os dados gerados por meio das entrevistas e questionários, foi realizada uma codificação dos participantes, assegurando tanto a confidencialidade das identidades quanto a possibilidade de retorno ao material original sempre que necessário. A codificação é uma etapa essencial na análise qualitativa, pois permite categorizar e referenciar os discursos de forma sistemática.

No caso dos estudantes, participantes do questionário, a codificação utilizada foi representada pela letra “E”, seguida por um número correspondente à ordem de

recebimento das respostas, totalizando 27 estudantes (E1, E2, ..., E27). Para as entrevistas realizadas com os servidores, foi adotada uma distinção entre os dois grupos participantes: os representantes das coordenações dos cursos foram codificados como C1 e C2 enquanto o setor SISAIE foi identificado como S1.

A análise de dados contempla tanto as narrativas dos estudantes quanto as dos servidores (coordenação e SISAIE), compreendendo que a perspectiva dos jovens, embora central, é enriquecida pela visão institucional. Essa abordagem permite uma compreensão mais ampla do processo de afiliação estudantil no EMIEP, considerando as vivências individuais e coletivas dos estudantes, bem como as percepções, ações e estratégias promovidas pela instituição.

4.2.1 – Sobre o tempo de hesitação

“Eu me inscrevi no IFC por recomendações de familiares e principalmente porque era a escola que melhor poderia me formar como cidadão.”(E22)

A hesitação é um estado de incerteza, dúvida ou indecisão diante de uma escolha ou ação. Esse processo pode envolver um momento de pausa antes da tomada de decisão, influenciado por fatores como falta de informação, insegurança, medo das consequências ou conflitos internos entre diferentes opções disponíveis (Silva, 2016; Dicio, s.d.)

O ato de hesitar abrange múltiplos aspectos humanos, incluindo emocional, psicossocial, comportamental e cognitivo (Rabello, 2001). No contexto da transição escolar, especialmente na perspectiva de ingresso no EMIEP, a hesitação pode se intensificar. Durante a juventude, fase em que muitos estudantes estão em processo de construção identitária, a necessidade de fazer escolhas futuras, estabelecer novos vínculos sociais e se adaptar a um novo ambiente educacional pode desencadear conflitos emocionais e incertezas. A busca por aceitação e pertencimento também se torna um fator relevante nesse cenário (Erikson, 1987; Rabello, 2001; Dayrell, Carrano, 2014; Silva, 2016; Dayrell; Jesus, 2016). Ainda nessa direção, consideramos importante pensar a transição educacional articulada à vivência da juventude, experienciada em condições e temporalidades subjetivas muito diversas. Ou seja, esse processo apesar de ser coletivo, é essencialmente individual (Dayrell, Carrano, 2014; Dayrell; Jesus, 2016; Dantas et al., 2021)

Sob essa perspectiva, no contexto da afiliação estudantil, a hesitação pode ser compreendida como parte essencial do processo de transição e adaptação ao meio escolar (Coulon, 2008; Silva, 2016), especialmente quanto aos motivos que levaram esses estudantes a escolherem cursar o EMIEP. No quadro 3 são apresentados, por ordem de frequência, os códigos que tratam das motivações dos estudantes para a escolha do IFC Campus Blumenau.

Quadro 3 - Codificações da categoria “Tempo de Hesitação” com base nas percepções dos estudantes

Código	Frequência
Qualidade do ensino	25
Recomendação e/ou exigência de familiares	8

Fonte: Elaborado pela autora

Os relatos dos participantes da pesquisa revelam uma forte valorização do IFC como uma instituição pública, gratuita e reconhecida socialmente. Essa valorização está relacionada à qualidade do ensino, como ilustram os excertos: “O ensino de qualidade” (E11); “Por conta do ensino de qualidade” (E14); “Me interessei pela qualidade do ensino e pelos bons comentários de ex-alunos que eu conheço” (E23); “Porque a fama era boa e eu e minha família conhecíamos pessoas que estudavam aqui” (E15). Essa percepção de excelência está alinhada ao que aponta Jost (2019), ao evidenciar que a qualidade do ensino é um dos critérios mais mencionados pelos estudantes na hora da escolha da instituição.

Adicionalmente, alguns estudantes estabelecem comparações com outras instituições públicas. Um dos entrevistados relata: “Escolhi entrar no IFC, pois fiz o 1º ano do ensino médio em uma escola estadual, mas achei o ensino fraco e decidi ingressar no IFC, pois já conhecia por ser ensino de melhor qualidade” (E16). Outro complementa: “Procurava locais que tivessem um ensino forte, com opções de atividades extracurriculares e ensino técnico, e o IF se destacou” (E18). Nesse sentido, a qualidade do ensino é vista não apenas como um diferencial competitivo, mas também como um meio para vivências mais significativas e transformadoras ao longo da formação. Como destaca Kawanami (2019), muitos jovens não procuram apenas o acesso ao ensino superior após a conclusão do ensino médio, mas experiências formativas mais amplas, que ressignifiquem sua trajetória escolar e

ampliem suas perspectivas de vida e de futuro.

Paralelamente, o segundo código identificado — recomendação e/ou exigência de familiares — também se mostra decisivo no processo de escolha pelo ingresso no IFC. Muitos participantes relatam que sua decisão foi motivada ou influenciada diretamente pela família. Como exemplificam os trechos: *“Eu me inscrevi no IFC por recomendações de familiares e principalmente porque era a escola que melhor poderia me formar como cidadão”* (E3); *“Tem um peso no currículo e minha família tem um histórico no EMI”* (E21); *“Não tive escolha, se eu não entrasse no IFC eu teria que trabalhar para pagar a particular”* (E4); *“Não fui eu quem escolheu, foram meus pais”* (E7). Esses excertos refletem como as expectativas familiares, muitas vezes baseadas na reputação e na qualidade reconhecida do ensino do IFC, podem conduzir os estudantes a essa escolha.

Esse aspecto é corroborado por Kawanami (2019), ao destacar que a aprovação dos jovens nos institutos federais é celebrada não apenas por eles, mas também por seus familiares, que reconhecem essas instituições como espaços de excelência e ensino de qualidade. Vecchiatti (2019) também aponta que a influência — ou mesmo imposição — da família é um elemento presente nas trajetórias de escolha dos estudantes.

Para além do incentivo direto, essa atuação da família se insere em um contexto mais amplo de projeção de futuro e expectativa de que seus filhos tenham uma vida socioeconômica melhor, como indicam Gomes (2018) e Nogueira (2006). Os pais e responsáveis acabam assumindo o papel de mediadores das oportunidades, sendo responsabilizados, muitas vezes, pelos sucessos ou fracassos escolares e profissionais dos filhos. Como reforçam Almeida e Pinho (2008), essa influência pode se manifestar de modo direto ou sutil, sendo internalizada pelos jovens. Um exemplo dessa influência velada aparece no trecho: *“Porque me falaram que era o melhor ensino da região e dava mais oportunidade de futuro”* (E13).

Nesse cenário, a qualidade do ensino e a recomendação familiar não são fatores isolados, mas dimensões interligadas do processo de afiliação. Ambas revelam um movimento de expectativa e investimento — por parte dos estudantes e de suas famílias — no IFC como espaço de formação cidadã, profissional e social. Como destaca Coulon (2008), “a passagem parece ser função dos percursos anteriores, escolares ou não, seguidos pelo estudante” (p. 101). Assim, ainda que o “tempo da hesitação” se concentre no período anterior ao ingresso, muitas dúvidas e

incertezas persistem nos primeiros momentos vivenciados no EMIEP, o que reforça a importância da qualidade institucional e do suporte familiar na construção do pertencimento e da afiliação estudantil.

4.2.2 – Sobre o tempo de estranhamento:

“Foi difícil, pois nunca tinha trocado de escola, então fiquei apreensiva na questão de fazer amigos. Em questão de rotina, foi e ainda é complicado para mim, pois é uma rotina puxada...” (E17)

O segundo eixo de análise foi o denominado “Tempo de Estranhamento”, que trata do momento de ingresso do estudante no curso de EMIEP, elencando as expectativas e emoções em relação ao início do curso e as preocupações mais latentes dos participantes quanto às formações de vínculos sociais, reconhecimento do ambiente institucional, suas regras e normativas. No quadro 4 são apresentados, por ordem de frequência, os códigos presentes nas narrativas dos entrevistados sobre esse período.

Quadro 4 – Codificações da categoria “Tempo de Estranhamento” com base nas percepções dos estudantes ingressantes no IFC Campus Blumenau

Código	Frequência
Mudança de rotina	39
Currículo integrado	34
Aspectos socioemocionais	20
Localização do IFC	11
Mercado de trabalho	9
Perfil docente e didática	6
Acolhimento e integração estudantil	6

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando a riqueza e diversidade das narrativas que compõem esse eixo, foram identificados sete códigos analíticos, cada um com expressiva recorrência e relevância. Por essa razão, optou-se por apresentar a análise de cada código em subseções específicas, por ordem de frequência, numeradas de 4.2.2.1 a 4.2.2.7, com a denominação do referido código. Essa organização visa facilitar a leitura, aprofundar a compreensão dos dados e permitir o retorno direto a cada item

temático conforme necessário ao longo da discussão.

4.2.2.1 - Mudança de rotina

O código “mudança de rotina” foi mencionado 39 vezes pelos participantes da pesquisa e revela aspectos significativos da experiência estudantil no ingresso ao EMIEP. Tal mudança envolve a reorganização do dia a dia dos jovens, impactando suas práticas de estudo, seus horários, relações interpessoais e a forma de se relacionar com a escola.

De acordo com Coulon (2008), o ingresso é permeado por mudanças significativas na vida do estudante e se estabelece em “três modalidades fortemente presentes em toda a aprendizagem: o tempo, o espaço e as regras do saber” (p. 35). Sendo assim, é necessário considerar o caminho de transformações que estes jovens precisam trilhar para tornarem-se, de fato, estudantes.

A mudança de rotina foi apontada como uma das principais dificuldades no processo de transição. Muitos relataram o impacto da carga horária extensa e das novas exigências acadêmicas. Como exemplificado por um estudante: *“Foi bem diferente, além da carga horária aumentar tive que mudar inteiramente minha rotina”* (E21). Outro participante acrescenta: *“A rotina ficou pesada, muitas provas e trabalhos, menos tempo livre”* (E6).

As falas também revelam como essa transição impacta a organização pessoal e o bem-estar dos estudantes. Um participante comenta: *“A rotina integral é um desafio atual, pois conciliar estudos, tarefas, atividades, vida pessoal, pois se torna constantemente exaustivo”* (E18). Esse relato reflete o desgaste físico e emocional enfrentado por estudantes que, muitas vezes, não possuem vivências anteriores com uma rotina escolar tão estruturada. Conforme destaca outra jovem: *“Nunca tinha trocado de escola, então fiquei apreensiva na questão de fazer amigos. Em questão de rotina, foi e ainda é complicado para mim, pois é uma rotina puxada”* (E25).

Outros estudantes narram a dificuldade de adaptação à nova dinâmica escolar, especialmente pela diversidade docente, o ritmo das aulas e a necessidade de maior autonomia. *“Os primeiros dias foram bem legais, uma mudança drástica de professores e aulas, conforme passou o tempo a rotina ficou pesada”* (E6). Já outro relato enfatiza a insegurança inicial: *“Estava bem insegura, porém foram feitas*

atividades que formaram um ambiente acolhedor” (E18).

Além do impacto físico, a mudança de rotina também desencadeia sentimentos de angústia e ansiedade. Um dos participantes compartilha: *“Horível, muito pesado” (E4)*, enquanto outro relata: *“Quando eu cheguei achei o ambiente diferente, e me assustei com a quantidade de matéria e como os professores tratavam, mas acabei me acostumando” (E1).*

Conforme Coulon (2008), o ingresso possui um aspecto positivo, pois marca o início de uma nova jornada, a entrada em outro mundo, no qual é possível refletir e escolher qual caminho seguir. Em consonância, nesta pesquisa, considera-se que o ingresso no EMIEP representa uma virada de página em relação ao ensino fundamental, que se concretiza no momento da matrícula. Para o estudante, esse processo simboliza a necessidade de “tomar conta de si mesmo, um caminho mais livre se inicia” (Coulon, 2008, p. 77).

Todavia, junto com a ampliação da liberdade, surge a exigência de responsabilidade e adaptação a um novo ritmo de vida (Silva, 2016), o que implica mudanças na postura diante dos estudos, da convivência e da gestão do tempo. Como descreve um estudante: *“A rotina bastante cansativa, muitas matérias, foi difícil no início, mas fiquei feliz ao ver laboratórios e coisas que auxiliam nos estudos” (E3)*, evidenciando que, apesar dos desafios, também há pontos motivadores e de identificação.

Essa nova etapa exige o desenvolvimento da autonomia, seja nos estudos ou organizando-se para cumprir suas responsabilidades, que aumentam progressivamente (Jost, 2019; Cunha, 2022). Isso inclui hábitos como acordar mais cedo, se alimentar com qualidade, manter a frequência nas aulas, realizar atividades letivas e ainda dispor de momentos de lazer. Porém, como apontado por Vecchietti (2019), nem todos os estudantes chegam ao EMIEP com experiências anteriores de rotinas estruturadas, o que pode dificultar o processo de adaptação.

Coulon (2018, p. 143) adverte:

O ingresso na universidade é uma confrontação progressiva com práticas novas. A chegada à universidade é a descoberta de outro mundo, no qual, antes de qualquer coisa, é preciso se situar: quem sou em relação ao conjunto? Qual função eu tenho? Que relação mantenho com a instituição?

Essa reflexão, embora direcionada ao ensino superior, também se aplica à realidade do EMIEP. O estudante precisa compreender e seguir as regras e

normativas institucionais, ao mesmo tempo em que busca entender as sutilezas que estruturam o cotidiano escolar. As experiências vividas nesse processo de mudança são parte fundamental da afiliação estudantil e da construção de um novo papel social — o de estudante do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional.

4.2.2.2 – Currículo integrado

O código “currículo integrado” foi citado 34 vezes pelos participantes da pesquisa e diz respeito às dificuldades percebidas no que se refere à carga horária, ao volume de conteúdos e à complexidade das disciplinas que compõem o EMIEP. Essas falas expressam o estranhamento com a estrutura curricular e o impacto direto na adaptação acadêmica dos estudantes ingressantes.

O EMIEP apresenta uma organização curricular anual, com componentes curriculares distribuídos e estruturados em regime seriado, que devem ser percorridos de forma sequencial para sua integralização. A cada período letivo, o estudante é matriculado em todas as disciplinas que compõem a matriz curricular da série, sem a existência de disciplinas pré-requisitos, de modo que todas as disciplinas de uma série tornam-se pré-requisitos para a série seguinte (BRASIL, 2019).

Uma das principais dificuldades relatadas refere-se à extensa carga horária e à sobrecarga de disciplinas. Essa estrutura inclui tanto componentes propedêuticos quanto disciplinas específicas do curso técnico, o que resulta em um total anual de 17 a 19 disciplinas, número consideravelmente superior ao encontrado no ensino fundamental, que geralmente conta com cerca de 11.

Corroborando esse dado, um estudante desabafa: *“Muito difícil, voltando todo dia chorando pra casa e o estudo era muito puxado, tudo muito novo e desafiador”* (E13). Outro relata: *“Maior carga horária que o fundamental e mais quantidades de matérias”* (E19), apontando a dificuldade de adaptação à intensidade do currículo.

A percepção de perda de desempenho é outro ponto relevante. Uma estudante, que se destacava anteriormente, comenta: *“Costumava ser uma das melhores alunas da sala e a média piorou. A quantidade de matéria...”* (E21), indicando o impacto emocional dessa mudança. Esse sentimento é reforçado por outro participante: *“As notas foram bem baixas, por isso fiquei preocupado e quando perguntei a alguns veteranos, nem todos me apoiaram”* (E2), revelando também a

solidão e a falta de acolhimento institucional nesse momento inicial.

Essas dificuldades são analisadas por Cunha (2022), que aponta que muitos estudantes que migraram com bom desempenho do ensino fundamental se deparam com resultados insatisfatórios no EMIEP, o que impacta sua autoestima. Soma-se a isso a cultura meritocrática presente nos Institutos Federais, que contribui para um ambiente competitivo e de autocobrança (Kawanami, 2019; Cunha, 2022). Conforme Kawanami (2019, p. 35), essa lógica reforça a ideia de que “todo o êxito é resultado do seu esforço pessoal”, desconsiderando as desigualdades de origem e os diferentes ritmos de aprendizagem.

O impacto da carga horária intensa também se manifesta na reorganização da rotina. Como ilustra um participante: “...*muitas matérias, estudos, provas, sem tempo para muitas coisas além da escola*” (E3). Esse depoimento reflete a sobrecarga enfrentada por estudantes que precisam se dedicar quase integralmente à escola, conforme apontado por Lima (2017).

Mesmo com a estrutura pensada para uma formação integrada, os relatos apontam falhas na articulação entre os componentes curriculares. Um estudante expressa: “*O grande número de matérias*” (E7), enquanto outro compartilha: “*Ao entrar no ensino médio integrado não encontrei muitos desafios, na verdade sinto que até melhorou minha rotina escolar*” (E10), sinalizando que, embora a maioria relate dificuldades, também há experiências positivas, ainda que minoritárias.

Um excerto do coordenador de curso, identificado como C1, ajuda a compreender o ponto de vista institucional sobre esse momento de transição: “*Quando eu estava na coordenação, o primeiro mês de vivência deles aqui dentro, eu chamava as turmas e dizia: é difícil?*” (C1). Essa narrativa é importante pois aponta que, apesar do preparo institucional, há o reconhecimento prévio por parte da coordenação das dificuldades enfrentadas pelos estudantes.

A pesquisa de Rosa (2022), ao estudar a rotina dos estudantes do EMIEP, aponta que muitos chegam em casa tão exaustos que optam por descansar ou usar redes sociais, sem tempo para lazer ou autocuidado. Isso reflete a intensa exigência do curso e a falta de equilíbrio entre vida pessoal e estudos.

Além disso, muitos estudantes apontam a falta de articulação entre os docentes, como um fator que intensifica o desgaste físico e emocional. A sobreposição de avaliações e prazos para entrega de trabalhos, por exemplo, é um exemplo disso. Como relata um estudante: “*Muitas provas e trabalhos eram*

marcados juntos, o que dificultava” (E27). Essa ausência de organização coletiva afeta diretamente a rotina de estudo e compromete o processo de aprendizagem.

Essa desarticulação se estende também às instâncias de apoio institucional. Um estudante afirma: *“O SISA e outros locais parecem tão desorganizados e às vezes nem ligam para o que os alunos falam”* (E23), evidenciando uma percepção de descaso ou falta de escuta ativa por parte dos setores que deveriam atuar no acolhimento e suporte ao estudante. Tais falas dialogam com as análises de Jost (2019) e Kawanami (2019), que destacam a incoerência entre a proposta de formação integral e as práticas institucionais fragmentadas, marcadas por uma cultura organizacional rígida e pouco dialógica.

Como consequência, os estudantes reivindicam uma gestão mais equilibrada do tempo e da carga de atividades. *“Administrar melhor os prazos para atividades, trabalhos e outros para garantir uma carga horária menos pesada para os alunos”* (E20), sugere um participante, apontando para a necessidade de uma coordenação pedagógica organizada, atenta e sensível a demanda estudantil.

Por fim, os relatos também indicam que o ambiente físico e relacional impacta diretamente na experiência de aprendizagem. Um estudante ressalta: *“Garantir uma sala de aula descontraída e confortável para que os alunos se sintam à vontade. Isso incluindo os laboratórios”* (E1). Essa fala reforça a importância da escola não como espaço de transmissão de conteúdo, mas como um ambiente acolhedor, leve e afetivo.

4.2.2.3 – Aspectos socioemocionais

O código “aspectos socioemocionais” foi apontado 20 vezes nas respostas dos participantes e revela o impacto emocional do ingresso no EMIEP. Os estudantes relataram sentimentos como medo, insegurança, ansiedade e frustração durante esse período de transição, indicando que as mudanças vividas não se restringem ao campo acadêmico, mas atingem a dimensão subjetiva e relacional.

Nesse processo de transição uma participante compartilha: *“Me senti assustada e nervosa”* (E21), enquanto outro menciona: *“Crises de ansiedade, estresse, baixa autoestima”* (E12), demonstrando que os efeitos emocionais são intensos e, muitas vezes, silenciosos.

Para alguns, as transformações representam obstáculos difíceis de superar,

especialmente para aqueles que enfrentam dificuldades de socialização ou que se deparam com grandes contrastes em relação ao ensino fundamental. *“No começo eu me senti muito perdida. Eu demorei para falar com as pessoas da minha sala e achei nos primeiros dias a rotina muito estranha”* (E23), descreve uma estudante, reforçando a sensação de deslocamento e de estranhamento frente ao novo ambiente.

Enquanto isso, outros estudantes conseguem ressignificar essas experiências e reconhecem nelas um processo de conquista. *“Uma montanha russa de desafios e sentimentos, mas que no fim dá um sentimento de orgulho de si mesmo por ter conseguido”* (E15), reflete a vivência emocional ambígua — de sofrimento, mas também de superação.

De acordo com Vecchietti (2019, p. 111), essa etapa é descrita pelos estudantes como “importante, complicada, triste, um milagre, interessante, legal, realização e dificuldade”, revelando o misto de emoções que permeia essa vivência. Nessa direção, quanto maiores as discrepâncias percebidas entre os dois níveis de ensino, mais intenso pode se tornar o sentimento de inadequação e mais profunda a sensação de descompasso com as novas demandas (Jost, 2019; Cunha, 2022).

Esse sentimento também se manifesta como medo de não conseguir “dar conta” das exigências acadêmicas. Um estudante expressa: *“Vem a dificuldade, muito medo deles [os professores], é sempre só o quê? Eu vou dar conta?”* (E1). Tais incertezas demonstram o quanto a autoconfiança dos jovens pode ser abalada quando a adaptação ao novo contexto escolar não é acompanhada de acolhimento adequado.

A insegurança também é evidenciada por um participante que afirma: *“As pessoas do fundamental são bem diferentes do EM, no 9º ano tem aquele medo da nova escola, o fim de um ciclo de 10 anos, e é um espaço não tão maduro”* (E16). Essas falas expõem as tensões entre o pertencimento a um novo coletivo e as rupturas com as vivências anteriores.

Uma análise complementar e institucional é trazida pelo SISAE (S1), que afirma: *“...[alguns estudantes] lidam de uma forma pesada, então embora alguns consigam dar conta do primeiro ano, mas aí vem essa busca de se manter no curso a um custo, um investimento pessoal, emocional, muitas vezes bem grande”* (S1).

Esse excerto aponta a percepção, por parte da equipe pedagógica, de que o ingresso e a permanência no EMIEP exigem dos estudantes não apenas esforço

acadêmico, mas um investimento emocional significativo. Isso amplia o debate sobre a necessidade de políticas institucionais de apoio mais estruturadas, sensíveis e acessíveis.

Para superar esses desafios, o apoio de profissionais como pedagogos, psicólogos escolares e de setores de apoio ao estudante tem se mostrado um recurso importante. Segundo Pires (2023) e Gomes (2018), a presença de equipes de acolhimento e acompanhamento estudantil é essencial para proporcionar suporte emocional aos estudantes e auxiliar na construção de estratégias de superação de dificuldades relacionadas aos processos de ensino e aprendizagem. Ainda sobre esse aspecto, Cabus e Matos (2020) destacam que tais iniciativas não apenas tratam das dificuldades escolares, mas também promovem o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e autonomia acadêmica, contribuindo para a afiliação estudantil, a permanência e a formação integral.

Reforçando essas questões, Fernandes (2019) ressalta a importância de programas institucionais voltados à prevenção e promoção da saúde mental dos estudantes em fase de adaptação e integração escolar, com vistas à superação do sofrimento psíquico que impacta diretamente a permanência e o desempenho acadêmico.

4.2.2.4 – Localização do IFC

O código “localização” foi citado 11 vezes pelos participantes da pesquisa. Ele se refere à influência da posição geográfica do campus em relação à residência dos estudantes e como essa variável interfere diretamente na sua rotina.

A partir dos excertos, é possível identificar que, para alguns estudantes, a localização do IFC é considerada estratégica, pois residem próximos à instituição. Como relata um participante: *“Por ser perto de casa”* (E1); outro complementa: *“Por que é perto da minha casa e porque minha irmã já estudou aqui”* (E12), revelando que a proximidade influencia positivamente tanto na escolha quanto na adaptação inicial ao novo ambiente escolar.

Por outro lado, para estudantes que moram em bairros mais afastados ou em outros municípios, a localização representa um desafio adicional. *“Tempo prolongado de viagem”* (E8), sintetiza um estudante, enquanto outro relata: *“O tempo do transporte e minha nova rotina, cuja passo todos os dias sem exceção,*

uma porcentagem estudando” (E18), apontando o impacto do deslocamento contínuo em sua capacidade de manter o foco e o rendimento escolar.

A logística do trajeto exige uma reestruturação da rotina diária. Como aponta um participante: *“O tempo integral foi uma grande mudança, as várias matérias, a locomoção de Indaial a Blumenau...”* (E26), e ainda: *“Se você é um aluno de Pomerode e você tem que estar aqui às oito da manhã, dependendo onde você está em Pomerode e dependendo do horário de ônibus, você tem que acordar às cinco da manhã para chegar aqui às 7h e 40 da manhã com o deslocamento e o trânsito”* (C1), conforme relatado por um coordenador do campus.

Esses relatos exemplificam o que Vecchietti (2019, p. 119) aponta ao afirmar que “muitos precisam madrugar para pegar o ônibus e chegar às sete e meia da manhã no Centro da cidade”, configurando o deslocamento como um dos sacrifícios exigidos para permanecer no EMIEP. Lima (2017) também enfatiza o quanto esse tempo de trajeto compromete momentos de descanso, lazer e autocuidado — fatores fundamentais à permanência e êxito estudantil.

Essa sobrecarga gerada pelo deslocamento muitas vezes acarreta efeitos negativos na adaptação, como relatado por um estudante: *“Meu fundamental foi bem precário, fora que tinha problemas com amizades que não foram problemas aqui, o tempo do transporte e minha nova rotina...”* (E18), indicando que mesmo quando há melhorias em outros aspectos da experiência escolar, o deslocamento continua sendo um fator desafiador.

Por sua vez, o SISAE (S1) acrescenta uma visão institucional importante sobre essa questão: *“Tem a questão da moradia, tem aluno que mora mais próximo, tem mais acessos, e há aluno que tem essa perspectiva de se adaptar. Tem outros recortes que às vezes o aluno não consegue, o aluno mora muito longe”* (S1). Essa narrativa revela que a localização, enquanto dimensão estruturante da experiência escolar, pode favorecer ou dificultar a afiliação estudantil, conforme as condições de mobilidade e moradia. Sob a perspectiva de Coulon (2008), essa é uma das regras do jogo escolar invisível que impacta a permanência: a escola espera que o estudante se adapte, mas nem todos possuem as mesmas condições para isso.

Nesse sentido, Cunha (2022) e Kawanami (2019) alertam para a importância de a instituição considerar essas desigualdades logísticas e estruturais como parte dos desafios enfrentados pelos estudantes, e não como questões individuais ou de “falta de esforço”. É preciso pensar a permanência não apenas em termos

pedagógicos, mas também geográficos e sociais.

4.2.2.5 – Mercado de trabalho

O código “mercado de trabalho” foi mencionado 9 vezes pelos participantes da pesquisa. As falas indicam que as projeções de futuro profissional estão fortemente presentes na escolha pelo ingresso no EMIEP e, especialmente, na decisão sobre o curso. Para muitos estudantes, o IFC é percebido como uma via de acesso ao mundo do trabalho e à conquista de uma colocação profissional futura, ainda que o curso escolhido nem sempre esteja alinhado aos interesses pessoais.

Um participante resume esse raciocínio: *“Por causa do ensino médio junto ao curso técnico, e a escolha do curso por causa da necessidade da região”* (E3). A percepção de que determinados cursos possuem maior demanda na região influencia diretamente nas escolhas, apontando o pensamento relativo à empregabilidade e retorno econômico no futuro. Outro estudante relata: *“Melhor condição de emprego, escolhi Eletromecânica, pois Informática é muito concorrido e não queria ser cobaias na Mecatrônica”* (E5), o que mostra como a decisão está atrelada a oportunidades percebidas de sucesso e não necessariamente à afinidade com a área.

No IFC Campus Blumenau, no ano de 2024, eram ofertadas três opções de cursos no EMIEP: Informática, Eletromecânica e Mecatrônica. Alguns estudantes relatam que optaram pela Informática por considerá-la uma área mais ampla e menos restrita, em comparação com as demais opções. Essa lógica também foi observada por Kawanami (2019) em sua pesquisa no Instituto Federal de São paulo (IFSP), quando analisou a preferência por cursos como Logística por razões semelhantes de amplitude e aplicabilidade em diversos setores.

Além dos interesses pessoais, outros elementos se sobressaem na escolha, como a facilidade de inserção no mercado de trabalho e a busca por um salário melhor. *“Quanto à escolha do curso, foi mais com base na facilidade de arrumar um emprego posterior”* (E8), reforça um estudante, enquanto outro afirma: *“O que me motivou foi as oportunidades que entrar aqui me dariam, um melhor currículo e melhores salários”* (E19). Essas falas evidenciam que o desejo de estabilidade financeira e ascensão social são centrais nas escolhas juvenis.

Em muitos casos, o EMIEP é compreendido como uma resposta à

necessidade concreta de sustento e superação de desigualdades sociais e econômicas. Sobre isso, Kawanami (2019, p. 116) explica que:

As dificuldades enfrentadas na permanência são vistas como barreiras a serem superadas com a promessa de um futuro promissor, e, frente à tamanha expectativa, não podem ser admitidas como um impedimento para a conclusão do curso.

A inserção no mercado de trabalho é, portanto, parte do projeto de vida desses jovens, e não apenas uma consequência da formação técnica. Como observa um participante: *“Pois vai me ajudar a me encaixar no mercado de trabalho com melhor performance”* (E17), revelando que a formação técnica é percebida como um diferencial competitivo.

Outro aspecto observado está relacionado ao prestígio institucional do IFC e mercado de trabalho. *“Porque o IFC por si só é uma boa instituição em questões de ensino e visibilidade no trabalho, com o curso em adicional torna a escolha melhor ainda”* (E20), reforça um estudante, revelando que o reconhecimento do nome da instituição também é um fator valorizado na construção do projeto profissional.

Apesar disso, mesmo almejando atuar futuramente em outras áreas, os estudantes reconhecem que a formação técnica do EMIEP proporciona conhecimentos específicos não presentes no ensino médio regular. Assim, mesmo sem clareza imediata sobre a proposta formativa da educação profissional integrada, percebem-na como vantajosa para o futuro. Como defendem Rosa (2022) e Kawanami (2019), esse percurso pode representar um caminho para a formação omnilateral e politécnica, mesmo quando não é plenamente compreendido sob esse viés pelos estudantes.

Em um contexto marcado pela valorização do esforço individual como via de ascensão social, destacam-se as falas que associam o curso técnico a um “peso no currículo” ou a uma vantagem em relação a outros candidatos. Para Kawanami (2019) e Rosa (2022), essa lógica se alinha à ideologia meritocrática, na qual o sucesso depende exclusivamente do empenho pessoal, desconsiderando desigualdades estruturais. Assim, os estudantes são incentivados a aproveitar todas as oportunidades que os destaquem, como forma de não serem “mais do mesmo”.

Diante disso, reforça-se a importância do trabalho institucional no esclarecimento e fortalecimento do projeto formativo do EMIEP. Cabe à escola tornar explícito que a formação técnica integrada não se resume à capacitação para

o mercado de trabalho, mas também visa à construção de uma formação crítica, cidadã e omnilateral. Quando esse projeto não é compreendido, há o risco de que o EMIEP seja reduzido a um caminho utilitarista e fragmentado, esvaziando seu potencial emancipador (Vechietti, 2019; Cunha, 2022).

4.2.2.6 – Perfil docente e didática

O código “perfil docente e didática” apareceu em 6 falas dos participantes e revelou importantes percepções sobre as formas de ensinar e os desafios enfrentados pelos estudantes diante da prática docente no EMIEP. Esse estranhamento se relaciona tanto às metodologias adotadas pelos professores, quanto ao seu nível de exigência, postura e capacidade de adaptação às especificidades da Educação Profissional e Tecnológica na etapa do ensino médio.

A fala de um estudante expressa esse desafio inicial de adaptação: *“Adaptar-se ao modo de ensino dos professores”* (E1), enquanto outro participante reconhece a qualidade da formação docente: *“professores com formação elevado e preparados”* (E14). As impressões, portanto, oscilam entre o reconhecimento do preparo técnico e a percepção de distanciamento entre os docentes e o perfil dos estudantes do ensino médio.

Essas contradições também são apontadas por um coordenador de curso (C2), ao afirmar: *“Professores também que chegam, seus mestrados, doutorados, professores, engenheiros, bacharéis na área de tecnologia, enfim. Eles não vêm com essa vivência da escola de trabalhar com os estudantes do médio. Isso não é uma crítica, é simplesmente uma constatação”* (C2).

Essa constatação é corroborada por Aranha, Nogueira e Santos (2022), que destacam a fragilidade da formação pedagógica nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, voltados quase exclusivamente para a pesquisa e a especialização técnica, em detrimento da preparação para a prática docente. O mesmo é observado por Bastos (2007), ao indicar que o conhecimento técnico, embora necessário, não substitui a competência didático-pedagógica na formação docente.

Na prática, muitos docentes ingressam no IF com formações sólidas em suas áreas de atuação profissional, mas sem experiências prévias com o ensino. O SISAIE (S1) relata: *“O professor teve caso aqui... para o professor tratar o médio integrado... Em uma dinâmica de curso superior”* (S1), chamando atenção para a

inadequação das práticas didáticas ao público atendido.

Segundo Machado (2011), parte dos docentes busca por iniciativa própria ampliar sua formação pedagógica, mas deparam-se com cursos que não contemplam as especificidades da Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Já Guedes e Sanchez (2019) demonstram que docentes com pouca formação pedagógica tendem a apresentar dificuldades no planejamento, avaliação e engajamento dos estudantes, elementos fundamentais para o êxito no EMIEP.

Nesse sentido, Zabalza (2004, p. 31) reforça que:

Impõem-se a nós a necessidade de repensar as metodologias de ensino que propomos a nossos estudantes [...]. Este não é, naturalmente, um trabalho fácil; ao contrário disso, exige uma reconstrução do perfil habitual dos professores [...].

As dificuldades apontadas pelos estudantes e servidores revelam o quanto a construção de uma prática docente eficaz no EMIEP demanda mais do que domínio de conteúdo: requer sensibilidade, escuta ativa e estratégias que favoreçam o envolvimento dos estudantes em seu processo formativo.

Por isso, a formação pedagógica dos docentes torna-se importante para a efetivação da afiliação estudantil, conforme proposta por Coulon (2008). A afiliação não se dá apenas pela presença física ou matrícula no curso, mas pelo sentimento de pertencimento e identificação com os processos educativos e com os sujeitos envolvidos. Quando o estudante não se reconhece nas práticas pedagógicas ou não se sente compreendido, há um rompimento simbólico com a escola — uma quebra que pode levar à desmotivação ou até à evasão.

Como aponta Rosa (2022), a relação professor-estudante é central na permanência e sucesso escolar. Portanto, investir na qualificação pedagógica e no fortalecimento da dimensão humana da docência não apenas favorece a aprendizagem, mas contribui decisivamente para a construção de vínculos significativos e para o processo de afiliação estudantil no contexto do EMIEP.

4.2.2.7 – Acolhimento e integração estudantil

As atividades de recepção dos estudantes ingressantes é uma estratégia importante de acolhimento em um ambiente novo, que, do ponto de vista estudantil, quando esta não ocorre, a escola pode inicialmente apresentar-se como hostil e até

mesmo intimidadora. Nessa direção, Coulon (2008, p. 128) assegura que “as condições institucionais e organizacionais em que os estudantes fazem os cursos sempre devem ser consideradas quando procuramos descrever suas experiências e compreender os mecanismos que lhes permitem construir ou não uma perspectiva de estudante”.

A análise das falas revelou que o código “acolhimento e integração estudantil” foi identificado em 6 narrativas. Muitos participantes sinalizaram o reconhecimento, valorização e importância das ações de recepção, sugerindo, inclusive, que esses momentos se repitam ao longo do ano. *“Alguns colegas meus fizeram um tour pelo campus”* (E8), comenta um estudante, ressaltando a força da iniciativa dos veteranos no processo de ambientação. Outro complementa: *“Logo no primeiro dia teve uma cerimônia de abertura onde já conversei com pessoas, foi o diretor quem fez, antes das 8h, achei bom. O terceiro fez uma atividade de integração logo no começo que eu gostei e participei”* (E15), demonstrando que as experiências iniciais têm impacto direto na maneira como o estudante passa a se sentir no novo ambiente.

Kawanami (2019), Jost (2019) e Cunha (2022) destacam que atividades de acolhimento e integração são essenciais para fortalecer o vínculo do estudante com a instituição, pois contribuem para a construção de uma comunidade escolar mais sensível e cooperativa. Essas autoras reforçam que os IFs, idealmente, devem institucionalizar políticas de acolhimento que não se limitem à semana inicial das aulas, mas se estendam ao longo do processo de adaptação e formação dos estudantes.

Contudo, as falas também indicam fragilidades no acolhimento institucional. Um coordenador de curso (C1) observa: *“...não tem nada preparado [institucionalizado], mas o que faziam sempre ia da primeira semana era conversar com cada turma isolada e descrever o que é o curso, quais são as demandas do curso e o que o curso funciona, quais são as áreas do mercado, o que os estudantes têm de disponibilidade, quais são as regras do IFC, quem são os servidores, qual é a função de cada um”* (C1).

Esse relato indica que, embora haja ações pontuais e bem intencionadas, elas ainda não são sistematizadas institucionalmente. Há uma dependência da experiência e iniciativa de indivíduos específicos, o que limita o alcance, o aperfeiçoamento e a continuidade das práticas de acolhimento e integração.

Essas limitações também são apontadas pelo SISAÉ (S1): *“Eu acho que na chegada deles a gente consegue investir um pouco em várias conversas, idas na sala [de aula], tanto pelo seu setor como de outros setores, mas acaba sendo mais a gente. E os coordenadores de curso, por exemplo, fariam um pouco como funciona a instituição, a gente costuma fazer [recepção aos estudantes], tem uma metodologia de eles fazerem um passeio pelo campus e ir conhecendo os setores”* (S1).

Por sua vez, outro coordenador de curso (C2) também reflete sobre essa ausência de protocolo: *“Não existe assim um protocolo, uma atividade, né? O que a gente faz normalmente é ir nas turmas, conversar, mas vai da nossa experiência já trabalhando com educação básica no IFC. É se aproximar, se apresentar, tentar uma relação. Apresentar o campus, mostrar como ele funciona, e o que a gente pode fazer em conjunto com eles, e então se colocando à disposição para ir acompanhando”* (C2).

A fala do C2 indica uma atuação sensível e engajada, mas também reforçar a carência de ações e políticas institucionalizadas. Neste contexto, Cunha (2022) e Almeida e Silva (2024) defendem que a preparação para a entrada no EMIEP deveria ocorrer em articulação com a escola de origem, enquanto a acolhida caberia à instituição receptora. Essa partilha de responsabilidades ajudaria a mitigar a ansiedade e o sofrimento comuns nesse início, favorecendo uma transição mais fluida e menos solitária.

A esse respeito, Vecchietti (2019), ao investigar a acolhida estudantil no Instituto federal do Amazonas (IFAM), destaca que os estudantes que participaram de ações bem organizadas e colaborativas se sentiram mais seguros, motivados e acolhidos. As brincadeiras promovidas por veteranos, os *tours* pelo campus e as rodas de conversa foram apontadas como momentos importantes para estabelecer vínculos sociais e afetivos, valorizados pelos estudantes e importantes para o processo de afiliação.

Lima (2017) e Jost (2019) reforçam que essas ações devem ir além da adaptação e da ambientação física — devem promover o pertencimento, a escuta, o diálogo e a participação ativa dos ingressantes na vida escolar. O acolhimento deve ser entendido como prática relacional e contínua, e não como evento isolado.

Apresentada a categoria “Tempo do Estranhamento”, é necessário evidenciar que os tempos propostos por Coulon (2008) não possuem uma delimitação precisa

quanto ao seu término e ao início do próximo. Conforme o estudante vai se apropriando desse novo espaço escolar, caso obtenha sucesso em sua jornada, conseguirá alcançar a afiliação. Desse modo,

[...] o estranhamento é a prova de que a mudança de lugar e de discurso se produziu. O momento do estranhamento dá tempo aos iniciantes de abandonar as ilusões e o mito da universidade que eles trazem quando chegam. Crescer é sempre perder suas raízes, suas relações antigas, seus amigos antigos, é estar isolado durante certo tempo. É condição necessária para caminhar na direção de uma encruzilhada que descortina a esperança de novos caminhos. A aprendizagem, tempo do outro com o qual eu quero parecer, anuncia o tempo da afiliação que será finalmente o que permitirá aprender e compreender (Coulon, 2008, p. 175).

Dessa forma, o acolhimento e a integração institucional, mais do que recepcionar estudantes, são ferramentas estratégicas para criar condições simbólicas, afetivas e sociais para a afiliação estudantil. São esses processos que dão sentido à permanência e permitem que o estudante, gradualmente, se reconheça como sujeito pertencente ao EMIEP — capaz de aprender, contribuir e construir sua trajetória escolar.

4.2.3 – Sobre o tempo de aprendizagem:

“Tentei organizar uma rotina que fosse boa para mim e tentei entender o melhor jeito de eu estudar e seguir a rotina.” (E3)

O terceiro eixo de análise, intitulado “Tempo da aprendizagem”, ocorre após o estranhamento, onde há um rompimento com o passado vivido pelos estudantes no EF. Para esses jovens ainda não há destino definido, porque estão desenvolvendo o ofício de estudante. Logo, de acordo Coulon (2008), após o medo, a ansiedade e as angústias iniciais vividas inicialmente virá uma “fase de familiarização progressiva com a instituição, uma adaptação em relação aos códigos locais e pelo início do trabalho intelectual, que devem, em princípio, levá-lo a se tornar um membro competente da comunidade universitária a ser reconhecido como tal” (Coulon; 2008, p. 147).

Nesta seção, os estudantes relataram quais iniciativas realizaram a fim de superar os desafios encontrados na transição do EF para o EMIEP. Assim, por meio de codificações, elaborou-se o quadro 5 contendo, por ordem de frequência, os códigos observadas nas respostas dos participantes.

Quadro 5 – Codificações da categoria “Tempo de Aprendizagem” com base nas percepções dos estudantes ingressantes no IFC Campus Blumenau

Códigos	Frequência
Gerenciamento do tempo	14
Apoio familiar e amizades	11
Autocuidado	10
Atendimento e acompanhamento acadêmico	9
Estratégias de aprendizagem e estudo	7

Fonte: Elaborado pela autora

Diante da expressividade dos relatos vinculados ao eixo do Tempo da Aprendizagem, foram agrupadas cinco codificações que representam os principais movimentos das estratégias adotadas pelos estudantes para à adaptação no EMIEP. Cada uma dessas codificações será explorada em subseções próprias, a partir de sua frequência de ocorrência nas respostas.

Essa escolha busca valorizar a singularidade de cada uma delas, permitindo acompanhar com maior profundidade os diferentes caminhos trilhados pelos estudantes na construção de novos modos de ser e aprender no IFC.

4.2.3.1 – Gerenciamento do tempo

O código “gerenciamento do tempo” foi identificado em 14 respostas dos participantes e se refere às estratégias adotadas para reorganizar a rotina pessoal e escolar diante das novas exigências do EMIEP. Gerir o tempo tornou-se, para muitos, uma necessidade prática, já que o ingresso nessa modalidade de ensino exige maior carga horária, novas responsabilidades e adaptação a um ritmo escolar mais intenso.

Observando os apontamentos dos estudantes, gerenciar o tempo, a rotina e adaptar os horários são ações indispensáveis para integrar-se ao novo contexto educacional e à complexidade que ele impõe. Como aponta Coulon (2008, p. 38), “a primeira perspectiva [do estudante], ao longo das quatro primeiras semanas, é esta constante preocupação, que engendra sonhos ‘traumáticos’: conseguir trabalhar o suficiente para aprender tudo o que é exigido”. Ou seja, recai sobre os jovens a

responsabilidade pela própria aprendizagem, o que inclui o esforço de ajustar e gerenciar a rotina escolar à sua realidade diária.

Essa reorganização é explicitada em falas como: *“Planejo minhas rotinas de estudos”* (E10) e *“Tentei organizar uma rotina que fosse boa para mim e tentei entender o melhor jeito de eu estudar e seguir a rotina”* (E16), revelando que o tempo se tornou uma categoria central de atenção e esforço dos estudantes.

Nessa direção, Rosa (2022) alerta que muitos estudantes do EMIEP enfrentam dificuldades para conciliar o tempo dedicado à escola com atividades pessoais e familiares, o que compromete o desempenho e o bem-estar. Jost (2019) complementa ao afirmar que o sucesso acadêmico está diretamente relacionado à capacidade de organização diante da maior complexidade cognitiva exigida nesse ambiente.

Alguns estudantes relatam que precisaram reduzir compromissos externos: *“Reduzi as atividades fora do IF”* (E9), enquanto outros precisaram mudar sua rotina completamente: *“Mudei cursos e atividades que eu fazia antes para me adaptar aos novos horários”* (E20). Esses ajustes demonstram um processo ativo de reconfiguração da vida cotidiana, com impactos diretos sobre os tempos de descanso, lazer, convivência familiar e desenvolvimento da autonomia.

Além disso, destaca-se a contribuição institucional por meio de ações pedagógicas que orientam os estudantes nesse processo. O SISAE relata: *“A gente já fez a gestão do tempo, a gente teve um grupo. Geralmente voltado para os primeiros anos, para a organização, mas já tem outras atividades associadas nessa questão dos hábitos, da organização dos estudos, da organização... Até desde ensinar a usar uma agenda, como fazer uma organização das tarefas, a gente faz menos do que gostaria, na verdade”* (S1). Essa fala evidencia que, embora existam ações voltadas à orientação dos estudantes, elas ainda são insuficientes diante da demanda. O acompanhamento para o gerenciamento do tempo, quando bem conduzidos, contribuem diretamente para o processo de afiliação estudantil, ao fortalecer o engajamento com os estudos e a autonomia dos estudantes.

Segundo Cunha (2022) e Lima (2017), desenvolver uma rotina estável e alinhada às demandas acadêmicas é um passo importante na construção da autonomia estudantil, fator essencial para a permanência e o sucesso no EMIEP. Já Zabalza (2004) destaca que a escola também precisa repensar suas metodologias e estratégias, oferecendo espaços de escuta e apoio para que os estudantes possam

se apropriar do tempo escolar sem que isso represente sofrimento ou sobrecarga.

Em síntese, o gerenciamento do tempo no EMIEP emerge como uma necessidade desenvolvida por iniciativas individuais e coletivas. A forma como os estudantes lidam com essa dimensão revela muito sobre sua trajetória de afiliação, pois envolve esforço, autorreflexão e, sobretudo, reorganização da própria vida para estar na escola e permanecer nela.

4.2.3.2 – Apoio familiar e amizades

Entre as estratégias de adaptação mobilizadas pelos estudantes durante o tempo da aprendizagem, a formação de vínculos com colegas e o apoio familiar destacaram-se como aspectos importantes, mencionados em 11 falas.

Fazer amizades, interagir e se integrar foram ações apontadas com frequência para enfrentar os desafios do início da trajetória no EMIEP. Como expressa um estudante: *“Fazer amizades e conversar com os professores”* (E1), ou ainda: *“Eu comecei a interagir mais com as pessoas”* (E23). Essas falas indicam que os laços afetivos construídos no ambiente escolar funcionam como pontos de apoio no enfrentamento dos desafios institucionais.

Contudo, para alguns, esse processo se mostrou desafiador, especialmente para os mais introspectivos ou que se sentiram deslocados inicialmente. *“Eu demorei para falar com as pessoas da minha sala. Por mais que eu ‘tentei’ eu me isolei e não falei com ninguém”* (E23), relata um participante, ilustrando que a socialização também pode ser um obstáculo quando não há mediações que facilitem o contato.

Cunha (2022) ressalta que, para muitos jovens, são os próprios colegas que percebem sinais de sofrimento e oferecem apoio, contribuindo para que as dificuldades sejam enfrentadas de forma compartilhada. Kawanami (2019) complementa que a relação com os pares se torna ainda mais relevante nesse ambiente, pois são os colegas que, muitas vezes, fornecem informações práticas e emocionais indispensáveis à adaptação e permanência.

Jost (2019, p. 90) afirma que “vínculos afetivos com colegas são essenciais. Através desses laços as experiências vão sendo compartilhadas, dúvidas e problemas superados e assim, os amigos assumem um significado importante”. Já Fernandes et al. (2018) apontam que o suporte dos pares pode influenciar

positivamente o desempenho escolar, sobretudo quando o apoio institucional ou familiar é limitado.

A fala *“Tive o privilégio de cair numa ótima sala que se ajudou muito desde o início e acredito que isso foi essencial para poder chegar até aqui”* (E26) expressa claramente essa vivência de pertencimento. Outras estratégias de aproximação entre colegas também são mencionadas, como: *“Trazer jogos de casa para se integrar com o pessoal da sala”* (E5) e *“Comecei a ficar terças e quintas de tarde para me enturmar mais e ajudou muito”* (E13), evidenciando a busca ativa por conexões e formação de vínculos.

Além dos vínculos com os colegas, o apoio da família também emergiu como fator de sustentação emocional e motivacional, ainda que com menor recorrência. *“Segui o que meus pais falaram, persistir”* (E2), diz um estudante, enquanto outro afirma: *“Cheguei a precisar de ajuda com meus parentes que já fizeram parte do IFC”* (E24), mostrando que o pertencimento familiar à instituição também pode funcionar como mediador no processo de afiliação.

Segundo Coulon (2008), o desenvolvimento da afiliação estudantil passa pela apropriação dos códigos da instituição e pela mediação de outros sujeitos que já estão integrados a ela. Nesse sentido, os amigos e familiares funcionam como pontes, facilitando o entendimento dos rituais, das regras e da lógica institucional, o que potencializa o engajamento e a permanência.

Assim, o apoio dos pares e da família contribui não apenas para amenizar o impacto do ingresso, mas também para criar condições de pertencimento, reconhecendo o estudante como parte legítima do novo contexto. Esses vínculos, quando estabelecidos de maneira positiva, alimentam o sentimento de segurança, favorecem o envolvimento com a rotina acadêmica.

4.2.3.3 – Autocuidado

O código autocuidado apareceu em 10 falas dos participantes, revelando uma dimensão importante, embora muitas vezes silenciosa, da experiência estudantil no EMIEP. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o autocuidado como: *“A capacidade dos indivíduos, das famílias e das comunidades de promover a saúde, prevenir doenças, manter a saúde e lidar com doenças e deficiências com ou sem o apoio de um profissional de saúde”* (WHO, 2013, p. 15).

Embora os estudantes nem sempre nomeiem suas ações como práticas de autocuidado, seus relatos revelam tentativas de preservação da saúde física, mental e emocional, especialmente em resposta à sobrecarga vivida. Falas como *“Tentar dormir 8h por dia”* (E18) ou *“Só o fato de eu dormir mais cedo já ajuda”* (E23) evidenciam a percepção de que manter uma rotina de sono adequada impacta diretamente na disposição e na capacidade de aprendizagem. Outros participantes associam o lazer e o convívio com os colegas à diminuição do estresse, como no trecho: *“Sempre nos almoços saía com os amigos para jogar bola e diminuir o estresse de uma rotina escolar de 8h”* (E9).

Segundo Kawanami (2019, p. 119), é comum que estudantes priorizem os estudos em detrimento do autocuidado, o que pode resultar em ansiedade, distúrbios alimentares, alterações no sono e sentimento de inadequação. A autora aponta que essa lógica se sustenta na busca constante por resultados acadêmicos e reconhecimento, em um cenário onde atividades de lazer, cultura e bem-estar tendem a ser negligenciadas.

No contexto educacional do EMIEP, ainda são escassos os estudos que tratam do autocuidado entre os jovens. No entanto, pesquisas realizadas com estudantes universitários reforçam a dificuldade de equilibrar as demandas acadêmicas com hábitos saudáveis. Arambell (2021) e Anversa et al. (2022) apontam que o excesso de compromissos escolares compromete a adesão a práticas de cuidado pessoal, levando à exaustão e à desregulação física e emocional. Mota et al. (2018) identificaram, por exemplo, altos índices de sedentarismo (48%), alimentação inadequada (70%) e privação de sono (64,5%) entre estudantes, mesmo entre aqueles que demonstram conhecimento sobre os princípios de uma vida saudável.

Esses dados reforçam a necessidade de ações institucionais intencionais e articuladas, voltadas à promoção da saúde integral dos estudantes. No Instituto Federal Catarinense (IFC) Campus Blumenau, diversas iniciativas buscam promover o bem-estar físico, emocional e social dos estudantes, articulando saúde, cultura, esporte e lazer como dimensões fundamentais da formação integral (Instituto Federal, s.d.). O SISAE é um dos setores estratégicos da instituição e atua com campanhas e ações pontuais voltadas à saúde mental, qualidade do sono, organização da rotina, alimentação saudável e outros.

Além dessas ações, o campus conta com projetos esportivos que atuam

diretamente na promoção da saúde física e emocional dos estudantes. Modalidades como vôlei, handebol, futsal, basquetebol e jiu-jitsu são ofertadas por meio do projeto de ensino e extensão "Treinamento de Esportes Coletivos", com o objetivo de desenvolver habilidades pessoais, incentivar a convivência e combater o sedentarismo (Instituto Federal, s.d.). Soma-se a isso a realização dos Jogos Internos do IFC (JIFC), que fomenta o trabalho em equipe, o engajamento e o vínculo dos estudantes com a instituição (Instituto Federal, s.d.).

No campo artístico e cultural, o IFC Campus Blumenau promove anualmente eventos como a MEPEC (Mostra de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cidadania) que contempla produções nas linguagens da dança, música, poesia, teatro e artes visuais, favorecendo o protagonismo estudantil e a valorização da diversidade cultural (Instituto Federal, s.d.). Ainda nessa perspectiva, destaca-se o projeto de ensino "Meu Maracatu pesa uma tonelada", realizado pelo NEABI (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas), em parceria com o coletivo Maracatu Capivara, da cidade de Blumenau. A iniciativa oferece vivências práticas com a manifestação cultural afro-brasileira do Maracatu, promovendo a interação entre os estudantes por meio da música e da corporeidade, contribuindo com a desconexão das telas, o fortalecimento da coletividade e a construção de uma cultura antirracista (Instituto Federal, s.d.).

Essas ações são exemplos de algumas das iniciativas institucionais que versam sobre o autocuidado e, quando essas ações são integradas ao cotidiano pedagógico, podem fortalecer os processos de afiliação estudantil ao criar vínculos, promover vivências coletivas e ampliar as possibilidades de expressão dos estudantes.

4.2.3.4 – Atendimento e acompanhamento acadêmico

O código atendimento e acompanhamento acadêmico foi identificado em 9 falas dos estudantes participantes, destacando-se como uma dimensão importante para a permanência e o sucesso escolar no EMIEP. A valorização das ações institucionais de apoio pedagógico e psicossocial aparece de forma significativa nos relatos dos estudantes, demonstrando a importância da escuta, do acolhimento e da mediação institucional nos momentos de desafio e adaptação.

Como expressa um participante: *“Sempre tirei dúvidas com professores,*

coordenadores e com o SISAE sobre tudo, tentei ter um bom relacionamento com os professores, fiz amizade” (E15), reforçando a centralidade dos vínculos com os profissionais da instituição. Outro estudante complementa: *“Optei por começar os atendimentos com a psicóloga da escola que me ajudou muito”* (E22), evidenciando o papel dos serviços especializados no enfrentamento das dificuldades emocionais e acadêmicas.

É papel da escola garantir e ofertar ações que favoreçam a permanência e o atendimento psicopedagógico dos estudantes. A legislação brasileira assegura o suporte e apoio pedagógico como parte do direito à educação (Brasil, 1996). Segundo os artigos 13 e 14 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Brasil, 1996), as instituições de ensino devem zelar pela aprendizagem dos estudantes, articular ações pedagógicas e estabelecer estratégias de apoio contínuas. Complementarmente, o Plano Nacional de Educação (PNE) e o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) destacam a importância do acompanhamento estudantil como fator decisivo para a permanência e o êxito acadêmico, sobretudo no âmbito das redes federais de ensino.

Essa relevância está evidenciada nos depoimentos analisados, nos quais os estudantes reconhecem o valor do acompanhamento, da orientação e da presença ativa dos setores institucionais ao longo do percurso formativo. Para Menezes (2021), quando o acompanhamento psicopedagógico está presente nas escolas, ele contribui diretamente para o bem-estar dos jovens e para a melhora de seu desempenho escolar. De modo similar, Mateus e Rodrigues (2019) ressaltam que a atuação de serviços de orientação educacional, plantões pedagógicos e ações de mediação de conflitos são componentes estruturantes para o fortalecimento da trajetória estudantil.

Cunha (2022) enfatiza que o papel da instituição se tornar ainda mais significativo nos momentos de transição escolar, exigindo atuação articulada com as redes de ensino e com as famílias para mitigar os efeitos emocionais, acadêmicos e sociais próprios dessa fase. Em consonância, Gomes (2018) propõe que as estratégias de acompanhamento sejam globais, inclusivas e integradas, envolvendo não apenas os estudantes, mas também seus familiares, fortalecendo os laços de pertencimento e a confiança no processo educativo.

Nesse sentido, o IFC Campus Blumenau, por meio do SISAE, busca oferecer atendimento pedagógico, psicológico e de assistência estudantil, atuando em

conjunto com as coordenações de curso, professores, setores administrativos, além da rede municipal e estadual, bem como familiar dos estudantes. Essas ações incluem: atendimento individual, rodas de conversa, orientações de estudo, oficinas de planejamento, atendimento familiar, mediação de conflitos e encaminhamentos para atendimento especializado, quando necessário. A presença desse setor de apoio permite que os estudantes encontrem referências de acolhimento, orientação e pertencimento no cotidiano escolar, facilitando o processo de afiliação institucional (Coulon, 2008). Atenuando situações de isolamento, sentimento de insegurança e contribuem para o fortalecimento da autonomia e permanência estudantil.

4.2.3.5 – Estratégias de aprendizagem e estudo

O código estratégias de aprendizagem e estudo foi identificado em 7 falas dos participantes, sendo que a maioria dos estudantes relatou que precisou rever suas formas de estudar, adotar métodos mais organizados, aprofundar conteúdos por conta própria e desenvolver autonomia diante das novas exigências acadêmicas.

Como destacam os próprios estudantes: *“Tive que aprender a estudar, no EF eu não estudava muito para as provas e sempre tirei notas boas”* (E16); *“Estudar e ficar mais focado na aula”* (E6); *“Mudar a forma de estudos”* (E25); *“Estudar em conjunto e divisão de trabalhos”* (E4). Esses excertos apontam tanto para o reconhecimento da complexidade do novo ambiente quanto para as tentativas de adaptação e superação dos desafios encontrados.

Sobre isso, Coulon (2008) observa que os estudantes ingressantes, embora reconheçam a necessidade de realizar atividades acadêmicas, muitas vezes não compreendem claramente o que deve ser feito. Conforme o autor: “Eles estão inquietos porque não percebem instruções claras que lhes demandem apresentar um trabalho específico, eles não têm nada para ‘aprender’. Eles não se sentem conduzidos ao trabalho intelectual.” (Coulon; 2008, p. 176).

A ausência de familiaridade com as práticas acadêmicas e a transição entre o ensino fundamental e o EMIEP — marcada por maior autonomia, menor tutela e carga horária ampliada — torna-se um desafio para esses jovens, exigindo que desenvolvam competências implícitas como organização, disciplina, rotina de estudo, interpretação das expectativas docentes e gestão do próprio aprendizado.

Ainda segundo Coulon (2008, p. 179), trata-se de aprender a reconhecer “que

tipo e que quantidade de trabalho intelectual é necessário fazer e em que prazo”, como parte essencial do processo de afiliação intelectual. O estudante precisa decifrar e internalizar essas práticas, ainda que não estejam explicitamente indicadas, como condição para ser reconhecido como membro legítimo da comunidade acadêmica.

A fala do SISA E (S1) corrobora essa análise ao afirmar: *“Ele [estudante] chega aqui, não dá conta, não consegue. Ele tem, em geral, uma percepção muito boa sobre a instituição, as instituições são ótimas, mas ele não dá conta, eu não tenho aquela base de matemática, eu leio, não entendo, né? Então, eu acho que a gente peca nisso, se a gente conseguisse desenvolver alguma estratégia de nivelamento [de conteúdo], né?”* (S1).

A narrativa revela o quanto o impacto da defasagem escolar prévia pode comprometer o engajamento e o desempenho dos estudantes, apontando a necessidade de ações institucionais como estratégias de nivelamento e acompanhamento didático mais direcionado. Essas ações, além de pedagógicas, são estruturantes para fortalecer a permanência e favorecer a afiliação.

No contexto do EMIEP, Almeida e Silva (2024) identificaram que muitos estudantes precisaram estabelecer rotinas mais rigorosas de estudo, intensificar a dedicação fora do horário escolar e buscar mais disciplina, reconhecendo que o modelo integrado exige um esforço intelectual maior. Ainda que a pesquisa não detalhe os métodos utilizados, foi possível observar que a busca por ajuda de colegas e docentes configura uma forma de aprendizagem colaborativa, também sinalizada nos excerto dos participantes desta pesquisa.

Coulon (2008) assinala que, com o tempo, os estudantes começam a se adaptar ao ambiente acadêmico, compreendendo suas dinâmicas, rotinas e exigências. Segundo Coulon (2008, p. 189): “Eles sabem agora percorrer o labirinto sem se perder nele e começam a identificar as práticas institucionais locais”.

Desse modo, tornam-se capazes de simular familiaridade e domínio, mesmo que ainda estejam em processo de afiliação. Essa capacidade de deslocamento e leitura das práticas institucionais é um dos indícios de que estão deixando de ser apenas “ingressantes” para se constituírem, de fato, como membros da comunidade estudantil.

Portanto, as estratégias de aprendizagem e estudo adotadas pelos estudantes são elementos para compreensão do processo de adaptação e

afirmação da identidade estudantil no EMIEP. Ao reconhecer as dificuldades, buscar apoio, modificar hábitos e investir na construção de um novo modo de estudar, os jovens demonstram esforços concretos em direção à afiliação, tanto intelectual quanto institucional.

4.2.4 – Sobre o tempo de afiliação:

“Achei que não iria me adaptar ao IFC, por causa da carga horária, porém me adaptei e fiquei encantada pelas oportunidades que o IF poderia dar...” (E9)

O quarto e último eixo de análise aborda o processo de acostumar-se com a vida acadêmica no EMIEP, a comunidade escolar e com as normas que regem a instituição. Como discorre Coulon (2008, p. 193) sobre o “Tempo de afiliação”,

Enfim chega o momento em que o estudante entra, progressivamente, em seu novo papel quando ele começa a se familiarizar com seu novo ambiente, que já não lhe parece mais hostil ou estranho, mesmo que ainda sinta ser necessário estar vigilante.

A partir disso, considera-se que o estudante está afiliado quando recebe orientações e apoio de seus pares e demais agentes da comunidade escolar, possibilitando-lhe compreender com mais clareza as “regras do currículo, descobrir aquelas que estão escondidas e usá-las na construção individualizada de seu percurso” (Coulon, 2018, p. 202). Essa é a dimensão institucional da afiliação. Adicionalmente, há a afiliação intelectual, que tende a se consolidar mais ao final do primeiro semestre, mas que não possui um ponto de encerramento definido, pois necessita ser constantemente validada ao longo do tempo (Coulon, 2008).

É importante, ainda, considerar que há diferenças significativas nas transições escolares e, conseqüentemente, nas vivências do processo de afiliação entre os estudantes.

No que se refere às dimensões da afiliação institucional e intelectual, observou-se que esses aspectos foram mais claramente compreendidos e verbalizados pelos servidores do IFC do que pelos próprios estudantes. Essa percepção se evidencia na frequência das narrativas: apenas uma fala dos estudantes relacionam-se à afiliação institucional e outra à afiliação intelectual. Essa escassez pode indicar que, embora esses processos estejam em curso, nem sempre são plenamente reconhecidos ou nomeados pelos jovens. O quadro 6, apresenta a

sistematização desses códigos e sua frequência nas falas dos participantes:

Quadro 6 – Códigos identificados no eixo “Tempo de Afiliação”: institucional e intelectual

Código	Frequência
Afiliação institucional	2
Afiliação intelectual	2

Fonte: Elaborado pela autora

No que se refere à afiliação intelectual, o estudante deve atender às exigências acadêmicas relativas aos conteúdos teóricos e técnicos, bem como aos métodos de exposição e apropriação do conhecimento. Conforme Coulon (2008, p. 239), isso implica “navegar com facilidade na organização, exposição e utilização adequada dos saberes”, demonstrando que aprendeu. Essa exigência se estende ao compromisso com as responsabilidades assumidas, sobretudo porque os estudantes do EMIEP estão se preparando para uma profissão, e não apenas cursando o ensino médio regular. Portanto, espera-se envolvimento, atualização constante e construção ativa do saber (Coulon, 2008; Santos; Sampaio, 2015).

Esses aspectos se revelam nas falas dos participantes quando manifestam interesse em participar de projetos institucionais, como nos relatos: *“Achei que não iria me adaptar ao IFC, por causa da carga horária, porém me adaptei e fiquei encantada pelas oportunidades que o IF poderia dar...”* (E27); e também na perspectiva do coordenador: *“[...] o aluno do primeiro ano ele já está ambientado, ele já sabe o que vai acontecer e ele já vem se programando para o próximo ano [...] porque eu [o estudante] já me adaptei, eu já sei como é que funciona.”* (C1). Essa postura ativa e comprometida, descrita por Coulon (2008), caracteriza o estudante profissional — alguém que assume sua formação como prioridade, busca autonomia e compreende que esse engajamento é condição essencial para sua afiliação.

Além do engajamento com os saberes acadêmicos e da organização da rotina de estudos, os dados revelam que a afiliação intelectual também envolve uma transformação mais profunda, relacionada à forma como os estudantes passam a perceber o mundo, suas escolhas e a si mesmos. Esse deslocamento do olhar — da insegurança inicial para uma postura mais reflexiva e autônoma — representa,

conforme apontam Coulon (2008) e Silva (2016), uma dimensão subjetiva essencial do amadurecimento intelectual. Tal mudança fica evidente quando o estudante relata como passou a valorizar as oportunidades do IFC, ressignificando sua trajetória escolar e ampliando suas perspectivas de futuro. Assim, a afiliação intelectual se consolida não apenas pelo domínio dos conteúdos, mas também por meio da consciência do próprio processo formativo.

Já a afiliação institucional diz respeito à assimilação das regras, normas e funcionamento do EMIEP. Envolve o reconhecimento e a apropriação dos códigos institucionais, que nem sempre estão explicitados. Para Coulon (2008), o estudante institucionalmente afiliado compreende o funcionamento da escola a ponto de eventualmente transgredir suas regras com consciência. Assim, “entrar na universidade é explorar e querer voluntariamente mergulhar nos códigos que definem esta organização, códigos estes, frequentemente, opacos ou ilegíveis” (Coulon, 2008, p. 81).

No início, é comum que os estudantes relatem inseguranças, como ilustra o excerto: *“Para mim foi bem confuso [no início] por conhecer praticamente ninguém na escola, por ser um ambiente totalmente diferente e por ter outras regras/costumes. Hoje estou melhor.”* (E2). Com o tempo, os estudantes passam a se familiarizar com o funcionamento institucional, como descreve o coordenador: *“[...] então quando ele ingressa no segundo ano, ele já está completamente alinhado, ele já está completamente solidificado com o que ele vai fazer e o que ele quer. No passo para o terceiro ano, então ele já está completamente salvo.”* (C1). Essa progressiva internalização dos códigos institucionais aponta para uma vivência mais consistente, que permite não só a permanência, mas também a autonomia no espaço escolar.

Segundo Sampaio (2011), é a consolidação da afiliação institucional que permite ao estudante desenvolver novas ações no ambiente escolar, otimizar sua rotina e vivenciar a escola de forma mais significativa. Cada etapa conquistada representa mais do que o domínio de normas: simboliza a transição do estado de insegurança para o de pertencimento. Muitos estudantes, mesmo sem perceber, passam a agir com naturalidade diante de estruturas que antes pareciam “estranhas”. Com o tempo, os mecanismos e os sentidos da instituição se tornam inteligíveis e, em certa medida, incorporados.

Diante disso, encerramos esta análise reconhecendo que a afiliação

estudantil é um processo contínuo, ativo e relacional, que se inicia com o ingresso na instituição e se sustenta ao longo da trajetória formativa por meio da interação entre estudantes, servidores e a cultura institucional. Conforme indicaram as falas dos participantes, esse processo se manifesta em dimensões distintas — institucional e intelectual — mas interdependentes, nas quais os estudantes aprendem, gradualmente, a interpretar os códigos e expectativas da escola, reorganizando suas rotinas, ajustando seus comportamentos e projetando novos caminhos. Nesse percurso, destacam-se tanto os desafios iniciais de adaptação, como a carga horária, a estrutura curricular e as novas regras de convivência, quanto os elementos de apoio que favorecem o pertencimento e a permanência, como o reconhecimento da qualidade do ensino, a formação de vínculos, e o desejo de envolvimento com projetos acadêmicos.

5 PRODUTO EDUCACIONAL: “ACOLHE IFC: UM GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA ESTUDANTES INGRESSANTES NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO”

Neste capítulo, é apresentado o produto educacional desenvolvido a partir desta pesquisa: o *Acolhe IFC – um guia de orientação para ingressantes do Ensino Médio Integrado*. O material foi pensado como uma ferramenta de apoio à transição escolar e à integração institucional dos estudantes, oferecendo estratégias, informações e reflexões úteis nesse percurso. Além de descrever seus objetivos, conteúdos e fundamentação teórico-metodológica, o capítulo detalha o processo de construção, aplicação e avaliação do produto, que está disponível integralmente no Apêndice A.

5.1 – Apresentação

O produto educacional (PE) aplicado é um requisito e uma exigência dos mestrados profissionais em educação, conforme o documento da área de ensino da CAPES;

Os cursos de Mestrado Profissional [na Área de Ensino] [...] se destinam aos profissionais da Educação Básica, e geram produtos educacionais disponibilizados nos sites dos PPG para uso em escolas públicas do país, além das dissertações e artigos derivados do relato descritivo e analítico destas experiências. (Brasil, 2016, p. 5)

Conforme as orientações da CAPES para a Área de Ensino, estimula-se que os produtos educacionais sejam voltados à Educação Básica, buscando contribuir para a realidade educacional no país. Essa aplicação do conhecimento produzido, que resulta em um produto, visa articular os conhecimentos acadêmicos originados nas dissertações às demandas sociais, suas necessidades regionais e nacionais (Brasil, 2016). Portanto, o PE, além de ter uma importância acadêmica e científica, busca aproximar a sociedade civil da comunidade educacional.

Nesse cenário, o produto educacional que desenvolvi intitulado “Acolhe IFC: um guia de orientações para estudantes ingressantes no ensino médio integrado” objetiva auxiliar a transição dos estudantes do ensino fundamental para o ensino médio integrado, oferecendo orientações práticas e informações úteis para superar os principais desafios dessa nova etapa. Também considerei, em sua elaboração, que estudantes que estão concluindo o ensino fundamental e considerando estudar

no IFC Campus Blumenau também encontrarão uma visão geral do funcionamento da instituição, do ensino médio integrado e dos cursos oferecidos no IFC – Campus Blumenau.

5.2 Os desafios das transições educativas para a afiliação estudantil

O processo de afiliação no EMIEP revela-se particularmente complexo, sobretudo durante o período de transição escolar. Diferentemente de outras modalidades de ensino, esse percurso exige dos estudantes não apenas a adaptação a um currículo mais denso, mas também a uma cultura institucional que articula componentes propedêuticos e técnicos. Essa configuração busca integrar teoria e prática, promovendo o engajamento estudantil por meio da vinculação entre os conteúdos escolares, as experiências de vida dos jovens e os contextos sociais e comunitários em que estão inseridos. Nesse sentido, a transição entre os níveis de ensino pode configurar-se como um momento crítico, marcado por sentimentos de ansiedade, insegurança e incertezas em relação às escolhas acadêmicas e profissionais (Vechietti, 2019; Rosa, 2022; Gomes, 2018).

Esses estudantes enfrentam desafios relacionados à carga horária mais extensa, à complexidade dos conteúdos e à necessidade de reorganizar suas rotinas escolares e pessoais. Tais dificuldades decorrem das especificidades do currículo ampliado da educação profissional e tecnológica (Vechietti, 2019; Cunha, 2022). Para alguns jovens, essas mudanças são ainda mais acentuadas diante da exigência de um maior grau de autonomia e responsabilidade em relação aos estudos (Gomes, 2018; Kawanami, 2019; Cunha, 2022). Como consequência, os estudantes podem experimentar pressões psíquicas e exaustão física e emocional, em função do volume de atividades e das expectativas familiares e institucionais (Gomes, 2018; Jost, 2019).

Ainda neste cenário, Cunha (2022) observou que essa fase é marcada por sentimentos de ansiedade, angústia e insegurança, à medida que os estudantes se adaptam ao novo ambiente, à perda de vínculos anteriores e às questões próprias da juventude. De acordo com Jost (2019), a chegada a um espaço pouco ou nada conhecido pode causar estranhamento, sensação de mal-estar e angústia, sendo o início do ano letivo um momento que exige um olhar institucional atento às

necessidades dos ingressantes.

A partir da análise dos questionários e entrevistas identifiquei que essa realidade também é vivenciada pelos estudantes ingressantes no IFC Campus Blumenau, destacando-se os seguintes aspectos: a falta de conhecimento prévio sobre a instituição e os cursos ofertados; a dificuldade na gestão do tempo; a necessidade de desenvolver maior autonomia nos estudos; e o sentimento de solidão e não pertencimento. Diante dessas demandas, elaborei um guia de apoio que busca minimizar, ao menos parcialmente, os impactos vivenciados pelos estudantes ingressantes: trata-se de um guia de orientação ao estudante do EMIEP, disponibilizado em formato online e offline.

Entretanto, é importante destacar que o guia tem caráter informativo e complementar, não substituindo as orientações oficiais do IFC Campus Blumenau, disponíveis por meio do site institucional, redes sociais e canais oficiais. Tampouco substitui as ações de acolhimento e integração promovidas pelo Campus. Contudo, acredito que o material contribua para fortalecer o sentimento de pertencimento, promover a construção de novos vínculos e apoiar o processo de adaptação à jornada no ensino médio integrado. Por sua estrutura flexível e conteúdo contextualizado, o guia pode ser adaptado para atender outros campi do IFC, bem como de diferentes Institutos Federais que compartilhem das mesmas demandas de acolhimento e integração estudantil. A seguir, será apresentado o processo de elaboração e estrutura do material.

5.3 A construção do guia: percurso teórico-metodológico do produto educacional

Conforme Kaplún (2002), a criação de um material educacional exige dois tipos de pesquisa: a temática, voltada ao aprofundamento dos conceitos a serem abordados, e a diagnóstica, que objetiva identificar ideias centrais a serem trabalhadas. Nesta pesquisa, compreender as experiências e vivências dos estudantes do EMIEP através da aplicação de questionários e de entrevistas com servidores do SISA e coordenações dos cursos de Informática e Eletromecânica, foi importante para que eu identificasse as principais demandas e necessidades no processo de transição escolar no IFC Campus Blumenau.

Ainda segundo Kaplún (2002) para a produção de materiais educativos deve considerar três eixos fundamentais: o conceitual, o pedagógico e o comunicacional. O eixo conceitual refere-se aos conteúdos ou temáticas a serem abordados; o eixo pedagógico "expressa o caminho que estamos convidando alguém a percorrer, que pessoas estamos convidando e onde estão essas pessoas antes de partir" (Kaplún, 2003, p. 54), sendo este considerado o principal articulador do material educativo. Portanto, foi essencial conhecer o público-alvo (os estudantes ingressantes), compreendendo seu contexto, expectativas e saberes prévios. Já o eixo comunicacional diz respeito à forma como o conteúdo será apresentado, devendo estar alinhado ao eixo pedagógico e ser acessível ao público destinatário (Kaplún, 2003).

Com base nesses eixos, iniciei a construção do material em etapas: definição dos conteúdos, redação dos textos e elaboração do guia em plataforma digital de designs gráficos. A definição dos conteúdos foi orientada pela análise dos dados empíricos obtidos nos instrumentos aplicados. Entre os aspectos recorrentes nas narrativas dos participantes, destacam-se: ausência de informações prévias sobre o IFC e os cursos; dificuldades na gestão do tempo; a necessidade de desenvolver autonomia nos estudos; e sentimento de isolamento e não pertencimento.

A partir dessas evidências, elaborei os conteúdos do guia, que contempla a seguintes partes: a) a apresentação da proposta; b) mensagem de boas-vindas; c) histórico do IFC Campus Blumenau, mapa e localização, apresentação da reitoria, diretoria e grêmio estudantil; d) informações sobre a Associação de Pais e Servidores (APS); e) conceito e estrutura do ensino médio integrado, descrição dos cursos oferecidos; f) registro escolar e acadêmico; g) serviços de apoio ao estudante; h) orientações sobre estágio, a pesquisa e a extensão; dicas de aprendizagem, gestão do tempo e autocuidado; i) mensagens dos estudantes veteranos direcionadas aos ingressantes. Produzi os textos dos conteúdos institucionais com base no site oficial do IFC ([Campus Blumenau - Instituto Federal Catarinense](#)).

Observei que, embora parte dessas informações seja apresentada durante os primeiros dias de aula, muitos estudantes e familiares continuam com dúvidas ao longo do percurso. Além disso, há ingressantes que iniciam o curso após esse período inicial, e outros que buscam orientações apenas quando se deparam com dificuldades específicas. Assim, o guia funciona como um material de apoio

contínuo, que pode ser consultado sempre que necessário, servindo também como fonte de informação para quem deseja estudar no IFC e busca conhecer previamente sua estrutura, cursos e serviços.

Optei por disponibilizar o guia nas versões online e offline. A versão online pode ser acessada pelo link: <https://acolheifc.my.canva.site/>. Já a versão offline está disponível em PDF ([ACOLHE IFC.pdf](#)), para download e impressão. A estrutura em formato de e-book, com índice e navegação facilitada, foi pensada para tornar a consulta mais prática e intuitiva.

Após a finalização e revisão do material, iniciei as etapas de aplicação, avaliação e melhorias do PE. Primeiramente, enviei o guia por e-mail aos participantes da pesquisa acompanhado de um formulário de avaliação. Em seguida, realizei cinco oficinas presenciais, durante as atividades de acolhimento institucional do IFC Campus Blumenau, com a participação dos estudantes dos cursos de Eletromecânica, Informática e Mecatrônica, ingressantes em 2025.

As oficinas tiveram duração de 1h30min cada e foram realizadas nas primeiras semanas do ano letivo de 2025, entre os dias 24 e 28 de fevereiro. Teve como intuito facilitar a transição para o EMIEP, por meio de momentos de acolhimento, reflexão e fortalecimento de vínculos, utilizando como base os conteúdos do guia “Acolhe IFC: um guia de orientações para estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado”, com ênfase em temas como aprendizagem, gestão do tempo e estratégias de estudo. O roteiro da oficina pode ser consultado no Apêndice I.

Ao final das atividades, o guia digital foi compartilhado por e-mail com os estudantes ingressantes, acompanhado novamente do formulário de avaliação. A partir das devolutivas recebidas, realizei ajustes no material, resultando na versão final do produto, que agora está disponível para uso da comunidade do IFC Campus Blumenau.

O material pode ser acessado pelo site institucional do IFC e utilizado em iniciativas de acolhimento estudantil de estudantes ingressantes, bem como em ações de recepção às famílias e à comunidade local. Além disso, o guia também pode ser adaptado para outros contextos educacionais.

5.4 - Avaliação do produto educacional

Conforme apresentado anteriormente, a avaliação do produto educacional "Acolhe IFC: um guia de orientações para estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado" foi realizada por meio da aplicação de um formulário online (Apêndice K), direcionado aos estudantes participantes da pesquisa e aos ingressantes do ano 2025 dos cursos de Informática, Eletromecânica e Mecatrônica do Campus Blumenau. Desse modo, após a leitura do material, os participantes responderam o questionário avaliativo de forma anônima, garantido o sigilo da participação e proporcionando um ambiente seguro para que pudessem responder com sinceridade às questões sobre o material.

O formulário foi enviado por e-mail para 195 estudantes e participaram da avaliação 57. Dentre eles, 54 ingressantes e 3 veteranos. Assim, adotou-se um código⁹ para identificação das respostas recebidas na pergunta aberta. Em relação aos cursos, houve representação de todas as três áreas do EMIEP do Campus: Eletromecânica, Informática e Mecatrônica, conforme disposto no quadro 7 a seguir:

Quadro 7 – Distribuição dos estudantes participantes da avaliação do PE por curso do EMIEP

Curso	Quantidade de Estudantes	Porcentagem (%)
Ensino Médio Integrado em Informática	25	43,9%
Ensino Médio Integrado em Eletromecânica	23	40,4%
Ensino Médio Integrado em Mecatrônica	9	15,7%
Total	57	100%

Fonte: Elaborado pela autora

Para a construção do questionário, utilizou-se como referência os eixos avaliativos propostos por Leite (2018), que propõe uma estrutura de análise qualitativa e quantitativa para materiais educativos em formato textual. Os eixos são:

(a) estética e organização do material educativo; (b) divisão do material educativo;

⁹ A codificação realizada é fundamental para que se retorne ao texto original sempre que necessário. No caso desta avaliação o código desenvolvido foi: cada resposta recebeu uma numeração (AV1, AV2, AV3, etc.)

(c) estilo de escrita apresentado; (d) conteúdo do material; (e) atividades presentes; (f) criticidade do material educativo; e (g) considerações (respostas abertas). Essa sistematização possibilita uma abordagem avaliativa mais ampla e fundamentada, contemplando aspectos formais e de conteúdo.

A escolha da escala Likert como instrumento de mensuração deve-se à sua ampla utilização em pesquisas educacionais para avaliar atitudes, percepções e opiniões. Conforme Marconi e Lakatos (2003), a escala Likert permite captar nuances da opinião dos respondentes ao oferecer uma gradação de concordância, favorecendo a interpretação quantitativa de dados qualitativos. Foram utilizadas cinco opções de resposta: (1) Concordo totalmente, (2) Concordo, (3) Neutro, (4) Discordo e (5) Discordo totalmente. O formulário de avaliação está disponível no Apêndice K.

5.4.1 Análise quantitativa

Os dados obtidos foram organizados conforme os eixos avaliativos propostos por Leite (2018). A seguir, apresenta-se a distribuição percentual das respostas para cada dimensão, por meio do quadro 8, considerando as 57 respostas válidas.

Quadro 8 – Distribuição das respostas por questão do formulário de avaliação do guia "Acolhe IFC"

Questões	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
1. O guia apresenta uma organização estética visualmente atrativa e de fácil compreensão.	0%	0%	1,8%	19,3%	78,9%
2. O guia apresenta um texto atrativo e de fácil compreensão.	0%	0%	0%	19,3%	80,7%
3. O guia apresenta temas interligados e coerentes.	0%	0%	7%	26,3%	66,7%
4. O guia apresenta conceitos, argumentos e dados institucionais claros.	0%	0%	5,3%	28,1%	66,7%
5. O conteúdo do guia propõe reflexões sobre os desafios do Ensino Médio Integrado.	0%	1,8%	21,1%	38,6%	38,6%
6. As estratégias de estudo sugeridas no guia são aplicáveis no cotidiano	0%	5,3%	24,6%	43,9%	26,3%

Questões	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Neutro	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
acadêmico.					
7. O guia contribui para a transição entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio Integrado.	0%	0%	10,5%	29,8%	59,6%
8. O guia apresenta informações úteis sobre o funcionamento da instituição e dos cursos.	0%	0%	7%	28,1%	64,9%

Fonte: Elaborado pela autora.

De maneira geral, o guia Acolhe IFC foi bem avaliado pela maioria dos estudantes nos critérios elencados. A seguir, serão apresentados os resultados com base nos eixos de análise propostos por Leite (2018), que orientam a avaliação de materiais educativos em formato textual, contemplando dimensões formais, didáticas e críticas.

O primeiro eixo - **estética e organização do material educativo** busca promover um diálogo entre o texto verbal e visual disponível no material. Observando se o texto é atrativo, se propõe uma leitura técnica em proporções equilibradas com as didáticas e se há um cuidado com a escrita no que se refere ao respeito à diversidade (Leite, 2018). Sobre isso os participantes demonstraram ampla concordância quanto ao design e à disposição textual do material educativo, indicando uma percepção positiva sobre sua atratividade e organização visual.

Quanto à **divisão do material educativo**, Leite (2018) sinaliza que é importante os produtos educacionais em formato textual, apresentem coerência entre os capítulos, bem como que fique claro seus objetivos e referenciais teóricos que concebem o PE. Nessa direção, a maioria dos respondentes apontou que a estrutura e organização dos capítulos favorece a compreensão gradual dos conteúdos. Essa avaliação positiva reforça que o material apresenta uma progressão lógica e coerente.

Em relação ao **estilo de escrita do material educativo** deve conter acessibilidade, evitando palavras técnicas e de difícil compreensão. Explicar todos os termos e expressões científicas, estruturando as ideias com objetivo de facilitar o entendimento do assunto abordado. E ser atrativo estimulando a aprendizagem do leitor (Leite, 2018). Nesse eixo foi indicado que o guia apresenta linguagem clara, acessível e adequada ao público-alvo. O reconhecimento da linguagem como

acessível e clara evidencia que o guia se comunica de forma eficaz com seu público, evitando barreiras terminológicas.

O eixo **conteúdo do material educativo** busca avaliar a forma de apresentação dos referenciais teóricos utilizados e se foram, de fato, elaborados com clareza e acessibilidade (Leite, 2018). Nessa perspectiva, a clareza e relevância das informações apresentadas no guia foram amplamente reconhecidas pelos respondentes, enfatizando a qualidade do conteúdo, que atende às demandas informacionais dos estudantes em fase de ingresso.

A dimensão avaliativa **atividades presentes no material educativo (estratégias de estudo)** objetiva a contribuição dessas iniciativas (Leite, 2018) no âmbito da aprendizagem e técnicas de estudos. Se estas são atrativas, úteis e se são aplicáveis ao dia a dia acadêmico. Em relação a isso, este item apresentou a maior distribuição entre respostas positivas e neutras. A presença de respostas neutras indica que as estratégias de estudo poderiam ser ampliadas ou mais exploradas, para fortalecer o apoio pedagógico no processo de aprendizagem.

Por fim, a avaliação da **criticidade do material educativo** propõe a reflexão sobre a realidade do leitor (Leite, 2018) e para essa pesquisa, foi dividida em dois aspectos para melhor compreensão da percepção dos estudantes em relação a esse eixo. Sendo: (a) apoio à transição do ensino fundamental ao médio integrado, em sua maioria, os estudantes consideram que o guia contribui de maneira significativa para a transição entre as etapas escolares; (b) compreensão do funcionamento institucional e dos cursos, os dados avaliativos demonstram que o guia oferece uma visão ampla e acessível sobre a instituição, contribuindo para o entendimento do modelo de ensino no EMIEP. Ambos os aspectos avaliados dentro deste critério revelam que o guia contribui não apenas para o acolhimento informacional, mas também para o fortalecimento da autonomia dos estudantes em relação ao novo contexto institucional.

5.4.2 Análise qualitativa

A última pergunta, de natureza aberta, possibilitou o aprofundamento da avaliação do guia ao permitir que os respondentes expressassem comentários gerais, percepções pessoais e sugestões de aspectos positivos, melhorias ou

compartilhamento de opinião em relação ao material educativo. Diante disso, a seguir, são apresentados alguns dos relatos compartilhados pelos participantes.

“Eu adorei o guia, achei muito útil e enviei para um amigo que está entrando no IFC esse ano. (AV4)”

“O material informativo é super didático e resume o IFC para os estudantes de uma forma prática e de fácil compreensão. Não vejo necessidade de melhorias nesse momento. (AV8)”

“Achei o guia muito útil e organizado e me ajudou muito a conhecer o IFC. (AV10)”

“Na minha opinião o guia está perfeito. Focado bastante nas opiniões dos estudantes e segurança. (AV13)”

“Muito bom!! Assim a família e o aluno podem tirar várias dúvidas em relação ao ensino no IFC, incluindo alunos que pretendem estudar no IFC e os que já estudam. Bem explicado e uma ótima apresentação, achei incrível. (AV24)”

“O Guia é muito informativo, bem feito, atrativo, com uma linguagem adequada é ideal para ler. (AV36)”

“Amei o guia, acho muito importante para ajudar na pessoa que está começando essa fase, e está “perdida” (AV41)”

“É um bom guia para quem está entrando no if saber algumas informações, incluindo pessoas que estão realizando o 9° ano se o if é um lugar bom para se ir estudar. (AV42)”

Essas contribuições sinalizam que o guia tem cumprido seu objetivo principal de acolher e orientar os estudantes em sua jornada acadêmica. Revela-se, assim, uma ferramenta útil, com linguagem acessível e alinhada aos interesses dos ingressantes. Além disso, o material pode ser utilizado por pessoas interessadas em ingressar no EMIEP que ainda desconhecem a instituição ou estão considerando iniciar um dos cursos ofertados pelo IFC Campus Blumenau. Também se mostra

relevante para familiares de novos estudantes, auxiliando na compreensão sobre o funcionamento institucional, a estrutura do Campus e os serviços de apoio oferecidos pelo IFC.

Finalmente, espera-se que o produto desenvolvido continue a ser utilizado pela comunidade acadêmica, especialmente por estudantes ingressantes que venham a iniciar sua trajetória no EMIEP do IFC Campus Blumenau nos próximos anos, bem como, mobilizado pelo SISAIE, coordenadores de curso e gestão do campus. Uma versão editável foi disponibilizada, facilitando a atualização das informações e seu uso pela comunidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição escolar do Ensino Fundamental para o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional é marcada por um processo de readequação à condição de ser estudante. Compreendemos que essa fase demanda um olhar atento, pois envolve duas travessias simultâneas: o ingresso em uma nova modalidade de ensino e instituição escolar, e a vivência da juventude. Trata-se de um fenômeno multifacetado, que pode ser analisado sob diferentes perspectivas e áreas do conhecimento, ultrapassando os limites do contexto educacional.

Ao darmos visibilidade às vivências dos estudantes nesse período, identificamos que ele pode ser atravessado por sentimentos diversos, como ansiedade, medo, angústia e incertezas em relação às escolhas acadêmicas e profissionais. Ao mesmo tempo, desperta curiosidade pelas novas experiências que se apresentam nessa jornada. Os jovens do IFC Campus Blumenau reconhecem a importância dessa instituição: percebem que estão em uma escola que propicia mudanças pessoais e sociais. Reconhecem, ainda, e expressam o sofrimento que essa conquista lhes exigiu.

Como recurso relevante para a compreensão da transição, integração e adaptação escolar, o conceito de afiliação estudantil se mostrou essencial, uma vez que envolve e representa um processo contínuo e dinâmico, desenvolvido ao longo do tempo e em diferentes contextos, sempre que o estudante se integra a um novo grupo e adquire novas habilidades. Nesse sentido, a teoria de Alain Coulon (2008) oferece caminhos para compreender esse percurso. Segundo o autor, a afiliação é um processo ativo, que não ocorre de forma espontânea: exige esforço tanto por parte dos estudantes quanto das instituições, para que a integração escolar seja possível. No contexto do EMIEP, a afiliação pode ser compreendida como reflexo da adaptação ao novo ambiente escolar (afiliação institucional) e à rotina acadêmica (afiliação intelectual) – fatores essenciais para a permanência e o sucesso escolar.

O processo de afiliação no EMIEP se mostra especialmente complexo durante a transição escolar. Diferentemente de outras modalidades, esse ambiente demanda que o estudante se adapte não apenas a um currículo mais denso, mas também a uma cultura escolar diferenciada, que integra ensino propedêutico e técnico, buscando articular teoria e prática. Os ingressantes enfrentam desafios relacionados à carga horária extensa, à complexidade dos conteúdos e à

necessidade de reorganização da rotina pessoal e escolar. Isso se deve à estrutura do currículo integrado, que visa fortalecer o engajamento estudantil ao relacionar conteúdos com experiências de vida e questões significativas para a comunidade.

Além disso, muitos estudantes relatam dificuldades de adaptação ao novo ambiente escolar, agravadas pela ausência de suporte e política institucional adequada para acompanhar essa transição. Observou-se que a falta de programas de acolhimento e ações integradoras por parte das instituições compromete o desenvolvimento do senso de pertencimento e identificação com a escola – elementos fundamentais tanto para o sucesso da afiliação quanto para a permanência a longo prazo.

Nesse cenário, destaca-se o papel estratégico desempenhado pelos serviços de apoio estudantil no IFC Campus Blumenau, especialmente pelas coordenações de curso e pelo Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional (SISAE). Tais instâncias atuam na mediação acadêmica, orientação pedagógica, acompanhamento de trajetórias e apoio à permanência estudantil. Contudo, embora essas funções estejam previstas institucionalmente, as análises apontam limitações significativas na estrutura e no funcionamento desses setores. Dentre os principais desafios, evidenciam-se a ausência de informações claras sobre os atendimentos disponíveis, a sobrecarga das equipes, a carência de regulamentações específicas, e a priorização de demandas espontâneas em detrimento de planejamentos estruturados. Tais fragilidades comprometem a efetividade dos serviços prestados e reforçam a necessidade de investimentos na ampliação das equipes, nos canais de comunicação e na sistematização de ações que promovam o acolhimento integral e o fortalecimento dos vínculos institucionais.

Essas novas situações encontradas pelos estudantes podem também acarretar a redução do tempo disponível para atividades extracurriculares, como lazer, cultura, esportes e autocuidado. Os estudantes participantes da pesquisa relataram queda no rendimento e na autoestima, cansaço e até mesmo desespero – sentimentos muitas vezes ignorados pelos adultos, que tendem a minimizar o sofrimento ou o consideram parte natural do processo, diante da qualidade do ensino ofertado pelos IFs. Tal percepção reforça a importância de dispositivos institucionais de apoio, capazes de acolher emocionalmente os jovens e reconhecer suas dificuldades como legítimas.

Ainda nesse contexto, a afiliação estudantil envolve mais do que a adaptação aos conteúdos escolares. Exige o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais para lidar com a nova dinâmica escolar e a construção de vínculos dentro desta comunidade. Quando a instituição não se organiza para apoiar esse processo, muitos estudantes enfrentam sozinhos os desafios da adaptação e das novas exigências.

Observamos também uma escassez de estudos que abordem as percepções dos estudantes sobre o ingresso, a integração e a afiliação no contexto do EMIEP. Uma das principais lacunas identificadas é a pouca ênfase dada às diferenças entre o ensino fundamental e o médio – com uma transição que, muitas vezes, não ocorre de maneira contínua ou natural, exigindo grande esforço dos estudantes, os quais nem sempre contam com apoio institucional. Esse dado aponta para um campo aberto à pesquisa, sobretudo considerando que a escolarização, na percepção dos participantes da pesquisa, tem grande relevância e ultrapassa o cumprimento de obrigações familiares ou sociais.

Ao adaptarmos o conceito de afiliação para analisar a transição do EF para o EMIEP, evidenciamos o papel fundamental da instituição escolar. O estudante oriundo do EF possui menor repertório e autonomia se comparado ao que transita entre o ensino médio e a educação superior, e por isso necessita de condições institucionais que favoreçam a apropriação do novo ofício sem tanto sofrimento. É preciso, ainda, considerar a diferença entre as transições vivenciadas coletivamente – por meio de rituais escolares – e os processos de afiliação que recaem sobre a responsabilidade do estudante sem garantia de dispositivos institucionais que facilitem essa travessia.

Nesse cenário, práticas de acolhimento tornam-se uma estratégia importante de perceber e de receber os estudantes que estão ingressando na instituição. Elas podem constituir um caminho para a democratização da Educação Profissional e Tecnológica, ao promover condições que favorecem a permanência e o êxito escolar – indo além do acesso. Acolher é criar condições para a construção da autonomia, da criticidade, do respeito ao outro, do cuidado e da empatia, com um olhar atento para um grupo de estudantes em fase de juventude – um momento naturalmente atravessado por questões e conflitos.

Destacamos também que a aproximação com o EMIEP deve ocorrer ainda no Ensino Fundamental, por meio de programas que promovam o contato entre

estudantes de diferentes níveis. Essa aproximação pode contribuir para uma escolha profissional mais consciente e alinhada ao projeto de vida de cada sujeito.

Dentre as práticas de acolhimento, as atividades de recepção aos ingressantes são ações essenciais para a integração e adaptação ao EMIEP. Acreditamos que o propósito deste estudo se amplia quando se pensa o acolhimento estudantil como uma política permanente e um compromisso institucional. Isso requer o envolvimento de toda a comunidade acadêmica na criação e manutenção de espaços que promovam essa acolhida – um exercício de responsabilidade compartilhada entre direções, coordenações, docentes, setores administrativos e pedagógicos, núcleos e representações estudantis.

Com o objetivo de facilitar o percurso dos ingressantes, desenvolvemos o Produto Educacional “Acolhe IFC: um guia de orientação para ingressantes do Ensino Médio Integrado”. Ele visa auxiliar a transição dos estudantes do Ensino Fundamental para o EMIEP, oferecendo orientações práticas e informações úteis para enfrentar os principais desafios dessa nova etapa. O guia também pode apoiar familiares, estudantes que ainda não conhecem o IFC ou que estão considerando ingressar em um dos cursos ofertados pela instituição. Contudo, trata-se de um material informativo, que não substitui as ações de acolhimento e integração que devem ser promovidas pelo campus – seu papel é complementar essas estratégias e contribuir para a construção do senso de pertencimento, novos vínculos e adaptação dos estudantes ao Ensino Médio Integrado.

Os resultados da pesquisa permitiram evidenciar, de forma concreta, as dificuldades enfrentadas pelos estudantes ingressantes no EMIEP e a ausência de políticas institucionais sistematizadas para acolher e apoiar essa transição. Ao dar visibilidade às vozes dos estudantes e às suas experiências, contribuímos para a ampliação da compreensão sobre o fenômeno da afiliação estudantil nesse contexto específico, oferecendo subsídios tanto para futuras investigações quanto para a formulação de práticas pedagógicas e institucionais mais sensíveis às demandas juvenis. Nesse sentido, o produto educacional desenvolvido – o guia *Acolhe IFC* – demonstra grande potencial de alcance e aplicabilidade, pois, ao dialogar com as necessidades reais dos estudantes, constitui-se como uma ferramenta estratégica para fortalecer o vínculo dos ingressantes com a instituição. Por sua natureza adaptável, o material pode ser replicado em outros campi do IFC e mesmo em diferentes Institutos Federais, contribuindo para a consolidação de práticas de

acolhimento que favoreçam a permanência e o êxito escolar.

Por fim, reconhecemos as limitações e a incompletude desta pesquisa, bem como a necessidade de continuidade nos estudos e, principalmente, na prática efetiva de ações que promovam um ambiente escolar mais acolhedor e que favoreça o ingresso, a permanência e a afiliação dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H.W. Espaços de juventude. In: FREITAS, M.V. de; PAPA, F. de C. (Org.). **Políticas públicas juventude em pauta** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 219-228.
- ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba de; PINHO, Luís Ventura de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 173–184, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5902/2318133825295>
- ALMEIDA, Kênia Barros; SILVA, Adriano Larentes da. O processo de adaptação dos estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado: um estudo em um Instituto Federal de Educação. **Revista Formação em Movimento**, v. 6, n. 12, 2024. DOI: <https://doi.org/10.29327/vcisepeeeevwdepeee2022.562213>
- ANVERSA, Andreisi Carbone *et al.* Qualidade de vida e o cotidiano acadêmico: uma reflexão necessária. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 30, e3314, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1185>
- ARAMBELL, Luan. Saúde mental de estudantes universitários: tensões entre desempenho acadêmico e autocuidado. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 26, e260013, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/bNdt5LkB7Mf5JdJrS88bN7p/?lang=pt> Acesso em: 10 maio 2025.
- ARANHA, Z. L. T. NOGUEIRA, S. S. SANTOS, L. B.. A Formação docente para a educação profissional técnica e tecnológica: problema, solução ou desafio? **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 1-18, e13374, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.15628/rbept.2022.13374>
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.
- BASTOS, Carmen Célia Barradas Correia. Docência, pós - graduação e a melhoria do ensino na universidade: uma relação necessária. **Educere et Educare**. Cascavel, v.2, n.4, p.103 - 112, jul./dez., 2007. DOI: <https://doi.org/10.17648/educare.v2i4.1658>
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CES nº 5, de 10 de março de 1983. Dispõe sobre a criação e os objetivos dos cursos de mestrado e doutorado. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 1983. Disponível em: <https://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=233>. Acesso em: 27 mar. 2025.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 03 jun. 2023.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 39/2004, de 8 de dezembro de 2004. Aplicação do Decreto nº 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de Nível Médio e no Ensino Médio. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 09 dez. 2004. Disponível em:

<https://normativas.conselho.org.br/normativa/view/CEB-P-0039-04>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio: documento base. Brasília, DF: MEC/SETEC, 2007. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf4/educacaotecnica.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 30 dez. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 20 jul. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 03 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica; Conselho Nacional da Educação; Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes para o Ensino Médio Integrado. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/secretarias/secretaria-de-educacao-profissional-e-tecnologica/setec/diretrizes-para-o-ensino-medio-integrado.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 010/2021 – Organização Didática dos Cursos do IFC. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://www.ifc.edu.br/documentos-normativos/resolucoes/OD-2021.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2023.

CABUS, Caffa Abreu; MATOS, Rosângela da Luz. Afiliação à Pesquisa Acadêmica na Formação Stricto Sensu. **Journal volume & issue**. Minas Gerais, vol. 5, no. 9, pp. 138-158, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <<https://doaj.org/article/9cc1a256c09344ac891c34589014d679>>. Acesso: 02 mar. 2024

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1363>. Acesso em: 12 maio 2025.

CIAVATTA, Maria. O ensino integrado, a politécnica e a educação omnilateral. Por que lutamos?. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v.23, n.1, p. 187-205, jan-abr, 2014. DOI: 10.33448/rsd-v10i16.24079

CICHACZEWSKI, João Carlos. **Uma história a ser feita: os sentidos da formação profissional nos IFs**. Blumenau: Editora IFC, 2023.

CHARLOT. Bernard. **Da relação com o saber** - Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT. Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CUNHA, Jéssica de Almeida. **Entre pontes e abismos: a transição do ensino fundamental para o ensino médio integrado sob o olhar de alunos ingressantes**. 2022. 199 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Centro, Manaus, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ifam.edu.br/jspui/handle/4321/871>. Acesso em: 20 maio 2025.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios: a resiliência – uma infância infeliz não determina a vida**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-3892005966-livro-os-patinhos-feios-resilincia-uma-infncia-infeliz-_JM. Acesso em: 12 maio 2025.

DANTAS, Lys Maria Vinhaes et al. Afiliação no sexto ano do ensino fundamental sob o olhar dos alunos. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 51, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053147322>.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. A escola “faz” as juventudes? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 85, p. 47-64, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000300004>

DAYRELL, Juarez Tarcisio; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (org.). **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-133.

DAYRELL, Juarez Tarcisio; JESUS, Rodrigo Ednilson. A exclusão de jovens de 15 a 17 anos no ensino médio no Brasil: desafios e perspectivas. **Educação & Sociedade**, 37(135), 407– 423, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016151533>.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biographie et éducation Figures de l'individu-projet**. Paris: Anthropos, 2003. Disponível em: <https://www.christine-delory.com/chapitres-de-livres>. Acesso em: 13 maio 2025.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Universidade de Paris 13. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira.

Revisão técnica de Fernando Scheibe. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set.-dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782012000300002>

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FERNANDES, Fernanda Viana. **Análise das percepções dos(as) estudantes do ensino superior de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia a cerca da vivência estudantil e saúde mental**. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde Coletiva) - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2019. Disponível em: [Universidade Federal da Bahia: Análise das percepções dos \(as\) estudantes do ensino superior de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia acerca da vivência estudantil e saúde mental](#) Acesso em: 18 jun 2025.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **Ensino Médio Integrado: Concepção e Contradições**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUEDES, Isabella Abreu Carvalho; SANCHEZ, Liliane Barreira. A Formação Docente para a Educação Profissional Técnica e sua Influência na Atuação dos Professores do Instituto Federal do Amapá – Campus Macapá: Um Estudo de Caso. **Holos**, [S.l.], v. 6, p. 1-15, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15628/holos.2017.6093>

HOIRISH, Adolph; BARROS, Dolores Izabel M. de; SOUZA, Ingrid. S. de. **Orientação psicopedagógica no ensino superior**. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. Resolução nº 16, de 2019. Diretrizes para o Ensino Médio Integrado. Disponível em: <https://www.camboriu.ifc.edu.br/wp-content/uploads/2021/06/Resolu%C3%A7%C3%A3o-16.2019-Diretrizes-EMI.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2025

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. Resolução nº 10/2021 – CONSUPER, de 31 de março de 2021. Regulamenta a Organização Didática dos Cursos de Qualificação Profissional, Educação de Jovens e Adultos, Técnicos e de Ensino Superior do Instituto Federal Catarinense – IFC. Disponível em: <https://consuper.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/57/2022/11/Resolucao-10.2021-OD.pdf>. Acesso em: 04 abr 2025

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. *Painel Farol de Dados do IFC*. Disponível em: <https://ifc.edu.br/farol/>. Acesso em: 9 mai 2025.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE – CAMPUS BLUMENAU. *Dados de evasão dos cursos EMIEP – Eletromecânica e Informática (ano de 2024)*. Informações enviadas por e-mail pelo CRA em 8 maio 2025.

IFC Campus Blumenau. (s.d.). História do Campus. Disponível em: <https://blumenau.ifc.edu.br/historia-do-campus/>. Acesso em: 10 jun 2023

IBASE; PÓLIS. **Juventude brasileira e democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Relatório Final - nov. 2005. Grafitto. Disponível em: <https://polis.org.br/publicacoes/juventude-brasileira-e-democracia-participacao-esferas-e-politicas-publicas>. Acesso em: 18 jun. 2025.

JOST, Itagiane. **Ingresso de jovens no ensino médio**: práticas de acolhimento nos cursos técnicos integrados no IFFar Campus São Vicente do Sul. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal Farroupilha, Campus Jaguari. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7901528. Acesso em: 21 maio 2025.

KAPLÚN, Gabriel. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 27, p. 46–60, maio/ago. 2003. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i27p46-60>

KAWANAMI, Mariana. F. **Expectativas e experiências formativas no ensino médio integrado**: uma análise a partir das trajetórias dos estudantes. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em EPT) – Instituto Federal Catarinense, Campus São Bento do Sul. Disponível em: <https://repositorio.ifc.edu.br/handle/123456789/346>. Acesso em: 2 ago. 2024.

KROMINSKI, Vanessa de Jesus; FONSECA, Debora Cristina. Transição escolar: desafios do acesso e permanência na educação para a juventude do Distrito Federal. **Revista Educação em Contexto**. Goiânia, v. 2, n. 2, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.5281/zenodo.10200852>>. Acesso em: 31 jul. 2024.

KUENZER, Acácia Zeneida. O Ensino Médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 70, p. 15-39, abr. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0101-73302000000100003>

KUENZER, Acácia Zeneida. Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região**, Brasília, DF, v. 20, n. 2, p. 13-36, dez. 2016. Disponível em: <https://revista.trt10.jus.br/index.php/revista10/article/view/2/1> . Acesso em 28 jul 2024.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Revista Educação & Realidade**, v. 29, n. 1, p. 5-250, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/631943622/LARROSA-Jorge-A-Operacao-Ensaio->

[sobre-o-ensaiar-e-o-ensaiar-se-no-pensamento-na-escrita-e-na-vida-pdf](#). Acesso em: 12 maio 2025

LEITE, Priscila de Souza Chisté. Produtos educacionais em mestrados profissionais na área do ensino: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. In. 7º CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 2018, Fortaleza. **Atas**. DOI: 10.17398/0213-9529.38.2.185

LIMA, Cárita Portilho de. **A atuação do psicólogo escolar na promoção da atividade de estudo**: interfaces com a escola e com a família. 2017. 269 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.47.2017.tde-13072017-171059>.

MACIEL, Antonio Carlos; JACOMELI, Mara Regina Martins; BRASILEIRO, Tânia Suely Azevedo. Fundamentos da Educação Integral Politécnica: da teoria à prática. **Educ. Soc.**, v. 38, n. 139, Apr-Jun 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017158639>.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. O desafio da formação de professores para EPT e PROEJA. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 689–704, jul./set, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000300005>

MANACORDA, Mário Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Alínea, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATEUS, Sandra José Soares; RODRIGUES, Marilsa de Sá. Contribuições do orientador educacional para a permanência e êxito estudantil na Educação Profissional Técnica de Nível Médio. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 12, 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/12/contribuicoes-do-orientador-educacional-para-a-permanencia-e-exito-estudantil-na-educacao-profissional-tecnica-de-nivel-medio>. Acesso em: 24 jun. 2025.

MENDES, Maíra Tavares. Crítica ao conceito de afiliação de Alain Coulon: Implicações para a permanência estudantil. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 36, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-46982222346>.

MENEZES, Ana Cláudia S. Acompanhamento psicopedagógico no Ensino Médio Integrado: uma análise das práticas institucionais. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 6, n. 19, p. 50-67, 2021. DOI: <https://doi.org/10.37008/978-65-81368-14-2.04.07.21>

MIGUEL, Juliana Danielly de Rezende. **Integração curricular no ensino médio integrado**: a experiência no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação - CED, Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE,

Florianópolis, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/240978/PEED1659-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 abr 2024

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, n. 22, p. 7-32, 1999. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 18 jun. 2025.

MORAIS, Camila Mendonça; GITIRANA, Verônica. A Matemática no Ensino Técnico Integrado ao Médio: um levantamento de condições para integração de recursos. **Bolema**. São Paulo, v. 36, n. 72, jan.-abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-4415v36n72a18>.

MOTA, Gabriel Oliveira et al. Estilo de vida entre universitários: um desafio para os futuros profissionais da saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 49, n. 1, e031, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v49.1-2024-0148>.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politécnica e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 20, n. 63, out.-dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782015206313>

NOGUEIRA, Maria Alice. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 155–170, jul./dez. 2006. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6850>. Acesso em: 20 maio 2025.

Nupe Blumenau. (s.d.). NuPe o que é. Disponível em: Núcleo Pedagógico UFSC Blumenau. Acesso em: 21 mai 2024

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. Nº 5, Mai/Jun/Jul/Ago 1997, Set/Out/Nov/Dez 1997. Disponível em: http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf. Acesso em: 10 nov 2023

PIRES, Danielle Beatriz de Paula. **Ansiedade e estresse em estudantes de graduação em Odontologia**: revisão sistemática e estudo transversal. 2023. 111 f. Dissertação (Mestrado em Odontologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/67251>. Acesso em: 21 maio 2025.

RABELLO, Maria Lúcia. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. São Paulo: Nau Editora, 2001. *E-book*. Disponível em: <https://naueditora.com.br/wp-content/uploads/2022/03/miolo-pesquisa-intervecao.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

ROSA, Luciana Santos da. **A rotina escolar dos estudantes do Ensino Médio Integrado do IF Goiano e os fatores de risco para o estresse**: um estudo de caso no Campus Iporá. 2022. 130 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal Goiano, Iporá, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/3781>. Acesso em: 24 jun. 2025.

ROSA, Renan Silveiro; ZUCOLOTTTO, Andréia Modrzejewski. O estado do conhecimento das pesquisas realizadas no contexto da transição do ensino fundamental para o ensino médio. In: **Educação Profissional e Tecnológica: Práticas, organização e memórias** / Organização: Michelle Camara Pizzato, Clarice Monteiro Escott, Rhuany Soares – Belo Horizonte– MG: Poisson, 2021 DOI: <https://doi.org/10.36229/978-65-5866-114-6.cap.02>

ROSA, Renan Silveiro. **Podcast educacional como recurso pedagógico**: práticas educativas sobre juventude, trabalho e transição para o ensino médio em uma escola de ensino fundamental de Alvorada/RS (Dissertação de mestrado). Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Porto Alegre, Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Porto Alegre, 2022. Disponível em: [Podcast educacional como recurso pedagógico: práticas educativas sobre juventude, trabalho e transição para o ensino médio em uma escola de ensino fundamental de Alvorada/RS](#) Acesso em: 02 mai 2023

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Estudantes de origem popular e afiliação institucional. In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha (Org.). **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 54-69. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/n656x/pdf/sampaio-9788523212117-04.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1991

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgina Gonçalves dos. O conceito de afiliação estudantil como ferramenta para a gestão pedagógica da educação superior. **Revista Internacional Qualitativa**, n. 12, p. 53-66, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.rigual.org/wp-content/uploads/2022/06/Forges-12-53.pdf>. Acesso em: 01 abr 2025.

SARAGOÇA, José. et al. Efeitos das transições escolares no rendimento acadêmico: os capitais econômico, cultural e social como fatores explicativos, num estudo longitudinal interdisciplinar com alunos portugueses. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais - Diversidades e (Des)Igualdade, 11, 2011, Salvador. **Anais**. Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: Repositório Digital de Publicações Científicas: EFEITOS DAS TRANSIÇÕES ESCOLARES NO RENDIMENTO ACADÊMICO: OS CAPITAIS ECONÓMICO, CULTURAL E SOCIAL COMO FATORES EXPLICATIVOS, NUM ESTUDO LONGITUDINAL INTERDISCIPLINAR COM ALUNOS PORTUGUESES. (uevora.pt) Acesso em 31 jul 2024

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politécnica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1989.

SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto de. Ofício de vestibulando: impasses da juventude na transição para o ensino superior. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 49, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202349260961>.

SILVA, Larice Santos. **A aprendizagem do ofício de estudante universitário:** tempos de constituição do ingressante no ensino superior. 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia. DOI: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.31>

SILVA JUNIOR, Almir Ferreira da. A hermenêutica filosófica e a experiência formativo-educacional. *Filosofia Unisinos*, São Leopoldo, v. 24, n. 2, p. 1–16, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4013/fsu.2023.242.06>

SINASEFE. Greve nacional da educação federal: balanço e encaminhamentos. Brasília: SINASEFE, 2024. Disponível em: <https://sinasefe.org.br/site/greve-2024-balanco>. Acesso em: 20 maio 2025.

SOUZA, Jailton Rodrigues de; MACIEL, Emanoela Moreira. Planejamento de práticas pedagógicas integradoras para a educação profissional e tecnológica. **Educ. rev.**, v. 39, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469836869>.

SPÓSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5, p. 99-118, mai./ago, 1997. Disponível em: <https://www.feis.unesp.br/Home/DSAA/DSAA/ProjetoGQT-SCM/documentos/educacao/educa%e7%e3o%20e%20juventudeMARILIA_PONTES_SPOSITO.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SPÓSITO, Marília Pontes. Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil: institucionalização tradicional e novos significados. *Revista de Estudos sobre Juventud*, v. 9, n. ja/ju 2005, p. 220-267, 2005. Tradução Disponível em: ReP USP - Detalhe do registro: Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil: institucionalização tradicional e novos significados Acesso em: 31 jul. 2024.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1960.

VECCHIETTI, Mirelle Candido. **As trajetórias entre o ensino fundamental e o ensino médio na voz dos adolescentes:** um diálogo com a educação profissional. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7866511. Acesso em: 01 out 2023

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Self-care for health: a handbook for community health workers & volunteers*. Geneva: World Health Organization, 2013. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/94468>. Acesso em: 31 mar. 2025.

ZABALZA, Miguel A. **O ensino universitário:** seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZITTOUN, T., MIRZA, N. M.; PERRET-CLERMONT, A. N. Quando a cultura é considerada nas pesquisas em psicologia do desenvolvimento. **Educar em Revista**.

Curitiba, n. 30, p. 65-76, 2007. DOI:
<https://doi.org/10.1590/s010440602007000200005>

ACOLHE IFC:

um guia de orientações para estudantes
ingressantes no Ensino Médio Integrado



AUTORAS:

GABRIELA BOEMER AMARAL MORETTO
VIVIANE GRIMM



SCAN ME



DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

Origem do Produto Educacional: pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), vinculada ao Instituto Federal Catarinense – Campus Blumenau, intitulada: A perspectiva estudantil sobre a afiliação no Ensino Médio Integrado à Educação Profissional: um estudo com estudantes do Instituto Federal Catarinense (IFC) Campus Blumenau.

Área do conhecimento: Ensino.

Público-alvo: Estudantes Ingressantes no Ensino Médio Integrado e seus familiares, estudantes do Ensino Fundamental que pretendem ingressar na instituição, servidores (docentes, técnico - administrativos) e equipe gestora do IFC.

Categoria do produto: Material didático instrucional, na forma de guia de orientação e acolhimento institucional.

Finalidade: O guia tem como objetivo acolher e orientar os estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado do IFC, contribuindo para sua adaptação, integração e afiliação institucional e intelectual. Apresenta informações relevantes sobre a estrutura da instituição, estratégias de organização pessoal e acadêmica, buscando fortalecer a permanência, o pertencimento e o sucesso escolar.

Registro do produto: Biblioteca do Instituto Federal Catarinense (IFC), Campus Blumenau.

Avaliação do produto: O Guia Acolhe IFC foi avaliado por meio de formulário eletrônico enviado aos estudantes participantes da pesquisa e ingressantes do ano 2025 do EMIEP. Também foi validado pela banca de defesa.

Disponibilidade: Acesso irrestrito, com respeito aos direitos autorais e vedada a comercialização.

Divulgação: Disponibilizado em formato digital.

Instituição envolvida: Instituto Federal Catarinense – IFC, Campus Blumenau.

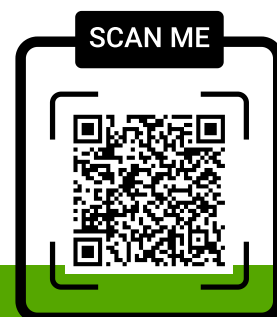
URL: Produto acessível no repositório da EduCapes.

Idioma: Português.

Cidade: Blumenau.

País: Brasil.

Ano: 2025.





Moretto, Gabriela Boemer Amaral.

M845a Acolhe IFC: um guia de orientações para estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado / Gabriela Boemer Amaral Moretto , Viviane Grimm-- Blumenau, 2025.
35 p.: il.

Produto Educacional - Mestrado Profissional em Educação Profissional Tecnológica (PROFEPT) - Instituto Federal Catarinense, Blumenau, 2025.
Orientadora: Viviane Grimm.

1. Estudantes - Acolhimento. 2. Ensino Médio. 3. Educação Profissional e Tecnológica. 4. Guia. I. Grimm, Viviane. II. Instituto Federal Catarinense. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. III. Título.

CDD 374.013

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária:
Shyrlei K. Jagielski Benkendorf - CRB 14/662

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

5

BEM - VINDO(A) AO IFC CAMPUS BLUMENAU

6

NOSSA HISTÓRIA: O IFC CAMPUS BLUMENAU

7

DESCUBRA O CAMPUS: MAPA E LOCALIZAÇÃO

9

REITORIA E DIRETORIAS

10

GRÊMIO ESTUDANTIL

11

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E SERVIDORES (APS)

12

O QUE É O ENSINO MÉDIO INTEGRADO?

13

NOSSOS CURSOS

15

CONHECENDO MELHOR OS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS

17

REGISTRO ESCOLAR E ACADÊMICO

22

SERVIÇOS DE APOIO AO ESTUDANTE

24

O SISA

24

PROGRAMA SOCIOASSISTENCIAL ESTUDANTIL

25

NÚCLEOS (NAPNE, NGA, NEGES, NEABI)

26

ESTÁGIO, PESQUISA E EXTENSÃO

27

DICAS PARA MELHORAR A APRENDIZAGEM

30

RECADOS DE OUTROS ESTUDANTES

33

CRÉDITOS E REFERÊNCIAS

35

APRESENTAÇÃO

Este guia traz informações básicas sobre o Instituto Federal Catarinense (IFC) – Campus Blumenau, especialmente para estudantes que estão ingressando (ou pretendem ingressar) no ensino médio integrado.

Nosso objetivo é auxiliar a transição dos estudantes do ensino fundamental para o ensino médio integrado, oferecendo orientações práticas e informações úteis para superar os principais desafios dessa nova etapa.

Buscamos utilizar uma linguagem acessível e alinhada aos interesses dos estudantes, com base em questionários aplicados a estudantes que já passaram por essa experiência e em contribuição dos servidores do IFC Blumenau, que acompanham de perto as questões estudantis.

Estudantes que estão concluindo o ensino fundamental e considerando estudar no IFC Blumenau também encontrarão aqui uma visão geral do funcionamento da instituição, do ensino médio integrado e dos cursos oferecidos.

Este guia é um produto educacional desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do IFC Blumenau. Os temas foram definidos a partir da pesquisa de mestrado intitulada “A perspectiva estudantil sobre a afiliação no ensino médio integrado à educação profissional: um estudo com estudantes do Instituto federal Catarinense (IFC) Campus Blumenau” realizada por Gabriela Boemer Amaral Moretto, sob orientação da Prof^a Dr^a Viviane Grimm.

É importante destacar que, este guia é informativo, e não substitui as orientações oficiais do IFC Blumenau, disponíveis diretamente com a instituição ou por meio de seu site e redes sociais. Tampouco substitui as ações de acolhimento e integração ofertadas pelo campus, mas serve como um complemento para outras estratégias de transição, contribuindo para a construção de um senso de pertencimento, novos vínculos e adaptação a essa nova jornada no ensino médio integrado.



BEM - VINDO(A) AO IFC

É com muita alegria que celebramos sua chegada! **Parabéns pela conquista** de uma vaga em um dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do IFC Blumenau. Você sabe o caminho que percorreu para estar aqui, e sabemos que ele pode não ter sido fácil. Essa é uma nova etapa da sua vida, e estamos aqui para te apoiar em cada passo.

Ao longo da sua trajetória escolar, você já enfrentou várias mudanças: novas séries, novos professores, novos amigos, ou até mesmo a adaptação a uma escola nova.

Agora, você está começando mais um período de transição, deixando o ensino fundamental e entrando em uma instituição que une o ensino médio com um curso técnico. Essa combinação vai trazer novos conhecimentos, experiências e, talvez, algumas dúvidas ou ansiedades. E tudo bem sentir isso!

Se em algum momento você se sentir ansioso(a) ou até um pouco perdido(a), lembre-se de que **você não está sozinho(a).**

Além dos novos colegas que estão passando pela mesma adaptação, você poderá contar com o apoio da comunidade escolar e de profissionais que estarão prontos para te ajudar. E, claro, você sempre poderá contar com seus amigos e familiares. **Então, se precisar de ajuda, não hesite em pedir.** Estamos todos aqui para te apoiar, ajudar a enfrentar os desafios e garantir que você aproveite ao máximo essa jornada.

Para quem ainda não ingressou no IFC Blumenau, acompanhe o processo seletivo pelo site <https://ingresso.ifc.edu.br/>. Lá, você encontra editais abertos e encerrados, respostas às perguntas frequentes, detalhes sobre o sistema de ações afirmativas, tipos de curso e as formas de ingresso.

Estamos construindo uma história juntos, e esperamos que você se sinta parte dessa caminhada. Muito obrigado por escolher o IFC Blumenau! **Desejamos que esta jornada seja repleta de aprendizados, conquistas, amizades e ótimas memórias.**



NOSSA HISTÓRIA:

o IFC Campus Blumenau

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPT) começou a expandir em 2003 para que mais jovens brasileiros tivessem acesso à educação pública e gratuita. Em 2008, essa expansão se consolidou com a Lei nº 11.892, que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs).

Os IFs nasceram com a missão de oferecer uma educação que integra ensino técnico e práticas pedagógicas, preparando os estudantes tanto para a vida profissional quanto para a cidadania (Araújo; Frigotto, 2015; Cichaczewski, 2023).

Assim, eles contribuem para o desenvolvimento econômico das regiões onde estão presentes e para a formação cidadã dos estudantes.

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil, tem raízes antigas, iniciando oficialmente há mais de 100 anos com a criação das Escolas de Aprendizes Artífices, que marcaram o começo da formação técnica no país. Essas instituições pioneiras foram o primeiro passo do que hoje é a Rede Federal de EPT.

O Campus Blumenau do Instituto Federal Catarinense (IFC) é parte do projeto recente de expansão da Rede Federal. Ele foi oficializado em 23 de abril de 2013, data que celebramos como o aniversário do campus e inaugurado em julho de 2014.

Desde então, o IFC Campus Blumenau tem seguido a ideia de “verticalização do ensino”. Isso significa que, em um só lugar, você pode encontrar cursos que vão da educação básica até a pós-graduação, proporcionando várias possibilidades de formação e aprendizado para a comunidade local e regional.

Quer saber mais sobre a história do nosso campus? Acesse [História do Campus Blumenau](#)

O IFC Campus Blumenau está localizado na **Rua Bernardino José de Oliveira, 81**, no bairro Badenfurt, próximo ao trevo de Pomerode/SC, e em frente a empresa Expresso São Miguel.



Parada de ônibus

Para facilitar o acesso ao campus, várias linhas de ônibus operadas pela BluMob passam nas proximidades.

Linhas: 123, 124, 151, 154 e 155.

A BluMob é a empresa que gerencia o transporte coletivo urbano em Blumenau.

Para informações detalhadas sobre horários, rotas e tarifas, você também pode acessar o site oficial da BluMob, pelo link: [Aplicativo BluMob](#).

Importante!

Estudantes de cidades vizinhas que frequentam o campus devem verificar as opções de transporte intermunicipal disponíveis, pois as rotas e horários podem sofrer mudanças.

É sempre recomendado consultar as informações atualizadas nos canais oficiais do transporte público antes de planejar seu deslocamento.

CONTATOS:

IFC BLUMENAU

(47) 3702-1700

<https://blumenau.ifc.edu.br/>

@ifc.official.blumenau/

ifc.official.blumenau/

OUVIDORIA

A Ouvidoria é o canal de comunicação para acolher e encaminhar denúncias, reclamações, elogios, sugestões e solicitações de informações. Ela atende tanto a comunidade interna quanto a externa do IFC.

47 3331 7804

ouvidoria@ifc.edu.br

<https://falabr.cgu.gov.br/>



MAPA DO CAMPUS



1. GUARITA PARA VEÍCULO E PARA PEDESTRES

2. **TÉRREO:** SALAS DE AULA

1º **ANDAR:** SALAS DE AULA

3. **TÉRREO:** SALAS DE AULA, ÁREA DE CONVIVÊNCIA, BIBLIOTECA, SALAS DE ESTUDO, SALA DOS PROFESSORES, COORDENAÇÕES.

1º **ANDAR:** SALAS DE AULA, NÚCLEOS (NUPE, NGA, NEABI, NEGES, NAPNE), SISAE, SETORES ADMINISTRATIVOS

4. **TÉRREO:** LABORATÓRIO DE SOLDAGEM, USINAGEM, AJUSTAGEM, FUNDIÇÃO E MANUTENÇÃO INDUSTRIAL; LABORATÓRIO DE ELETRICIDADE PREDIAL (LEP); LABORATÓRIO DE ELETRICIDADE INDUSTRIAL (LEI)

1º **ANDAR:** SALA DE AULA, LABORATÓRIOS DE INFORMÁTICA, LABORATÓRIO DE SISTEMAS EMBARCADOS

5. GINÁSIO POLIESPORTIVO,

6. REFEITÓRIO,

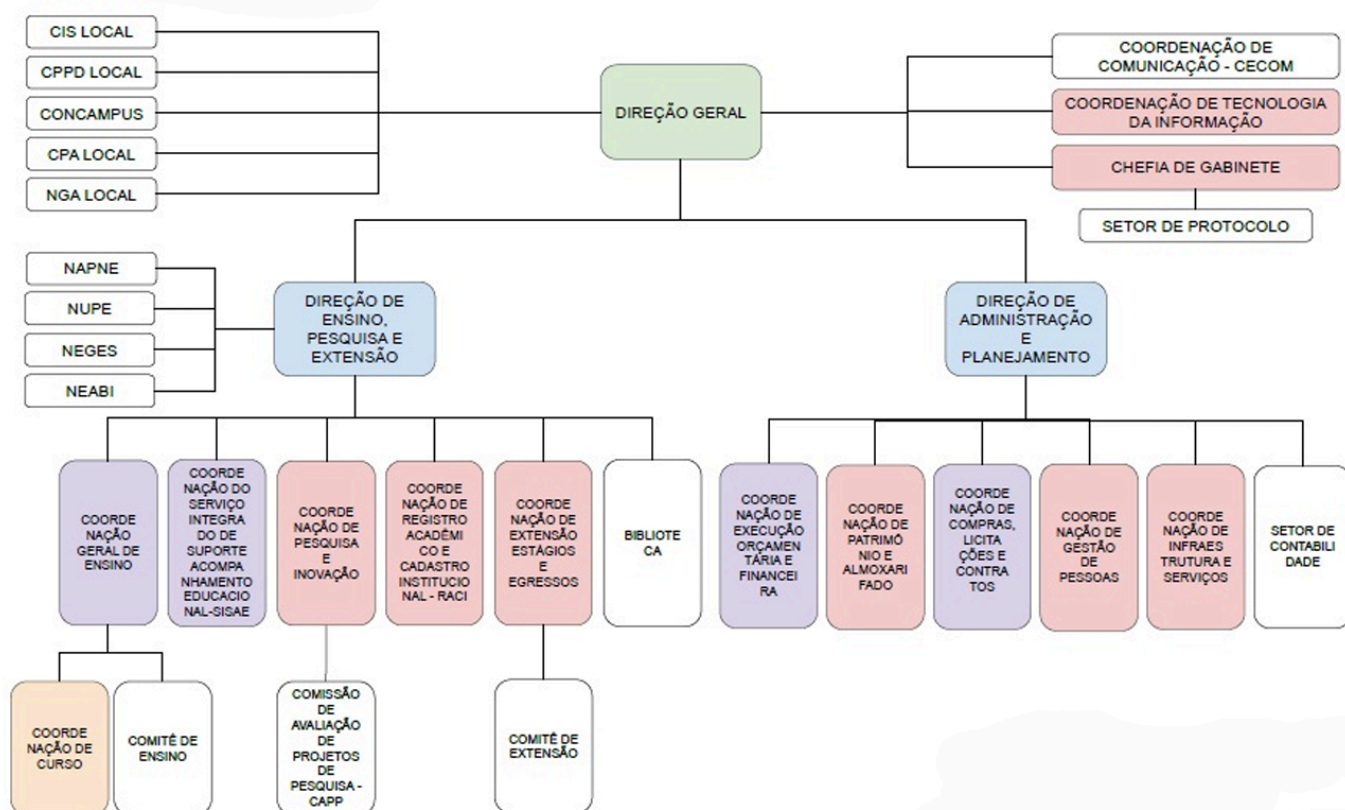
7. ÁREA EXTERNA DE CONVIVÊNCIA

8. ESTACIONAMENTO

REITORIA E DIRETORIAS

O Instituto Federal Catarinense (IFC) é uma instituição que valoriza a **gestão democrática** e a participação de todos na construção do ambiente escolar. Isso significa que as decisões importantes são tomadas em conjunto. A Reitoria, que coordena as atividades de todos os campi do IFC, cuida das questões acadêmicas, administrativas e financeiras, garantindo que tudo esteja alinhado às políticas da instituição. No **Campus Blumenau**, a Diretoria Geral é responsável por organizar e supervisionar as atividades do dia a dia. Já a Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão (DEPE) planeja e acompanha projetos ligados ao ensino e à prática, enquanto a Diretoria de Administração e Planejamento (DAP) gerencia o orçamento, os materiais e a infraestrutura. Tudo isso acontece de forma integrada, o que promove a **participação ativa da comunidade acadêmica**, incluindo os **estudantes** por meio de **conselhos** e do **Grêmio Estudantil**. Saber como a escola funciona ajuda a entender que ela é mais do que um lugar para estudar: é um espaço onde cada pessoa pode fazer a diferença.

Confira o organograma abaixo para entender melhor como a Reitoria e as Direções estão organizadas para o funcionamento do IFC Blumenau.



MAIS INFORMAÇÕES, ACESSE:

Regimento Geral do IFC: [Regimento](#)

Estatuto do IFC: [Estatuto](#)



INSTITUTO FEDERAL
CATARINENSE



[Voltar ao índice](#)

GRÊMIO ESTUDANTIL



Os **grêmios estudantis** são grupos formados por estudantes, reconhecidos por lei (Lei nº 7.398/1985, a “Lei do Grêmio Livre”), que têm o **objetivo** de **representar os interesses dos colegas** de escola. Eles **promovem atividades educacionais, culturais, esportivas e sociais**, além de serem espaços de participação política e fortalecimento da gestão democrática.

Por que o Grêmio é importante?

- Promove o protagonismo juvenil, permitindo que os estudantes vivenciem novas experiências e construam soluções para desafios reais.
- Representa a comunidade estudantil, dando voz às demandas e objetivos dos estudantes.

Quer saber mais sobre o Grêmio Estudantil do IFC Blumenau?
Entre em contato pelo e-mail: gremio.blumenau.ifc@gmail.com

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E SERVIDORES (APS)



A Associação de Pais e Servidores (APS) do IFC é uma entidade sem fins lucrativos que atua como uma **ponte entre a escola e as famílias dos estudantes**. Seu objetivo é **fortalecer a parceria entre a comunidade acadêmica e os responsáveis**, promovendo um ambiente acolhedor e colaborativo **onde todos se sintam parte ativa no IFC**. Com a APS, as famílias têm um **espaço para dialogar, participar de decisões** importantes e contribuir para iniciativas que fazem a diferença na experiência escolar. Além disso, a associação **organiza e apoia projetos, eventos e ações que promovem integração, apoio mútuo e desenvolvimento da comunidade escolar de forma democrática e transparente**.



O que é o Ensino Médio Integrado?

O Ensino Médio Integrado é uma modalidade de ensino que combina o ensino médio com um curso técnico profissionalizante em uma única formação, realizada na mesma instituição e com uma matrícula única. Esse formato permite que o estudante conclua o ensino médio enquanto adquire uma qualificação técnica, saindo com um diploma regular e uma formação profissional de nível médio (Brasil, 2004).

De acordo com o Decreto nº 5.154/04, a Educação Profissional Técnica de Nível Médio pode ser organizada em três formas: integrada, concomitante e subsequente. Na modalidade integrada, o estudante realiza as disciplinas do ensino médio junto com as do curso técnico, de forma integrada e contínua. No modelo concomitante, o ensino médio é feito em uma instituição e o curso técnico em outra, permitindo que o estudante complemente a formação geral com uma habilitação técnica. Já a modalidade subsequente destina-se àqueles que já concluíram o ensino médio e desejam uma especialização técnica posteriormente.

O EMI se baseia na ideia de uma formação integral, onde o trabalho é visto como o princípio educativo que conecta a teoria com a prática, incentivando o estudante a entender o mundo ao seu redor e a desenvolver um pensamento crítico e autônomo. Assim, a educação profissional não é meramente ensinar a fazer e preparar para o mercado de trabalho, mas é fortalecer o engajamento dos estudantes ao relacionar os conteúdos curriculares com suas experiências de vida e questões relevantes para a comunidade (Brasil, 2007; Pacheco, 2012; Maria, 2019).

Desse modo, a pesquisa é seu princípio pedagógico, ou seja, o incentivo à pesquisa como parte essencial do aprendizado. Aqui, a pesquisa não é apenas uma atividade para descobrir respostas prontas, mas um processo para despertar a curiosidade, explorar novos conhecimentos e questionar o mundo ao redor. Ela ajuda o estudante a ir além do conteúdo das aulas, motivando-o a investigar temas de interesse e a construir suas próprias respostas. A pesquisa faz com que os jovens desenvolvam um olhar crítico e investigativo sobre o que estudam, levando-os a conectar o aprendizado com sua realidade (Brasil, 2013; Matta, 2019).

Ao pesquisar, o estudante aprende a não aceitar informações de forma passiva. Ele é incentivado a observar, questionar e experimentar, habilidades fundamentais para entender e transformar a sociedade. Esse processo fortalece a capacidade de resolver problemas, interpretar informações e propor soluções – competências valiosas tanto para o ambiente de trabalho quanto para a vida cotidiana (Matta, 2019).

Outro ponto importante do Ensino Médio Integrado é o currículo integrado. Isso significa que as matérias não são ensinadas de forma isolada, mas se conectam e fazem sentido dentro da realidade dos estudantes. Assim, o conhecimento geral e o técnico se complementam, formando uma base sólida para que o estudante continue aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.

Em resumo, o Ensino Médio Integrado oferece uma formação completa e diferenciada, com conteúdos gerais e técnicos articulados. Essa modalidade prepara o jovem tanto para seguir estudando, se desejar, quanto para o mundo do trabalho, com uma visão crítica e criativa das demandas e oportunidades da sociedade atual.



[Voltar ao índice](#)



NOSSOS CURSOS

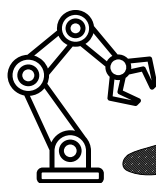
O IFC é uma instituição federal que oferece educação pública, gratuita e de qualidade para uma formação humana. Ele oferta cursos técnicos, graduações e pós-graduação. Confira a lista de cursos ofertados pelo IFC Campus Blumenau.

CURSOS TÉCNICOS

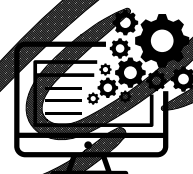
O IFC Blumenau oferece cursos técnicos voltados para diferentes públicos. Quem já concluiu o ensino fundamental pode optar pelos cursos no formato Integrado ou PROEJA, que combinam formação técnica com o ensino médio. Já para quem já terminou o ensino médio, está disponível o curso no formato Subsequente.



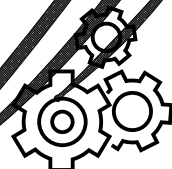
**Eletromecânica
(Integrado)**



**Mecatrônica
(Integrado)**



**Informática
(Integrado)**



**Mecânica Industrial
(Subsequente)**



**Eletricista Industrial
(EJA - EPT)**

Assista ao vídeo e acesse o site do IFC Campus Blumenau para saber mais detalhes sobre os cursos técnicos oferecidos e as oportunidades disponíveis.



[Blumenau IFC](https://www.ifc-blumenau.edu.br/)



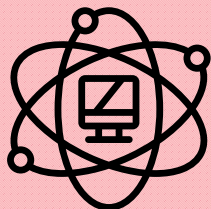
[Conhecendo o
IFC Blumenau](#)



[Voltar ao índice](#)

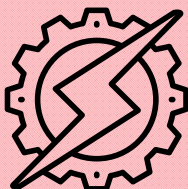
CURSOS DE GRADUAÇÃO

Para àqueles(as) que já concluíram o ensino médio.



Ciência da Computação
(Bacharelado)

Descubra mais sobre
Ciência da Computação!



Engenharia Elétrica
(Bacharelado)

Saiba tudo sobre
Engenharia Elétrica!



Pedagogia
(Licenciatura)

Explore o curso de
Pedagogia!

CURSO DE PÓS - GRADUAÇÃO

Ofertado a quem já concluiu a graduação e tem interesse em estudos mais avançados.



Mestrado Profissional em Educação Profissional e
Tecnológica
(ProfEPT)

Veja mais sobre o curso de pós-graduação em:

<https://profept.ifc.edu.br/>



Voltar ao índice

Conhecendo melhor os

CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS +



Os cursos técnicos integrados combinam o ensino médio com uma formação técnica, oferecendo aos estudantes não só o conhecimento tradicional, mas também habilidades práticas para o mundo do trabalho ou para continuar os estudos.

Se você já concluiu o ensino fundamental, essa é a oportunidade perfeita para dar o próximo passo e descobrir novas possibilidades no IFC Blumenau.

A seguir, vamos conhecer mais sobre os cursos ofertados.

Curso Técnico de Nível Médio Integrado em

ELETROMECAÂNICA

O curso técnico integrado em Eletromecânica do IFC está inserido no eixo tecnológico de Controle e Processos Industriais.

Ao longo do curso, o estudante desenvolverá habilidades para atuar nos setores elétrico, mecânico e metalúrgico; e aprenderá conteúdos técnicos essenciais, como manutenção e operação de equipamentos industriais, adquirindo competências práticas para enfrentar os desafios da indústria.

Quer saber mais sobre o curso? Então, acesse:

✉ eletromecanica.tec.blumenau@ifc.edu.br

🌐 [Eletromecânica Integrado](#)

O técnico em Eletromecânica é um profissional preparado para projetar, operar e realizar a manutenção de equipamentos e sistemas elétricos e mecânicos.

É responsável por atividades como:

- Desenvolvimento e manutenção de sistemas mecânicos e elétricos em indústrias;
- Processos de fabricação mecânica e metalúrgica;
- Instalações elétricas prediais e industriais;
- Operação de máquinas elétricas e automação industrial;
- Apoio em projetos de engenharia de sistemas térmicos, legais e sustentáveis.

Pode atuar em:

- Indústrias elétricas e mecânicas: Desenvolvimento, operação e manutenção de equipamentos e sistemas industriais.
- Manutenção predial e automotiva: Atividades relacionadas à manutenção e operação de sistemas elétricos e mecânicos.
- Projetos de engenharia: Apoio em projetos voltados à automação, sustentabilidade e desenvolvimento industrial.
- Setores de energia e sustentabilidade: Trabalhando com eficiência energética e tecnologias sustentáveis.
- Automação industrial: Atuação em processos de controle e automação.



Curso Técnico de Nível Médio Integrado em

INFORMÁTICA

O curso técnico integrado em Informática do IFCS está inserido no eixo tecnológico de Informação e Comunicação. Esse curso é ideal para quem gosta de computadores, desenvolvimento de sistemas e quer entender como as ferramentas tecnológicas podem transformar diferentes áreas da sociedade.

Durante o curso, o estudante aprenderá a criar e desenvolver soluções tecnológicas, incluindo aplicativos e softwares, utilizando ferramentas de programação e tecnologia da informação.

Para saber mais sobre o curso, acesse:

✉ informatica.tec.blumenau@ifc.edu.br

🌐 [Informática Integrado](#)

O técnico em Informática é um profissional que trabalha com tecnologia em diversas frentes, entre as principais atividades que ele pode realizar, estão:

- Desenvolver e implementar sistemas e aplicativos para resolver problemas e atender às necessidades de empresas e usuários.
- Realizar manutenção de hardware e software.
- Gerenciar bancos de dados e sistemas de informação para armazenar e processar informações de forma segura e acessível.
- Trabalhar em projetos que envolvem programação, design de interfaces e segurança da informação.

Pode atuar em diversas áreas e segmentos, como:

- Empresas de Tecnologia: Desenvolvimento de software, aplicativos e serviços digitais.
- Indústria e Comércio: Automação de processos, suporte técnico e administração de sistemas.
- Startups e Empreendedorismo: Criação de soluções tecnológicas inovadoras e desenvolvimento de negócios próprios.
- Freelancer: Prestação de serviços em desenvolvimento de sites, aplicativos, manutenção e suporte técnico.



Curso Técnico de Nível Médio Integrado em

MECATRÔNICA

O curso técnico integrado em Mecatrônica do IFC, vinculado ao eixo tecnológico de Controle e Processos Industriais, oferece uma formação completa para quem deseja atuar na área de automação, robótica e integração entre sistemas mecânicos, eletrônicos e computacionais. Ideal para quem se interessa por tecnologia avançada.

Ficou interessado em saber mais? Então, acesse:

✉ mecatronica@tec.blumenau@ifc.edu.br  [Mecatrônica Integrado](#)

Um técnico em Mecatrônica atua em diversas áreas relacionadas à integração de sistemas mecânicos, eletrônicos e computacionais. Suas principais atividades incluem:

- Projetar, instalar e operar equipamentos automatizados e robotizados.
- Realizar programação, parametrização, medições e testes de sistemas automatizados.
- Interpretar esquemas de montagem e desenhos técnicos.
- Executar montagem, manutenção e integração de equipamentos mecânicos e eletrônicos.
- Implementar procedimentos de controle de qualidade e gestão em processos industriais.

Esse profissional pode trabalhar em:

- Indústrias de Automação e Robótica: Desenvolvendo e operando sistemas automatizados.
- Manutenção Industrial: Realizando manutenção e ajustes em equipamentos de alta tecnologia.
- Engenharia de Controle e Automação: Colaborando com projetos de desenvolvimento tecnológico.
- Setores Sustentáveis: Implementando soluções que promovam eficiência energética e inovação.
- Pesquisa e Desenvolvimento: Contribuindo para a criação de novos equipamentos e tecnologias.



DICA!

Se você tem **curiosidade** sobre os **cursos técnicos integrados** ao ensino médio, como Eletromecânica, Informática ou Mecatrônica, aqui vai uma sugestão:

Pesquise vídeos na internet! Você pode encontrar apresentações feitas por estudantes e professores de Institutos Federais, análises de canais especializados em guias de profissões, além de depoimentos reais de estudantes que já vivenciaram essa experiência.

Explorar esses materiais pode ajudar você a entender mais sobre as áreas, as oportunidades e o dia a dia dos cursos.

VOCÊ SABIA?

O IFC Campus Blumenau propõe a verticalização do ensino!

Mas o que isso significa?

A verticalização é a **possibilidade de cursar diferentes níveis de formação dentro da mesma instituição**. Isso significa que, no IFC, você pode começar sua jornada no ensino médio integrado e, ao concluir, continuar os seus estudos em cursos de graduação oferecidos no próprio campus. É um caminho completo e integrado para o seu futuro acadêmico e profissional!



REGISTRO ESCOLAR E ACADÊMICO

O Instituto Federal Catarinense (IFC) adota a **Organização Didática dos Cursos** como base para regular questões como médias, frequência, estudos de recuperação e segunda chamada. As informações detalhadas estão disponíveis no Manual de Registro Escolar e Acadêmico. O texto a seguir responde às principais dúvidas sobre essas normas.

POSSO JUSTIFICAR FALTAS?

Sim, em situações específicas, como:

- Doenças (com apresentação de atestado médico);
- Participação em atividades acadêmicas ou oficiais;
- Regime de Exercício Domiciliar (conforme o regulamento).

Certifique-se de apresentar a documentação necessária no prazo estipulado.

Lembrando que o estudante deve **possuir o mínimo de 75% de frequência** às aulas e atividades realizadas de forma presencial.

QUAL É A MÉDIA PARA SER APROVADO?

A média mínima para aprovação é **6,0** (seis) em cada componente curricular. Além disso, é necessário atingir uma frequência de, no mínimo, **75% da carga horária** total de cada disciplina. Fique atento às faltas para não comprometer sua aprovação!

O QUE É REAVALIAÇÃO?

A reavaliação é uma nova oportunidade de avaliação oferecida aos estudantes que não alcançaram a média ou participaram dos estudos de recuperação. Nos cursos técnicos integrados, ela ocorre obrigatoriamente durante o período letivo.

O QUE SÃO ESTUDOS DE RECUPERAÇÃO?

Os estudos de recuperação são organizados para ajudar estudantes com dificuldades ou que desejam aprimorar sua aprendizagem. Existem três formas principais de estudos de recuperação:

1. **Paralela:** realizada fora do horário de aula regular.
2. **Incorporada integralmente:** feita durante as aulas regulares.
3. **Incorporada parcialmente:** parte durante as aulas, parte em horários extraclasse.

Estudantes com notas abaixo de **6,0** têm prioridade nesses estudos. Todos os alunos têm direito de participar, respeitando o regulamento.

REGISTRO ESCOLAR E ACADÊMICO

COMO ACESSAR O SIGAA?

O Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (**SIGAA**) é a plataforma para acompanhar sua vida acadêmica. Com ele, você pode:

- Consultar notas, histórico e frequência;
- Emitir declarações;
- Acessar serviços da biblioteca;
- Verificar oportunidades de bolsas.

Para acessar, use o link: [SIGAA IFC](#).

Caso tenha dúvidas, confira o [manual do SIGAA](#).

POSSO PEDIR REVISÃO DE NOTA?

Sim. Você pode solicitar a revisão de qualquer nota, desde que:

- O pedido seja fundamentado e realizado em até 3 dias úteis após a divulgação da nota.
- A revisão será realizada por uma comissão formada por três membros indicados pela Coordenação de Curso.

Importante: Não cabe recurso após a decisão da comissão.

COMO FUNCIONA A SEGUNDA CHAMADA?

Se você perder uma prova, pode solicitar a segunda chamada, seguindo estas orientações:

- Protocole o pedido na RACI em até **3 dias úteis** após o motivo da ausência.
- Apresente documentos que comprovem o impedimento, como atestados médicos ou declarações oficiais.
- A RACI analisará o pedido e, caso deferido, encaminhará ao professor para agendamento.

O QUE É REPROVAÇÃO?

A reprovação, ou retenção, ocorre quando o estudante **não alcança a média anual mínima (6,0) ou a frequência mínima (75%)**. Nesse caso, o estudante fica retido naquela série, ou seja, vai ter que repeti-la no ano seguinte.

Em alguns casos, o Conselho de Classe pode avaliar a situação antes de decidir sobre a promoção ou não do estudante.

SERVIÇOS DE APOIO AO ESTUDANTE

⦿ SISA E

O **Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional (SISAE)** é um parceiro importante para os estudantes, promovendo ações que fortalecem o processo de ensino e aprendizagem e auxiliam na superação de desafios educacionais.

Além disso, o SISAE desempenha um papel ativo na promoção da inclusão e da diversidade, garantindo um ambiente acolhedor e respeitoso para todos(as). Ele oferece suporte em diversas áreas para ajudar você. Conheça os serviços disponíveis:

Psicologia Educacional

Se você sente ansiedade, insegurança, tristeza ou algo que atrapalha seus estudos e bem-estar, o Serviço de Psicologia está aqui para:

- Acolher suas preocupações e oferecer orientações.
- Fortalecer sua saúde emocional para lidar com os desafios do dia a dia.
- Prevenir situações que afetem seu bem-estar.

Atendimento Pedagógico

Precisa de ajuda com organização ou estudos? O atendimento pedagógico apoia você com:

- Planejamento e organização da rotina.
- Gestão do tempo.
- Estratégias para entender conteúdos difíceis.

SISAE

Atendimento Social

Para quem enfrenta dificuldades financeiras ou sociais, este serviço oferece:

- Auxílios estudantis, como bolsas e suporte financeiro.
- Apoio personalizado para superar barreiras e promover a equidade.

Atendimento Educacional Especializado (AEE)
Oferece suporte a estudantes com deficiência e/ou necessidades específicas, promovendo inclusão e equidade por meio de atividades e recursos pedagógicos e de acessibilidade. O objetivo é complementar a formação e garantir a participação nas práticas pedagógicas.

Contato: aee.blumenau@ifc.edu.br

Resolução: [acesse aqui](#)

Quer saber mais ou agendar atendimento?

☎ (47) 3702-1702

✉ sisaeatende.blumenau@ifc.edu.br

🌐 sisae.blumenau.ifc.edu.br



PROGRAMA SOCIOASSISTENCIAL ESTUDANTIL DO IFC

O Programa Socioassistencial Estudantil do IFC oferece apoio a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, contribuindo para sua permanência e sucesso acadêmico.

Os auxílios são divididos em dois tipos:

- **Benefício Básico:** Apoio financeiro ou material para garantir condições mínimas de acesso e permanência na instituição.
- **Benefício Complementar:** Apoio adicional para estudantes que, mesmo com o benefício básico, enfrentam dificuldades sociais.

PAE (Programa de Auxílios Estudantis)

Oferece apoio financeiro para ajudar estudantes em situação de vulnerabilidade a atender suas necessidades básicas e específicas. O objetivo é garantir a permanência nos estudos e contribuir para a inclusão social.

O programa disponibiliza três tipos de auxílio financeiro: **Auxílio-Moradia, Auxílio-Permanência I e Auxílio-Permanência II.**

Saiba mais: <https://descomplicapae.com/>

Auxílio Alimentação

Subsídio para estudantes do Ensino Médio Integrado, utilizado no refeitório do campus nos dias letivos, para atender às necessidades nutricionais.

Saiba mais: [Auxílio Alimentação IFC](#)

Auxílio de Tecnologia Assistiva

Apoio financeiro para aquisição de recursos que atendam estudantes com deficiência, garantindo equidade no processo de ensino e aprendizagem.

Saiba mais: [Auxílio Tecnologia Assistiva IFC](#)

Auxílio para Participação em Eventos e Visitas Técnicas

Incentivo financeiro para participar de eventos acadêmicos, culturais, esportivos ou visitas técnicas que ampliem o aprendizado.

Saiba mais: [Auxílio Eventos IFC](#)

Auxílio para Participação no JIFC

Incentivo para estudantes participarem dos Jogos Internos do Instituto Federal Catarinense.

Saiba mais: [Auxílio JIFC](#)

Para ter acesso aos benefícios, o estudante deve preencher todas as exigências conforme os critérios estabelecidos em edital específico. Fique atento às notícias e editais divulgados nos meios de comunicação oficiais do IFC (informes nos murais do Campus, site e redes sociais)



Voltar ao índice

O Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE)

O NAPNE promove inclusão no IFC, oferecendo suporte a estudantes e servidores com deficiência, altas habilidades ou transtornos do desenvolvimento.

Serviços ofertados:

- Intérprete de Libras.
- Adaptação de materiais didáticos.
- Cursos e atividades voltadas à inclusão e sensibilização.

O núcleo busca garantir um ambiente inclusivo para aprender, ensinar e conviver.

Contato: (47) 3702-1706

✉ napne.blumenau@ifc.edu.br

🌐 Site: NAPNE-IFCBlumenau

Núcleo de Gestão Ambiental (NGA)

O NGA do IFC promove a sustentabilidade socioambiental e busca garantir o cumprimento da legislação ambiental. Criado em 2013, o núcleo formula e implementa a Política Ambiental da instituição por meio de projetos, ações sustentáveis e processos administrativos.

🌐 Saiba mais: NGA-IFCBlumenau

NÚCLEOS:

espaços dedicados a promover ações que fortalecem a inclusão, diversidade, sustentabilidade e o desenvolvimento integral da comunidade acadêmica do IFC Campus Blumenau.

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI)

O NEABI do IFC trabalha para promover a inclusão e combater o racismo e a xenofobia, seguindo as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que incluem a história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos escolares.

Objetivos do NEABI:

- Garantir o cumprimento das legislações sobre questões étnico-raciais.
- Promover ações inclusivas e combater discriminações institucionais.
- Fomentar o debate sobre a valorização de culturas afro-brasileiras e indígenas.

O NEABI busca ampliar iniciativas e propor novas estratégias de inserção e igualdade, em parceria com a comunidade escolar.

🌐 Saiba mais: NEABI-IFCBlumenau

Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade (NEGES)

O NEGES é um espaço do IFC dedicado ao estudo e promoção de ações sobre gênero, identidade de gênero e sexualidades, com base na Política de Inclusão e Diversidade (Resolução nº 33/2019).

Objetivos do núcleo:

- Promover inclusão, diversidade e direitos humanos.
- Combater preconceito e discriminação.
- Incentivar o debate sobre gênero e sexualidade no IFC e na comunidade.

✉ Contato: neges.blumenau@ifc.edu.br

🌐 Site: NEGES-IFCBlumenau

ESTÁGIO, PESQUISA E EXTENSÃO



O **estágio curricular** é uma oportunidade para o estudante se **preparar para o mundo do trabalho, desenvolvendo competências profissionais e conectando os conhecimentos aprendidos em sala de aula com as práticas do mercado**. Ele contribui para a **formação cidadã e profissional**, ajudando os estudantes a se desenvolverem para o trabalho produtivo e para a vida.

Nos cursos de **Ensino Médio Integrado do IFC Blumenau**, o **estágio curricular não é obrigatório**. Isso significa que ele é **opcional**, ficando a critério do estudante realizar ou não essa atividade.

Quer saber mais?

Para informações sobre estágios no IFC Blumenau, acesse:

<https://estagio.blumenau.ifc.edu.br/>

Entre em contato pelo e-mail: estagio.extensao.blumenau@ifc.edu.br

A **pesquisa** no Instituto Federal Catarinense (IFC) é uma atividade essencial, integrando ensino e extensão. Ela visa à **produção científica, tecnológica e cultural** em diversas áreas do conhecimento, promovendo resultados que beneficiam a comunidade acadêmica e a sociedade. Anualmente, o IFC Blumenau desenvolve **diversos projetos de pesquisa**, oferecendo aos estudantes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada a oportunidade de participar do **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (IC-Jr)**.

Como funciona o programa?

O programa oferece bolsas de **Iniciação Científica Júnior (IC-Jr)**, com cotas distribuídas para alunos do ensino médio do IFC. Para conquistar uma bolsa, os estudantes devem:

- Entrar em contato com um servidor do IFC que possa atuar como **orientador**;
- O professor orientador submete um projeto de pesquisa através dos **editais específicos**;
- O aluno, junto com seu orientador, desenvolve o projeto durante o **período de 12 meses**, dedicando-se à pesquisa **sem possuir vínculo empregatício**.

Bolsas Internas

Além das bolsas IC-Jr, o IFC Blumenau oferece, conforme disponibilidade financeira, **bolsas** internas com carga horária de **8 horas semanais** para estudantes do ensino médio integrado.

Quer saber mais?

Para mais informações sobre os projetos de pesquisa e como participar, acesse:

<https://pesquisa.blumenau.ifc.edu.br/2024/04/09/sobre-a-pesquisa/>

Ou entre em contato pelo e-mail: pesquisa.blumenau@ifc.edu.br

A pesquisa no IFC é um caminho para o conhecimento e a inovação. Venha fazer parte desse movimento!



[Voltar ao índice](#)

A **extensão** no Instituto Federal Catarinense (IFC) Blumenau é um **processo educativo, cultural, social, científico e tecnológico** que promove a interação entre a instituição, a sociedade e o mundo do trabalho. Com foco na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos, as ações de extensão **visam contribuir para o desenvolvimento socioeconômico sustentável em nível local e regional.**

O que é Extensão?

As **atividades** de extensão **são dinâmicas** e visam **promover transformações** não apenas na **comunidade interna do IFC**, mas também **nos diferentes segmentos sociais** com os quais interagem. Elas incluem:

- **Programas e Projetos;**
- **Eventos e Oficinas;**
- **Cursos;**
- **Prestação de serviços à comunidade.**

Quem pode participar?

As ações de extensão envolvem a participação de professores, técnicos administrativos e estudantes do IFC, além da sociedade civil, instituições governamentais e o setor produtivo. Para que os estudantes possam participar, é necessário:

- **Estar matriculado** regularmente;
- **Ter frequência mínima de 75% das aulas;**
- **Possuir disponibilidade de carga horária** para atuar nas atividades propostas.

No IFC, a extensão conecta conhecimento e prática, transformando realidades e construindo o futuro!



DICAS PARA MELHORAR A APRENDIZAGEM

Aprender pode ser desafiador, é normal se sentir meio perdido ou desanimado em alguns momentos, mas isso não precisa te impedir de seguir em frente. Aqui, vamos compartilhar algumas **dicas simples e práticas** que podem te ajudar no dia a dia.

Com **algumas mudanças** no jeito de estudar, **você pode aprender mais fácil e se sentir mais confiante no que faz.**

1. Crie uma rotina de estudos

Estudar regularmente ajuda a transformar essa atividade em algo natural. **Quando você planeja seu dia, reduz a ansiedade e a pressão**, porque já sabe que terá um momento reservado para cada tarefa. **Isso traz mais tranquilidade e organização para sua vida.**

2. Adote um cronograma semanal

Organize suas atividades diárias, incluindo tempos de estudo. Use ferramentas como agendas, planners ou aplicativos para planejar sua semana. Comece com compromissos fixos, distribua as matérias ao longo dos dias e reserve tempo para descanso e imprevistos. **Seja flexível:** ajuste o cronograma se algo não funcionar de imediato.

3. Controle o tempo de estudo

Estude cerca de **2 horas por dia**, com intervalos curtos de 15 a 30 minutos. Experimente técnicas como a Pomodoro, que divide o tempo em blocos de 25 minutos de foco seguidos por 5 minutos de descanso. Isso mantém sua mente ativa e evita o cansaço.

4. Escolha um bom lugar para estudar

Prefira um **ambiente tranquilo, organizado e bem iluminado**. Menos bagunça significa menos distração.

5. Evite distrações

Silencie o celular ou use aplicativos que bloqueiam redes sociais enquanto estuda. Avise sua família que você precisa de um tempo sem interrupções.

6. Organize seus materiais antes de começar

Tenha tudo o que precisa à mão: livros, cadernos, canetas, marcadores. Isso evita que você interrompa os estudos para buscar algo.

7. Estabeleça metas para cada sessão de estudo

Defina **objetivos claros**, como terminar um capítulo ou resolver exercícios específicos. Isso te mantém focado e dá um senso de progresso.

8. Anote e revise

Fazer resumos, esquemas e mapas mentais ajuda a fixar o conteúdo. **Revisar regularmente evita o acúmulo de matérias e facilita na hora das provas.** Tente ensinar o que aprendeu para outra pessoa; é uma ótima maneira de revisar.

9. Evite a procrastinação

A procrastinação pode parecer tentadora, mas ela só aumenta a ansiedade. Comece aos poucos, focando em uma tarefa de cada vez. Dê o primeiro passo, mesmo que pequeno – **o importante é começar!**

10. Entenda que ninguém é perfeito

Erros fazem parte do aprendizado, e buscar a perfeição só gera frustração. Aceite que você está aprendendo e que melhorar aos poucos é um grande progresso.

11. Cuide de você mesmo

Uma mente descansada aprende melhor. Durma bem, alimente-se de forma saudável, beba água e tire um tempo para se divertir.

Sua saúde física e mental são fundamentais para um bom rendimento.

Quer saber mais sobre como se organizar para estudar? Acesse os links ao lado:

- **Guia de Estudos do COTEP - IFBA**

Aborda estratégias práticas de organização e técnicas de estudo específicas.

Acesse [aqui](#).

- **Manual Celestial de Técnicas de Estudo Baseadas na Neuropsicologia**

Apresenta estratégias baseadas no funcionamento do cérebro para potencializar o aprendizado.

Disponível [aqui](#).

- **Vídeo: "Como Estudar Melhor"**

Um conteúdo rápido e prático com dicas importantes sobre estudar.

Assista [aqui](#).

- **UseMobile – Apps para Estudar**

Uma lista com aplicativos para ajudar na organização de estudos, revisar matérias e até aprender algo novo.

Veja [aqui](#).

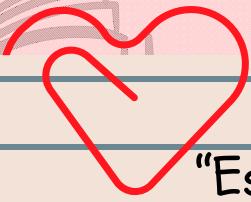
RECADO DE OUTROS ESTUDANTES

Ao longo deste trabalho, alguns **estudantes** do ensino médio integrado compartilharam mensagens sobre **o que significa viver essa experiência que é SER ESTUDANTE DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**. Cada trajetória é única, mas há algo muito especial em perceber que, mesmo com desafios e conquistas diferentes, **muitos sentimentos e aprendizados se conectam**. Ler os relatos de quem enfrenta situações parecidas com as suas é um lembrete de que **você não está sozinho(a) nessa jornada**. Deixe-se inspirar pelas palavras deles, **sinta-se acolhido(a) e parte desta grande comunidade!**

"Ter uma educação de qualidade e profissionalizante além de participar de diferentes atividades. (E16)"

"Ser um estudante do ensino médio integrado é uma oportunidade de ouro.(E15)"

"UMA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL E COLETIVA MUITO DIFERENTE, SOMOS COMO UMA FAMÍLIA, UM GRUPO QUE VIVEU COISAS PARECIDAS, MAS SENTIU COISAS DIFERENTES, AO MESMO TEMPO É CANSATIVO E VALE A PENA. (E20)"



"Esforçado, cansado, feliz e orgulhoso. A melhor sensação é dizer a alguém que você estuda no IF. (E26)"

• "Uma montanha russa de desafios e sentimentos, mas que no fim dá um sentimento de orgulho de si mesmo por ter conseguido. (E21)"

"É incrível, apesar de ser cansativo. (E19)"

"Um privilégio e novas experiências. (E31)"



[Voltar ao índice](#)

Créditos e Referências

CRÉDITOS

Autores

Gabriela Boemer Amaral Moretto
Viviane Grimm

Imagens

freepik.com
<https://ifc.edu.br/>
<https://blumenau.ifc.edu.br/>

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p. 61-80, maio/ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2015v52n38ID7956>

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 30 dez. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 20 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília, DF: MEC, SEB, DICEI, 2013. 542 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 26 nov. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 39/2004, de 8 de dezembro de 2004. Aplicação do Decreto nº 5.154/2004 na Educação Profissional Técnica de nível médio e no Ensino Médio. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 9 dez. 2004. Disponível em: <https://normativas.conselho.org.br/normativa/view/CEB-7-0039-04>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio: documento base. Brasília, DF: MEC/SETEC, 2007. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/educacaotecnica.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 7.398, de 5 de novembro de 1985. Dispõe sobre a organização de entidades estudantis representativas dos estudantes de 1º e 2º graus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 6 nov. 1985. Disponível em: <https://www.ufrj.br/gremios/leis/dogremio/leis/#:~:text=A%20Lei%20de%20G%C3%AAmio%20Livre%2C%20de%20autoria%20do,Ela%20garante%20a%20livre%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20estudantes%20secundaristas>. Acesso em: 27 nov. 2024.

CICHACZEWSKI, João Carlos. **Uma história a ser feita:** os sentidos da formação profissional nos IFs. Blumenau: Editora IFC, 2021.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. **Organização Didática dos Cursos do IFC.** Resolução nº 10/2021 – CONSUPER. Blumenau: IFC, 2021. Disponível em: <https://ensino.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/37/2022/12/Organizacao-Didatica-dos-Cursos-do-IFC.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. (s.d.). História do Campus. Disponível em: <https://blumenua.ifc.edu.br/historia-do-campus/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE. (s.d.). Registro Acadêmico. Disponível em: <https://registroacademico.ifc.edu.br/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

MATTA, Felipe Oliveira Spinetti de Santa Rita. **Educação Popular e Estado no Brasil:** análise do Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas. 2019. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/18486/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Felippe%20Oliveira%20Spinetti%20de%20Santa%20Rita%20Matta%20-%202019%20-%20Completo.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

ACOLHE IFC:

um guia para você!

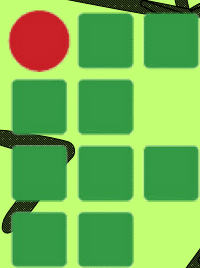
Acesse sempre que precisar:

SCAN ME



Obrigado por caminhar conosco.

Desejamos a você uma trajetória de sucesso
no Ensino Médio Integrado!



**INSTITUTO
FEDERAL**
Catarinense

PRÓFEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): ENTREVISTA SISAE

Prezado(a) Servidor(a) Técnico - administrativo em Educação;

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES DO IFC CAMPUS BLUMENAU”, desenvolvida por Gabriela Boemer Amaral Moretto, discente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) – Pólo Blumenau, do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau. A pesquisa está inserida na linha de pesquisa “Práticas Educativas em EPT”, no Macroprojeto 3 – “Práticas Educativas no Currículo Integrado” com orientação da Professora Dra. Viviane Grimm e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do IFC (CEPSH).

A pesquisa tem como objetivo investigar as contribuições das práticas de mediação pedagógica na afiliação estudantil de estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau. Apresenta como intencionalidade a elaboração de um produto educacional a partir de um projeto de ensino composto por grupos focais para o acolhimento e apoio dos ingressantes no ingresso no EMI, orientando-os quanto a inserção e a adaptação eficaz à instituição, a transição do modelo de ensino fundamental para o médio, o processo de afiliação estudantil, a organização e o planejamento pedagógico do estudo, a importância do diálogo com seus pares e docentes, das expectativas e perspectivas quanto o percurso formativo e outros. A razão que nos impulsiona a conduzir esta pesquisa deriva da escassez de estudos dedicados à transição da etapa do ensino fundamental para o ensino médio integrado (EMI), bem como ao processo de afiliação estudantil nesse contexto educacional. Por conseguinte, ressaltamos que os adolescentes enfrentam uma significativa mudança no âmbito escolar durante a juventude, que envolve tanto a adaptação à nova instituição de ensino quanto o (re)significar de ser estudante.

Você foi selecionado(a) por ser membro da equipe técnica do Serviço Integrado de Suporte e Acompanhamento Educacional (Sisae). Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista semiestruturada a ser aplicada de modo presencial.

A entrevista terá como base um roteiro elaborado para fins de mapeamento das práticas de mediação pedagógica desenvolvidas pelo Sisae no Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau. Caso concorde em fazer parte desta pesquisa, sua participação consistirá em responder algumas perguntas à pesquisadora do projeto, a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado. A entrevista será realizada, por meio de agendamento prévio, de forma presencial (nas dependências do IFC Campus Blumenau), tendo duração aproximada de uma hora. Todas as entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivo digital, qual seja, um HD externo pertencente à pesquisadora, sendo acessado exclusivamente pela pesquisadora e sua orientadora. O material será armazenado no arquivo digital pelo tempo máximo de 5 anos, sendo completamente destruído após o término deste período.

Qualquer dado que possa identificá-lo(a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro, garantindo assim a confidencialidade e privacidade das informações por você prestadas. Sua participação é voluntária e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, de modo que sua colaboração não incluirá qualquer ônus ou retribuição financeira, tendo resguardado seu direito em não responder qualquer questão da entrevista, sem

necessidade de justificativa ou explicação para tal, de maneira que isso não configura um impeditivo para seguir respondendo a entrevista. Além do que, você pode abandonar o grupo a qualquer momento, sem prejuízos acadêmicos ou financeiros e sem apresentar qualquer justificativa, sendo necessária apenas a comunicação da desistência à pesquisadora. A qualquer tempo, você poderá solicitar à pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre o estudo, o que poderá ser feito por meio dos endereços de contato explicitados neste Termo.

Considerando sua participação na entrevista esta pesquisa conta com alguns possíveis riscos, quais sejam: invasão de privacidade; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; se sentir constrangido em responder a questões sensíveis; cansaço ou aborrecimento ao responder as perguntas da entrevista; tomar o tempo do sujeito ao responder a entrevista; desconforto, sentimento de coação, constrangimento ou alterações de comportamento ao realizar a gravação de áudio ou áudio e vídeo; alterações de visão de mundo em razão de reflexões acerca de seu papel profissional; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional.

Na tentativa de diminuir as chances desses riscos, serão tomadas as seguintes providências: buscarei minimizar desconfortos, garantindo liberdade para não responder questões constrangedoras; estarei atenta como pesquisadora aos sinais verbais e não verbais de desconforto e incômodo, respeitando sua dignidade e sua liberdade; e seguridade de acesso aos resultados individuais e coletivos. Será assegurado a confidencialidade e a privacidade, a não estigmatização, a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio econômico e/ou financeiro, como também a manutenção do sigilo dos participantes. Serão tomadas todas as providências para a manutenção do sigilo e, caso mesmo assim ocorra a quebra involuntária e não intencional da confidencialidade, as consequências serão tratadas nos termos da lei. A pesquisadora se compromete a adotar, em todas as etapas da pesquisa, os cuidados necessários para mitigar os riscos acima elencados, em conformidade com os termos da Resolução CNS510/2016 e com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do IFC (CEPSH-IFC).

A legislação brasileira não permite que o participante tenha qualquer compensação financeira pela participação em uma pesquisa, entretanto, você será ressarcido caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer. De maneira que, caso tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência desta pesquisa, você também poderá solicitar indenização, em conformidade com a legislação vigente.

Os benefícios da pesquisa se manifestam de maneira indireta para os participantes e direta para a comunidade estudantil. Indiretamente, a pesquisa propõe uma reflexão sobre a própria prática profissional dos servidores públicos; o reconhecimento dos desafios e das limitações institucionais, podendo os servidores públicos agirem sobre ela adotando novas perspectivas em relação ao trabalho pedagógico.

No que se refere aos benefícios diretos, a pesquisa permite uma compreensão mais aprofundada das tensões e dilemas enfrentados pelos estudantes que ingressam no ensino médio integrado, bem como da concepção de afiliação estudantil. Além desses aspectos, os resultados da pesquisa podem contribuir para que a instituição promova discussões e dê continuidade a projetos e iniciativas relacionadas à temática.

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em eventos e/ou revistas científicas, por meio de artigos científicos, contemplando apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, formação ou qualquer outra informação relacionada à sua privacidade.

Em concordância com a sua participação nesta pesquisa, as pesquisadoras entrarão em contato com você para agendar uma data e horário para a entrevista. Informamos ainda que você receberá por e-mail uma via, de igual teor deste documento,

que será rubricada em todas as páginas por ambos ou assinada em via digital. É importante que você guarde uma cópia desse documento com cuidado, pois ele contém informações de contato importantes e assegura seus direitos como participante da pesquisa.

Fique ciente de que você terá acesso a todas as informações necessárias sobre esta pesquisa e que está livre para decidir participar ou recusar a participação a qualquer tempo. Mesmo que você tenha inicialmente concordado em participar, têm o direito de mudar de ideia ou interromper sua participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária, e não haverá penalidades nem mudanças em sua forma de atendimento caso opte por não participar. Nessa situação, a pesquisadora enviará por e-mail a resposta de ciência do interesse em deixar de participar da pesquisa e será retirado o seu consentimento.

Em nenhum momento da pesquisa seu nome será divulgado pela pesquisadora e os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os resultados da pesquisa darão origem a uma dissertação e a um produto educacional que será apresentado no programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – Mestrado Profissional (ProfEPT), do Instituto Federal Catarinense como requisito para conclusão e ficarão à disposição da Instituição.

Ressalto que sua participação é de suma importância para o andamento deste estudo e gostaria de poder contar com a sua valorosa colaboração.

Esclarecemos que a instituição em que atua está ciente da pesquisa, tendo autorizado sua realização, e este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal Catarinense (IFC). O Comitê tem por objetivo assegurar os interesses dos sujeitos participantes de pesquisas científicas, em sua integridade e dignidade. Caso persistam dúvidas, sugestões e/ou denúncias após os esclarecimentos dados pela equipe científica desta pesquisa, o Comitê estará disponível para atendê-lo. O CEPSH do IFC está localizado no IFC-Campus Camboriú, atendendo pelo telefone (47) 2104- 0882 e endereço eletrônico cepsh@ifc.edu.br.

Desde já agradecemos sua participação.

Pesquisadora Responsável:

Gabriela Boemer Amaral Moretto

Fone: (47) 99661-0923

E-mail: gabriela.bamoretto@gmail.com

Orientadora Responsável:

Profª Drª Viviane Grimm

E-mail: viviane.grimm@ifc.edu.br

Instituto Federal Catarinense – IFC Campus Blumenau - CEP: 89070-270

Fone: (47) 37021700

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2558624064834423>

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com:

Comitê de Ética em Pesquisa CEPSH Instituto Federal Catarinense - IFC

Fone: (47) 2104-0882

E-mail: cepsh@ifc.edu.br

Consentimento após esclarecimento

Eu li o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido(a). A explicação que recebi esclarece os riscos e os benefícios da pesquisa. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem que seja necessário justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e que não receberei dinheiro para participar do estudo. Diante do exposto, declaro que concordo em participar da pesquisa "A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES DO IFC *CAMPUS* BLUMENAU" e que receberei uma via desse documento assinado.

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): ENTREVISTA COORDENAÇÃO

Prezado(a) Coordenador de Curso;

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES DO IFC CAMPUS BLUMENAU”, desenvolvida por Gabriela Boemer Amaral Moretto, discente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT) – Pólo Blumenau, do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau. A pesquisa está inserida na linha de pesquisa “Práticas Educativas em EPT”, no Macroprojeto 3 – “Práticas Educativas no Currículo Integrado” com orientação da Professora Dra. Viviane Grimm e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos do IFC (CEPSH).

A pesquisa tem como objetivo investigar as contribuições das práticas de mediação pedagógica na afiliação estudantil de estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau. Apresenta como intencionalidade a elaboração de um produto educacional a partir de um projeto de ensino composto por grupos focais para o acolhimento e apoio dos ingressantes no ingresso no EMI, orientando-os quanto a inserção e a adaptação eficaz à instituição, a transição do modelo de ensino fundamental para o médio, o processo de afiliação estudantil, a organização e o planejamento pedagógico do estudo, a importância do diálogo com seus pares e docentes, das expectativas e perspectivas quanto o percurso formativo e outros. A razão que nos impulsiona a conduzir esta pesquisa deriva da escassez de estudos dedicados à transição da etapa do ensino fundamental para o ensino médio integrado (EMI), bem como ao processo de afiliação estudantil nesse contexto educacional. Por conseguinte, ressaltamos que os adolescentes enfrentam uma significativa mudança no âmbito escolar durante a juventude, que envolve tanto a adaptação à nova instituição de ensino quanto o (re)significar de ser estudante.

Você foi selecionado(a) por coordenar as atividades de ensino do curso. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista semiestruturada a ser aplicada de modo presencial.

A entrevista terá como base um roteiro elaborado para fins de identificar as dificuldades no processo de transição escolar entre o ensino fundamental e o ensino médio integrado apontados pelos estudantes e mapear práticas educativas de apoio pedagógico ofertadas aos ingressantes. Caso concorde em fazer parte desta pesquisa, sua participação consistirá em responder algumas perguntas à pesquisadora do projeto, a partir de um roteiro de entrevista semiestruturado. A entrevista será realizada, por meio de agendamento prévio, de forma presencial (nas dependências do IFC *Campus* Blumenau), tendo duração aproximada de uma hora. Todas as entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivo digital, qual seja, um HD externo pertencente à pesquisadora, sendo acessado exclusivamente pela pesquisadora e sua orientadora. O material será armazenado no arquivo digital pelo tempo máximo de 5 anos, sendo completamente destruído após o término deste período.

Qualquer dado que possa identificá-lo(a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro, garantindo assim a confidencialidade e privacidade das informações por você prestadas. Sua participação é voluntária e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, de modo que sua colaboração não incluirá qualquer ônus ou retribuição financeira, tendo resguardado seu direito em não responder qualquer questão da entrevista, sem

necessidade de justificativa ou explicação para tal, de maneira que isso não configura um impeditivo para seguir respondendo a entrevista. Além do que, você pode abandonar o grupo a qualquer momento, sem prejuízos acadêmicos ou financeiros e sem apresentar qualquer justificativa, sendo necessária apenas a comunicação da desistência à pesquisadora. A qualquer tempo, você poderá solicitar à pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre o estudo, o que poderá ser feito por meio dos endereços de contato explicitados neste Termo.

Considerando sua participação na entrevista esta pesquisa conta com alguns possíveis riscos, quais sejam: invasão de privacidade; discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; se sentir constrangido em responder a questões sensíveis; cansaço ou aborrecimento ao responder as perguntas da entrevista; tomar o tempo do sujeito ao responder a entrevista; desconforto, sentimento de coação, constrangimento ou alterações de comportamento ao realizar a gravação de áudio ou áudio e vídeo; alterações de visão de mundo em razão de reflexões acerca de seu papel profissional; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional.

Na tentativa de diminuir as chances desses riscos, serão tomadas as seguintes providências: buscarei minimizar desconfortos, garantindo liberdade para não responder questões constrangedoras; estarei atenta como pesquisadora aos sinais verbais e não verbais de desconforto e incômodo, respeitando sua dignidade e sua liberdade; e seguridade de acesso aos resultados individuais e coletivos. Será assegurado a confidencialidade e a privacidade, a não estigmatização, a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio econômico e/ou financeiro, como também a manutenção do sigilo dos participantes. Serão tomadas todas as providências para a manutenção do sigilo e, caso mesmo assim ocorra a quebra involuntária e não intencional da confidencialidade, as consequências serão tratadas nos termos da lei. A pesquisadora se compromete a adotar, em todas as etapas da pesquisa, os cuidados necessários para mitigar os riscos acima elencados, em conformidade com os termos da Resolução CNS510/2016 e com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do IFC (CEPSH-IFC).

A legislação brasileira não permite que o participante tenha qualquer compensação financeira pela participação em uma pesquisa, entretanto, você será ressarcido caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer. De maneira que, caso tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência desta pesquisa, você também poderá solicitar indenização, em conformidade com a legislação vigente.

Os benefícios da pesquisa se manifestam de maneira indireta para os participantes e direta para a comunidade estudantil. Indiretamente, a pesquisa propõe uma reflexão sobre a própria prática profissional dos servidores públicos; o reconhecimento dos desafios e das limitações institucionais, podendo os servidores públicos agirem sobre ela adotando novas perspectivas em relação ao trabalho pedagógico.

No que se refere aos benefícios diretos, a pesquisa permite uma compreensão mais aprofundada das tensões e dilemas enfrentados pelos estudantes que ingressam no ensino médio integrado, bem como da concepção de afiliação estudantil. Além desses aspectos, os resultados da pesquisa podem contribuir para que a instituição promova discussões e dê continuidade a projetos e iniciativas relacionadas à temática.

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em eventos e/ou revistas científicas, por meio de artigos científicos, contemplando apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, formação ou qualquer outra informação relacionada à sua privacidade.

Em concordância com a sua participação nesta pesquisa, as pesquisadoras entrarão em contato com você para agendar uma data e horário para a entrevista. Informamos ainda que você receberá por e-mail uma via, de igual teor deste documento,

que será rubricada em todas as páginas por ambos ou assinada em via digital. É importante que você guarde uma cópia desse documento com cuidado, pois ele contém informações de contato importantes e assegura seus direitos como participante da pesquisa.

Fique ciente de que você terá acesso a todas as informações necessárias sobre esta pesquisa e que está livre para decidir participar ou recusar a participação a qualquer tempo. Mesmo que você tenha inicialmente concordado em participar, têm o direito de mudar de ideia ou interromper sua participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária, e não haverá penalidades nem mudanças em sua forma de atendimento caso opte por não participar. Nessa situação, a pesquisadora enviará por e-mail a resposta de ciência do interesse em deixar de participar da pesquisa e será retirado o seu consentimento.

Em nenhum momento da pesquisa seu nome será divulgado pela pesquisadora e os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os resultados da pesquisa darão origem a uma dissertação e a um produto educacional que será apresentado no programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica – Mestrado Profissional (ProfEPT), do Instituto Federal Catarinense como requisito para conclusão e ficarão à disposição da Instituição.

Ressalto que sua participação é de suma importância para o andamento deste estudo e gostaria de poder contar com a sua valorosa colaboração.

Esclarecemos que a instituição em que atua está ciente da pesquisa, tendo autorizado sua realização, e este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal Catarinense (IFC). O Comitê tem por objetivo assegurar os interesses dos sujeitos participantes de pesquisas científicas, em sua integridade e dignidade. Caso persistam dúvidas, sugestões e/ou denúncias após os esclarecimentos dados pela equipe científica desta pesquisa, o Comitê estará disponível para atendê-lo. O CEPSH do IFC está localizado no IFC-Campus Camboriú, atendendo pelo telefone (47) 2104- 0882 e endereço eletrônico cepsh@ifc.edu.br.

Desde já agradecemos sua participação.

Pesquisadora Responsável:

Gabriela Boemer Amaral Moretto

Fone: (47) 99661-0923

E-mail: gabriela.bamoretto@gmail.com

Orientadora Responsável:

Profª Drª Viviane Grimm

E-mail: viviane.grimm@ifc.edu.br

Instituto Federal Catarinense – IFC Campus Blumenau - CEP: 89070-270

Fone: (47) 37021700

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2558624064834423>

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com:

Comitê de Ética em Pesquisa CEPSH Instituto Federal Catarinense - IFC

Fone: (47) 2104-0882

E-mail: cepsh@ifc.edu.br

Consentimento após esclarecimento

Eu li o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e a quais procedimentos serei submetido(a). A explicação que recebi esclarece os riscos e os benefícios da pesquisa. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem que seja necessário justificar minha decisão. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e que não receberei dinheiro para participar do estudo. Diante do exposto, declaro que concordo em participar da pesquisa "A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES DO IFC CAMPUS BLUMENAU" e que receberei uma via desse documento assinado.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE): PARA OS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS – QUESTIONÁRIO PRESENCIAL

Prezado pai, mãe e/ou responsável legal;

Gostaríamos de convidar seu(sua) filho(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada: “A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES DO IFC *CAMPUS* BLUMENAU”, desenvolvida por Gabriela Boemer Amaral Moretto, discente do Mestrado Profissional, no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau, sob orientação da Professora Doutora Viviane Grimm e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFC (CEPSH).

O objetivo geral da pesquisa é investigar as contribuições das práticas de mediação pedagógica na afiliação estudantil de estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é “contribuir com o desenvolvimento de conhecimento sobre a transição para o ensino médio integrado, depreender o estatuto social de ser estudante, possibilitar uma afiliação escolar e favorecer o desenvolvimento de um produto educacional, o qual será disponibilizado à comunidade.”

Caso concorde com a participação do seu(sua) filho(a), ele(a) realizará a seguinte atividade: “questionário”, modalidade presencial, nas dependências do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: “estigmatização, divulgação de informações, invasão de privacidade, divulgação de dados confidenciais, interferência na vida e na rotina dos participantes, embaraço de interagir com estranhos, medo de repercussões eventuais”. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, “buscaremos garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos; minimizando desconfortos, garantindo liberdade para não responder questões constrangedoras; assegurando a confidencialidade e a privacidade, protegendo a imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro. Evitaremos cuidadosamente a perda ou roubo do material gravado. Além do mais, buscaremos garantir que seja indenizado por eventual dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei e o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa”.

Cabe esclarecer que você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizemos com seu(sua) filho(a) nesta pesquisa, você tem direito a indenização.

Além disso, você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para consentir ou não a participação de seu(sua) filho(a). Mesmo que você acorde com a participação agora, você poderá retirar o consentimento ou interromper a participação de seu(sua) filho(a) a qualquer momento. Nessa situação, a pesquisadora enviará por e-mail a resposta de ciência do interesse em deixar de participar da pesquisa e será retirado o seu consentimento. A participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido(a).

Em nenhum momento da pesquisa o nome de seu(sua) filho(a) será divulgado pela pesquisadora e os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Você e seu(sua) filho(a) também não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar dessa pesquisa.

Os benefícios da pesquisa se manifestam de maneira indireta para os participantes e direta para a comunidade estudantil. Indiretamente, a pesquisa propõe uma reflexão

sobre a própria prática profissional dos servidores públicos; o reconhecimento dos desafios e das limitações institucionais, podendo os servidores públicos agirem sobre ela adotando novas perspectivas em relação ao trabalho pedagógico.

No que se refere aos benefícios diretos, a pesquisa permite uma compreensão mais aprofundada das tensões e dilemas enfrentados pelos estudantes que ingressam no ensino médio integrado, bem como da concepção de afiliação estudantil. Além desses aspectos, os resultados da pesquisa podem contribuir para que a instituição promova discussões e dê continuidade a projetos e iniciativas relacionadas à temática.

Os resultados da pesquisa originarão uma dissertação e um produto educacional que serão apresentados no programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense como requisito para conclusão do mesmo e ficarão à disposição da Instituição.

Informamos ainda que você receberá uma via, de igual teor deste documento, que será rubricada em todas as páginas por ambos ou assinada em via digital. Reforçamos que é muito importante guardar em seus arquivos uma cópia deste documento. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. As pesquisadoras tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Esclarecemos que a instituição em que atua está ciente da pesquisa, tendo autorizado sua realização, e este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal Catarinense (IFC). O Comitê tem por objetivo assegurar os interesses dos sujeitos participantes de pesquisas científicas, em sua integridade e dignidade. Caso persistam dúvidas, sugestões e/ou denúncias após os esclarecimentos dados pela equipe científica desta pesquisa, o Comitê estará disponível para atendê-lo. O CEPSH do IFC está localizado no IFC-*Campus* Camboriú, atendendo pelo telefone (47) 2104- 0882 e endereço eletrônico cepsh@ifc.edu.br.

Desde já, agradecemos o consentimento para participação de seu(sua) filho(a) nesta pesquisa!

Pesquisadora Responsável:

Gabriela Boemer Amaral Moretto

Fone: (47) 99661-0923

E-mail: gabriela.bamoretto@gmail.com

Orientadora/Pesquisadora Responsável:

Profª Drª Viviane Grimm

E-mail: viviane.grimm@ifc.edu.br

Instituto Federal Catarinense – IFC Campus Blumenau - CEP: 89070-270

Fone: (47) 37021700

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com:

Comitê de Ética em Pesquisa CEPSH Instituto Federal Catarinense - IFC

Fone: (47) 2104-0882

E-mail: cepsh@ifc.edu.br

Consentimento após esclarecimento

Eu _____, portador do documento de identidade _____, aceito que meu representado _____ participe da pesquisa intitulada: "A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES DO IFC *CAMPUS* BLUMENAU". Fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada, bem como sobre a metodologia que será adotada, sobre os riscos e benefícios envolvidos. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Uso de imagem/gravação

Autorizo o uso de imagem, áudio e de textos oriundos de sua transcrição de meu representado(a) para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito à análise de dados pela pesquisadora e a publicações científicas, desde que mantido sigilo com relação ao seu nome.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura dos pais e/ou responsáveis

APÊNDICE E - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) – PARA ESTUDANTES MENORES DE IDADE - QUESTIONÁRIO PRESENCIAL

Prezado(a) Estudante,

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário da pesquisa intitulada: “A AFILIAÇÃO ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO À EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COM ESTUDANTES DO IFC *CAMPUS* BLUMENAU”, desenvolvida por Gabriela Boemer Amaral Moretto, discente do Mestrado Profissional, no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau, sob orientação da Professora Doutora Viviane Grimm e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFC (CEPSH).

O objetivo geral da pesquisa é investigar as contribuições das práticas de mediação pedagógica na afiliação estudantil de estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é “contribuir com o desenvolvimento de conhecimento sobre a transição para o ensino médio integrado, depreender o estatuto social de ser estudante, possibilitar uma afiliação escolar e favorecer o desenvolvimento de um produto educacional, o qual será disponibilizado à comunidade.”

Caso concorde em participar, você realizará a seguinte atividade: “questionário”, modalidade presencial, nas dependências do Instituto Federal Catarinense (IFC) *Campus* Blumenau. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são: “estigmatização, divulgação de informações, invasão de privacidade, divulgação de dados confidenciais, interferência na vida e na rotina dos participantes, embaraço de interagir com estranhos, medo de repercussões eventuais”. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, “buscaremos garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos; minimizando desconfortos, garantindo liberdade para não responder questões constrangedoras; assegurando a confidencialidade e a privacidade, protegendo a imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro. Evitaremos cuidadosamente a perda ou roubo do material gravado. Além do mais, buscaremos garantir que seja indenizado por eventual dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei e o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa”.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Cabe esclarecer que você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização.

Além disso, você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. Nessa situação, a pesquisadora enviará por e-mail a resposta de ciência do interesse em deixar de participar da pesquisa e será retirado o seu consentimento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido(a).

Em nenhum momento da pesquisa seu nome será divulgado pela pesquisadora e os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Você também não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar dessa pesquisa. O

responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Os benefícios da pesquisa se manifestam de maneira indireta para os participantes e direta para a comunidade estudantil. Indiretamente, a pesquisa propõe uma reflexão sobre a própria prática profissional dos servidores públicos; o reconhecimento dos desafios e das limitações institucionais, podendo os servidores públicos agirem sobre ela adotando novas perspectivas em relação ao trabalho pedagógico.

No que se refere aos benefícios diretos, a pesquisa permite uma compreensão mais aprofundada das tensões e dilemas enfrentados pelos estudantes que ingressam no ensino médio integrado, bem como da concepção de afiliação estudantil. Além desses aspectos, os resultados da pesquisa podem contribuir para que a instituição promova discussões e dê continuidade a projetos e iniciativas relacionadas à temática.

Os resultados da pesquisa originarão uma dissertação e um produto educacional que serão apresentados no programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense como requisito para conclusão do mesmo e ficarão à disposição da Instituição.

Informamos ainda que você receberá uma via, de igual teor deste documento, que será rubricada em todas as páginas por ambos ou assinada em via digital. Reforçamos que é muito importante guardar em seus arquivos uma cópia deste documento. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. As pesquisadoras tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Esclarecemos que a instituição em que atua está ciente da pesquisa, tendo autorizado sua realização, e este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) do Instituto Federal Catarinense (IFC). O Comitê tem por objetivo assegurar os interesses dos sujeitos participantes de pesquisas científicas, em sua integridade e dignidade. Caso persistam dúvidas, sugestões e/ou denúncias após os esclarecimentos dados pela equipe científica desta pesquisa, o Comitê estará disponível para atendê-lo. O CEPSH do IFC está localizado no IFC-Campus Camboriú, atendendo pelo telefone (47) 2104- 0882 e endereço eletrônico cepsh@ifc.edu.br.

Desde já, agradecemos sua participação nesta pesquisa!

Pesquisadora Responsável:

Gabriela Boemer Amaral Moretto

Fone: (47) 99661-0923

E-mail: gabriela.bamoretto@gmail.com

Orientadora/Pesquisadora Responsável:

Profª Drª Viviane Grimm

E-mail: viviane.grimm@ifc.edu.br

Instituto Federal Catarinense – IFC Campus Blumenau - CEP: 89070-270

Fone: (47) 37021700

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com:
Comitê de Ética em Pesquisa CEPSH Instituto Federal Catarinense - IFC

Fone: (47) 2104-0882
E-mail: cepsh@ifc.edu.br

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável, declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

APÊNDICE F - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA SERVIDOR(A) TÉCNICO - ADMINISTRATIVO EM EDUCAÇÃO MEMBRO DA EQUIPE TÉCNICA DO SERVIÇO INTEGRADO DE SUPORTE E ACOMPANHAMENTO EDUCACIONAL (SISAE)

IDENTIFICAÇÃO

- Nome:
- Cargo:
- Função:
- Quanto tempo está atuando na instituição:
- Quanto tempo está no setor:

FORMAÇÃO

- Graduação (área):
- Pós-Graduações (área):

SERVIÇOS SISAE

- Quais são os desafios mais comuns enfrentados pelos estudantes do EMIEP ingressantes do IFC Campus Blumenau? (estranhamento, aprendizagem e afiliação)
- Esses desafios se alteram ao longo do curso?
- Quais experiências e ações já foram realizadas para atender a esses estudantes com base nos desafios identificados?
- Há alguma atividade direcionada para a recepção e acompanhamento dos estudantes ingressantes?
- Quais ações você sugere para melhor apoiar esses estudantes ingressantes em suas trajetórias acadêmicas?

APÊNDICE G - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA COORDENADOR(A) DE CURSO

IDENTIFICAÇÃO

- Nome:
- Cargo:
- Função:
- Quanto tempo está atuando na instituição:
- Quanto tempo está/esteve atuando na coordenação:

FORMAÇÃO

- Graduação (área):
- Pós-Graduações (área):

SERVIÇOS DA COORDENAÇÃO

- Quais são os desafios mais comuns enfrentados pelos estudantes do EMIEP ingressantes do IFC Campus Blumenau? (estranhamento, aprendizagem e afiliação)
- Esses desafios se alteram ao longo do curso?
- Quais experiências e ações já foram realizadas pelo curso para atender a esses estudantes com base nos desafios identificados?
- Há alguma atividade direcionada para a recepção e acompanhamento dos estudantes ingressantes?
- Quais ações você sugere para melhor apoiar esses estudantes ingressantes em suas trajetórias acadêmicas?

APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO APLICADO COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO DOS CURSOS DE ELETROMECÂNICA E INFORMÁTICA

1 - INFORMAÇÕES PESSOAIS

Nome completo:

Nome completo do pai/mãe ou responsável:

E-mail:

Data de Nascimento: ____/____/____

Sexo: () Feminino () Masculino

Cor: () Branco () Pardo () Preto () Amarelo () Indígena

2 - INGRESSO NO IFC

Em qual rede de ensino você estudou antes de ingressar no IFC?

() Escola Pública () Escola Privada () Parcialmente em Escola Pública e Privada

Seu ingresso no IFC foi por meio de ações afirmativas?

() Sim () Não

Se sua resposta anterior foi SIM, selecione a sua categoria de ação

afirmativa: () Escola pública baixa renda (EP-BR) - CadÚnico

() Negros (preto, pardo) ou indígena (PPI)

() Pessoa com deficiência (PcD)

() Escola pública

() Baixa renda

() Agricultura familiar

Qual curso de Ensino Médio Integrado você está matriculado?

() Eletromecânica () Informática

Qual ano do EMI você está cursando? () 1º ano () 2º ano

Por que você escolheu fazer um curso de Ensino Médio Integrado no IFC? Descreva os motivos que te levaram a escolher o Ensino Médio Integrado e o curso que está fazendo no IFC.

3 - ADAPTAÇÃO AO IFC

Como foi o período inicial de adaptação no IFC Blumenau?

Conte como você se sentiu no começo, as primeiras impressões e como foi se adaptar à nova rotina e ao ambiente.

Você participou de alguma atividade ou ação no início do curso que ajudou na sua integração no IFC?

Se sim, quais atividades foram realizadas e quem as organizou?

4 - DESAFIOS NA TRANSIÇÃO ESCOLAR

Quais foram os principais desafios que você enfrentou nessa mudança do Ensino Fundamental para o Ensino Médio Integrado?

Pense nas dificuldades, sejam elas pessoais, acadêmicas ou sociais, que apareceram nesse período.

Quais estratégias você usou ou procurou para superar esses desafios? Fale um pouco sobre o que você fez ou buscou para lidar com esses obstáculos.

5 - MELHORIA DA INTEGRAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO

O que você acha que pode ser feito para que os(as) estudantes se identifiquem com o curso e com o IFC Campus Blumenau?

Sugira ações ou ideias que possam ajudar os estudantes a se sentirem mais conectados ao curso e ao campus.

Na sua opinião, o que você pode fazer, individualmente ou em grupo, para facilitar a integração e permanência no IFC?

Pense em atitudes suas, ou em conjunto com colegas, que podem contribuir para melhorar a experiência de todos no IFC.

6 - SUGESTÕES PARA O IFC

O que o IFC poderia fazer, na sua opinião, para facilitar a adaptação dos estudantes, garantir que eles permaneçam no curso e tenham sucesso na aprendizagem?

Pense em ações, políticas, atividades ou recursos que o IFC poderia implementar para melhorar a experiência dos estudantes.

7 - SER ESTUDANTE DO EMI

Com poucas palavras, como você definiria “ser estudante do EMI”?

Escreva de forma simples e direta o que “ser estudante do Ensino Médio Integrado” significa para você.

APÊNDICE I – ROTEIRO DA OFICINA CHEGUEI NO IFC. E AGORA?

Duração: Aproximadamente 90 min

Público-alvo: Estudantes ingressantes no Ensino Médio Integrado

Objetivo Geral: Facilitar a transição para o Ensino Médio Integrado, promovendo acolhimento, reflexão sobre expectativas e fortalecimento de laços entre os participantes.

1. Acolhida (10 minutos)

- Recepção.
 - Mensagem: "Que bom ter você aqui! Parabéns pela conquista."
 - Breve apresentação da pesquisadora.
 - Explicação do objetivo da oficina.
-

2. Reflexão Guiada: Minha Jornada no Ensino Médio Integrado (30 minutos)

Objetivo: Estimular os estudantes a refletirem sobre suas expectativas, medos e sonhos.

1. Atividade de Escrita Individual:

Distribua folhas de papel e canetas.

- Oriente os participantes a responderem:
 - O que você espera conquistar no Ensino Médio Integrado?
 - Quais são seus maiores medos ou desafios?
 - O que você pode oferecer ao grupo?
 - **Partilha:**
 - Breve socialização com o grupo todo (voluntários compartilham)
-

3. Dicas de Aprendizagem: Explorando Habilidades e Estratégias (40 minutos)

Objetivo: Apresentar aos estudantes boas práticas de estudo e organização para potencializar seu desempenho acadêmico.

1. Apresentação Interativa:

- Apresente dicas baseadas no material anexo, incluindo:
 - A importância de estabelecer uma rotina de estudos.
 - Como criar um ambiente adequado para aprendizado.
 - Técnicas de resumo e organização de conteúdos.
 - Uso de ferramentas digitais para apoiar os estudos.

2. Atividade Prática:

- Divida os participantes em pequenos grupos e distribua cenários fictícios relacionados a desafios escolares (ex.: dificuldade em organizar o tempo, dificuldade com leitura de textos longos).
- Cada grupo deve propor soluções baseadas nas dicas apresentadas.

3. Discussão:

- Cada grupo compartilha suas soluções.
 - A pesquisadora complementa com observações e reforça os pontos principais.
-

5. Encerramento e Avaliação (10 minutos)

Objetivo: Finalizar a oficina com momentos de reflexão e feedback.

Atividade individual:

- Escreva em um cartaz coletivo:
✍️ "O que você espera deste novo ciclo?"

Avaliação:

- Escanear QR Code e preencher formulário do Guia Acolhe IFC.

Mensagem final:

- "Ser estudante é um processo. Você não está sozinho(a). Estamos aqui pra caminhar juntos."
-

Materiais Necessários:

- Folhas de papel e canetas.
- Post-its e painel (ou parede acessível).
- Notebook.
- Projetor ou cartazes com as dicas de aprendizagem.